

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Laura Alpi Coutinho

**O COMPROMETIMENTO COMO CARACTERÍSTICA E POTÊNCIA
NO JORNALISMO NARRATIVO DE CALLADO, GARCÍA MÁRQUEZ,
WALSH E PONIATOWSKA: LEITURAS DE UM MOVIMENTO
PRÓPRIO DA AMÉRICA LATINA**

Santa Maria, RS, Brasil
2020

Laura Alpi Coutinho

**O COMPROMETIMENTO COMO CARACTERÍSTICA E POTÊNCIA NO JORNALISMO
NARRATIVO DE CALLADO, GARCÍA MÁRQUEZ, WALSH E PONIATOWSKA: LEITURAS
DE UM MOVIMENTO PRÓPRIO DA AMÉRICA LATINA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Comunicação**.

Orientador: Prof. Dr. Reges Schwaab

Santa Maria, RS, Brasil
2020

Coutinho, Laura

O comprometimento como característica e potência no jornalismo narrativo de Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska: leituras de um movimento próprio da América Latina / Laura Coutinho.- 2020.

106 p.; 30 cm

Orientador: Reges Schwaab

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2020

1. Jornalismo 2. Literatura 3. Jornalismo narrativo
4. América Latina 5. Comprometimento I. Schwaab, Reges
II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, LAURA COUTINHO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

O comprometimento como característica e potência no jornalismo
narrativo de Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska:
leituras de um movimento próprio da América Latina

elaborada por
LAURA ALPI COUTINHO

Aprova em 30 de junho de 2020.

Como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:



Reges Toni Schwaab, Dr. (UFSM)
Presidente/Orientador



Alexandre Maciel, Dr. (UFMA)
por videoconferência



Laura Strelow Storch, Dra. (UFSM)
por videoconferência

Santa Maria, 30 de junho de 2020.

DEDICATÓRIA

*Para Maria Cleonice e Luiz Antônio,
que sempre me ensinaram a importância da leitura,
do estudo e da perseverança.*

AGRADECIMENTOS

Começo com o lugar onde me alimentei com conhecimento, fui despertada por inspirações, vencida pelo cansaço – dormindo algumas vezes em lugares inusitados –, e pude experienciar sonhos e conquistas. Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), por ter sido cenário para ocasiões mais que encantadoras. Deixo aqui o registro de meu compromisso de sempre defender a universidade pública, gratuita e o ensino de qualidade.

Aos técnicos do campus da UFSM - Frederico Westphalen e aos professores do Departamento de Comunicação, expressei minha gratidão por terem proporcionado tantas oportunidades de aprendizado sobre o jornalismo e o papel do jornalista em minha graduação. Eles ajudaram a construir a base para essa conquista de hoje.

Deixo aqui um reconhecimento especial ao professor Elias José Mengarda (*in memoriam*), quem me apresentou ao jornalismo narrativo e fez avivar em mim a admiração pelos livros-reportagem. Com ele aprendi que devemos ter cuidado ao escrever, mas sobretudo, devemos ter atenção ao ler e ao ouvir. Sinto a falta desse ilustre educador.

Aos professores e amigos com quem convivi no intercâmbio acadêmico na Universidade Nacional de Córdoba, Argentina, agradeço por me ensinarem o significado da palavra “hermanos” e por provocarem em mim a consciência e o sentimento latino-americano.

Agradeço aos servidores da UFSM - Campus de Santa Maria, e aos professores do Programa de Pós Graduação em Comunicação (POSCOM) por contribuírem com o aprimoramento de meu conhecimento sobre jornalismo, comunicação e pesquisa. Em especial à Márcia Amaral por ser alento para discussões sobre o jornalismo dentro do programa.

Ao meu orientador, Reges Schwaab, agradeço por nossas conversas, nas quais sempre compartilhou conhecimento. Sou grata pela vasta paciência nesses dois anos, pela parceria, pelos apontamentos instigadores e, principalmente, pelo apoio. Externamente minha gratidão também por ele acreditar neste estudo tanto quanto eu e por não ter desistido de mim, inclusive em meus momentos mais desafiadores, nos quais questioneei minha capacidade. Espero um dia ser referência para alguém, assim como ele é para mim.

Meu muito obrigada aos integrantes do grupo de pesquisa Resto. Seguirei participando das discussões e contribuindo no que for possível para a pesquisa sobre a prática jornalística e a importância do reconhecimento do Outro em nossa atuação.

Aos professores Alexandre Maciel e Laura Storch, que gentilmente aceitaram participar das bancas de qualificação e defesa, deixo meu muito obrigada pelas colocações realmente auxiliadoras que me possibilitaram fazer um trabalho ainda melhor.

À amiga e colega de mestrado Cleusa Jung, sou grata pela partilha da experiência e por estar sempre disposta a ajudar. Espero manter essa parceria ao longo do tempo.

Aos meus colegas de turma – e hoje mestres – Daniela Huberty, Emanuely Vargas, Isabel Caline, Lucas Nunes, Marco Marão e Simone Munir por toda a “terapia coletiva”. Sem eles as aulas e a experiência da pós-graduação, no geral, não seriam tão enriquecedoras e divertidas. Obrigada de coração.

Às minhas amigas Leticia Silva e Raíza Mesquita agradeço por serem ouvidos atentos, abraços reconfortantes e puxões de orelha necessários. Elas são as melhores.

Aos meus tios Vera e Ivan Rossetti agradeço pelo aconchego em minhas passagens por Santa Maria. Eles fizeram muito mais do que me proporcionar um lugar confortável para dormir, eles me apoiaram em todos os sentidos, acompanhando os bastidores desse processo e não medindo esforços e carinho para torná-lo mais tranquilo.

Aos meus irmãos, Larissa e Gabriel Coutinho deixo meu agradecimento por sempre lutarem para que eu tivesse melhores condições de estudo do que eles mesmos acessaram. À Larissa agradeço por me motivar a sorrir. Ao Gabriel agradeço por todas as madrugadas em que me esperou na rodoviária e pelas buscas por livros que eu precisava para a pesquisa.

Por fim, deixo meu muito obrigada às pessoas mais importantes de minha vida, meus pais. Eles me ensinaram a lutar pelo que acredito, por mais tentador que permanecer na zona de conforto possa ser. Minha mãe, Maria Cleonice Alpi Coutinho, é a mulher que mais me inspira e quem me mostrou o valor da educação. Meu pai, Luiz Antônio Fayet Coutinho, é aquele que me ensinou que o carinho é expressado pela atenção que damos à algo ou alguém.

Quem opta pelo regime autoritário não tem fé nem apreço pela criação artística.

Antônio Callado

As mulheres são as grandes esquecidas da história. Os livros são a melhor forma de homenageá-las.

Elena Poniatowska

Queria ser jornalista, queria escrever romances e queria fazer algo por uma sociedade mais justa.

Gabriel García Márquez

Espero que não me critiquem por acreditar em um livro, quando são tantos os que acreditam nas metralhadoras.

Rodolfo Walsh

RESUMO

O COMPROMETIMENTO COMO CARACTERÍSTICA E POTÊNCIA NO JORNALISMO NARRATIVO DE CALLADO, GARCÍA MÁRQUEZ, WALSH E PONIATOWSKA: LEITURAS DE UM MOVIMENTO PRÓPRIO DA AMÉRICA LATINA

AUTORA: Laura Alpi Coutinho
ORIENTADOR: Prof. Dr. Reges Schwaab

A dissertação aproxima a perspectiva da Alteridade (BAKHTIN, 2009) no jornalismo, pelo viés da Outridade (FREITAS; BENETTI, 2017), ao conceito de Comprometimento (AMAR SÁNCHEZ, 1986) dentro dos livros-reportagem do brasileiro Antônio Callado, do colombiano Gabriel García Márquez, do argentino Rodolfo Walsh e da mexicana Elena Poniatowska, propondo uma reflexão acerca do jornalismo narrativo desenvolvido por eles no cenário latino-americano entre os anos 1950 e 1960. A narrativa jornalística é vista como possibilidade de mudança social ao convidar para a reflexão sobre o reconhecimento do Outro e como esse gesto afeta o narrar. A inquietação diante do silenciamento do Outro e a percepção das injustiças sociais, fez com que esses jornalistas experimentassem um modo específico de olhar e relatar. A pesquisa está amparada na leitura narrativa dos livros: *Esqueleto na lagoa verde* (CALLADO, 2010); *Relato de un naufrago* (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016); *Operación masacre* (WALSH, 2010); e *Hasta no verte Jesús mío* (PONIATOWSKA, 2013). Portanto, considerando o jornalismo e a literatura em sua expressão híbrida, partindo da América Latina como cenário, e sugerindo o Comprometimento como característica potencializadora, foi estabelecido o problema de pesquisa: Como Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska contribuem para a identificação de um fazer jornalístico narrativo próprio da América Latina? Ele se desdobra em um objetivo geral: analisar a prática do jornalismo narrativo nas obras e discutir semelhanças e particularidades entre a postura desses jornalistas. Além dos objetivos específicos: (1) Identificar estratégias narrativas em comum e especificidades nas obras; (2) Discutir a relevância da atuação deles para o desenvolvimento da literatura de não-ficção na América Latina; e, (3) Trabalhar os conceitos de Polifonia, Alteridade e Comprometimento associados ao jornalismo narrativo. Os procedimentos incluíram revisão bibliográfica e análise narrativa – valendo-se do método *Comparatismo periodístico-literario* (CHILLÓN, 1999) –, com base no Comprometimento e na Outridade, de recortes exemplares das obras, que servem como objeto de análise, em que se sobressai o fazer jornalístico baseado no compromisso com o Outro, utilizando ferramentas da narrativa literária para a representação de sujeitos marginalizados e a interação dos jornalistas com eles. Com a análise e comparação foi possível concluir que além de ouvir o Outro, interpretá-lo e compartilhar suas experiências, esses jornalistas foram mais longe ao provocar a reflexão sobre os acontecimentos narrados, suas causas e consequências sociais, e ainda, o papel do jornalista enquanto aquele que expõe injustiças. Os quatro questionam em suas obras como nos portamos diante desses Outros, que espaço social lhes é garantido, e o que cabe a cada um de nós para mudar essa realidade intolerante. Os jornalistas antecipam as respostas: foi imposto aos índios a margem histórica; à liberdade de expressão o limite; aos que se posicionam politicamente diferente a hostilidade; e às mulheres a desigualdade. O compromisso não se dá ao dizer o que já sabemos, mas sim ao questionar, ao provocar a inquietude, ao nos fazer pensar nossas ações e posições diante desses Outros, indicando um importante traço nas produções latino-americanas.

Palavras-chave: Jornalismo. Literatura. Jornalismo narrativo. América Latina. Comprometimento.

RESUMEN

EL COMPROMETIMIENTO COMO CARACTERÍSTICA Y POTENCIA EN EL PERIODISMO NARRATIVO DE CALLADO, GARCÍA MÁRQUEZ, WALSH Y PONIATOWSKA: LECTURAS DE UN MOVIMIENTO PROPIO DE AMÉRICA LATINA

AUTORA: Laura Alpi Coutinho
DIRECTOR: Prof. Dr. Reges Schwaab

La disertación trae la perspectiva de Alteridad (BAKHTIN, 2009) en el periodismo, a través del sesgo de la Otridad (FREITAS; BENETTI, 2017), al concepto de Comprometimiento (AMAR SÁNCHEZ, 1986) dentro de los libros periodísticos del brasileño Antônio Callado, del colombiano Gabriel García Márquez, del argentino Rodolfo Walsh y de la mexicana Elena Poniatowska, proponiendo una reflexión sobre el periodismo narrativo desarrollado por ellos en la escena latinoamericana entre las décadas de 1950 y 1960. La narrativa periodística se ve como una posibilidad de cambio social al invitar a la reflexión sobre el reconocimiento del Otro y cómo este gesto afecta la narración. La preocupación por el silenciamiento del Otro y la percepción de las injusticias sociales garantizaron a estos periodistas la posibilidad de experimentación de una forma específica de mirar e informar. La investigación está respaldada por la lectura narrativa de los libros: *Esqueleto na lagoa verde* (CALLADO, 2010); *Relato de un naufrago* (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016); *Operación masacre* (WALSH, 2010); y *Hasta no verte Jesús mío* (PONIATOWSKA, 2013). Por lo tanto, considerando el periodismo y la literatura en su expresión híbrida, teniendo la América Latina como escenario, y sugiriendo el Comprometimiento como una característica potencializadora, se estableció el problema de investigación: ¿cómo Callado, García Márquez, Walsh y Poniatowska contribuyen a la identificación de un hacer periodístico narrativo típico de América Latina? Lo que se desarrolla en un objetivo general: analizar la práctica del periodismo narrativo en las obras y discutir similitudes y particularidades entre la posición de estos periodistas. Además de los objetivos específicos: (1) Identificar estrategias narrativas comunes y especificidades en las obras; (2) Discutir la relevancia de su desempeño para el desarrollo de literatura de no ficción en América Latina; y (3) Trabajar los conceptos de Polifonía, Alteridad y Comprometimiento asociados con el periodismo narrativo. Los procedimientos metodológicos incluyeron revisión bibliográfica y análisis narrativo, utilizando el método comparatismo periódico-literario (CHILLÓN, 1999), basado en el Comprometimiento y la Otridad, de recortes ejemplares de las obras, que sirven como objeto de análisis, en el cual se destaca la práctica periodística basada en el compromiso con el Otro, utilizando herramientas narrativas literarias para representar a los sujetos marginados y a la interacción de los periodistas con ellos. Con el análisis y la comparación fue posible concluir que, además de escuchar al Otro, interpretarlo y compartir sus experiencias, estos periodistas fueron más allá al provocar una reflexión sobre los eventos narrados, sus causas y consecuencias sociales e incluso el papel del periodista como el que expone las injusticias. Los cuatro cuestionan en sus obras cómo nos comportamos ante estos Otros, qué espacio social se les garantiza y que depende de cada uno para cambiar esta realidad intolerante. Los periodistas anticipan las respuestas: se impuso el margen histórico a los indios; la limitación a la libertad de expresión; la hostilidad a los que adoptan una posición política distinta y la desigualdad a las mujeres. El compromiso no está en decir lo que ya se sabe, sino al preguntar, provocar inquietud y hacer pensar a las personas acerca de sus acciones y posiciones hacia estos Otros, lo que indica una característica importante en las producciones latinoamericanas.

Palabras clave: Periodismo. Literatura. Periodismo narrativo. América Latina. Comprometimiento.

ABSTRACT

COMMITMENT AS CHARACTERISTIC AND STRENGTH IN THE NARRATIVE JOURNALISM OF CALLADO, GARCÍA MÁRQUEZ, WALSH AND PONIATOWSKA: READINGS OF A LATIN AMERICAN MOVEMENT

AUTHOR: Laura Alpi Coutinho
ADVISOR: Prof. Dr. Reges Schwaab

This study approximates the perspective of Alterity (BAKHTIN, 2009) in journalism, represented by Otherness (FREITAS; BENETTI, 2017), to the concept of Commitment (AMAR SÁNCHEZ, 1986) in the non-fiction novels of the Brazilian Antônio Callado, the Colombian Gabriel García Márquez, the Argentine Rodolfo Walsh and the Mexican Elena Poniatowska, proposing a reflection on the narrative journalism developed by them in the Latin American scene between the 1950s and 1960s. The journalistic narrative is seen here as a possibility for social change by inviting the reader to the reflection about the recognition of the Other and how this gesture affects the narration. The concern about the silence of the Other and the perception of social injustices, made these journalists experience a specific way of looking and reporting. The research is supported by the narrative reading of the books: *Esqueleto na lagoa verde* (CALLADO, 2010); *Relato de un naufrago* (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016); *Operación masacre* (WALSH, 2010); and *Hasta no verte Jesús mío* (PONIATOWSKA, 2013). Therefore, considering journalism and literature in their hybrid expression, having Latin America as a scenario, and suggesting Commitment as a potentializing characteristic, the research problem was established: How Callado, García Márquez, Walsh and Poniatowska contribute to the identification of a journalistic narrative practice typical of Latin America? It unfolds in a general objective: to analyze the practice of narrative journalism in their books and to discuss similarities and particularities between the posture of these journalists. The general objective is detailed in three specific objectives: (1) Identify common narrative strategies and specificities in their non-fiction novels to ascertain the existence of a paradigm in the Latin American hybrid; (2) Discuss the relevance of their work for the development of non-fiction literature in Latin America; and, (3) Operate the concepts of Polyphony, Alterity and Commitment associated with narrative journalism. The procedures included bibliographic review and narrative analysis - making use of the Journalistic-Literary Comparatism method (CHILLÓN, 1999) -, based on Commitment and Otherness, of exemplary clippings of the books, which serve as the object of analysis, in which stands out making journalism based on the commitment to the Other, using literary narrative tools to represent marginalized subjects and journalists' interaction with them. With the analysis and comparison it was possible to conclude that, in addition to listening to the Other, interpreting them and sharing their experiences, these journalists went further by provoking reflection about the narrated events, their causes and social consequences, and even the role of the journalist as the one who exposes injustices. The four journalists questioned, in their writings, how we behave before these Others, what social space is guaranteed to them, and what is up to each one of us to change the intolerant reality. Journalists anticipate the answers: the historical margin was imposed on the Natives; as well the limitation to freedom of expression; the hostility to those who take a different political opinion; and inequality to women. The commitment is not made when saying what is already known, but when questioning and making us think about our actions and positions towards these Others, indicating an important feature in Latin American narrative journalism productions.

Keywords: Journalism. Literature. Narrative journalism. Latin America. Commitment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Relação conceitual	35
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-1	Ato Institucional Número Um
AI-5	Ato Institucional Número Cinco
ANCLA	<i>Agencia de Noticias Clandestinas</i>
ARC	<i>Armada Nacional de la República Colombiana</i>
BBC	<i>British Broadcasting Corporation</i>
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
COMPÓS	Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
CPL	<i>Comparatismo periodístico-literario</i>
IBICT	Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
POSCOM	Programa de Pós-graduação em Comunicação
RS	Rio Grande do Sul
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
SBPJOR	Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1 PRÓLOGO: O COMEÇO DE UMA PESQUISA	14
2 PERSONAGENS: PERCURSOS E ENTRECRUZARES METODOLÓGICOS	22
2.1 ARTICULAÇÕES A PARTIR DA TEORIA BAKHTINIANA	25
2.2 CONCEITOS OPERACIONAIS E CATEGORIAS DE ANÁLISE	31
3 CONTEXTOS: APROXIMAÇÕES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA	36
3.1 A LITERATURA NA REPORTAGEM COMO PROPOSTA DE RUPTURA	39
3.2 ELEMENTOS DA NARRATIVA HÍBRIDA NA AMÉRICA LATINA	41
3.3 O BRASIL DE ANTÔNIO CALLADO	48
3.4 A COLÔMBIA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	53
3.5 A ARGENTINA DE RODOLFO WALSH	59
3.6 O MÉXICO DE ELENA PONIATOWSKA	65
4 CLÍMAX: A LEITURA ATENTA DOS LIVROS-REPORTAGEM	69
4.1 CONTEXTURA JORNALÍSTICA NAS OBRAS	69
4.2 VISITA AO XINGU E O DESCASO COM OS INDÍGENAS BRASILEIROS	72
4.3 O NAUFRÁGIO QUE EMERGE A FARSA DO GOVERNO COLOMBIANO	76
4.4 FUZILAMENTO DE CIVIS POR ALGOZES DA DITADURA ARGENTINA	81
4.5 O OLHAR DE UMA MULHER SOBRE A REVOLUÇÃO MEXICANA	85
4.6 O ANÚNCIO DE UM MOVIMENTO LATINO-AMERICANO	91
EPÍLOGO: ESTÍMULOS PARA UMA CONTINUAÇÃO	96
REFERÊNCIAS	101

1 PRÓLOGO: O COMEÇO DE UMA PESQUISA

Ao ler um livro, nem sempre atentamos para a história daquele que o escreveu. Envoltos pela narrativa apresentada nas páginas, ignoramos toda uma série de contextos que levaram o autor a fazê-la. Ao aproximar Antônio Callado, Gabriel García Márquez, Rodolfo Walsh e Elena Poniatowska, com o intuito de compreender suas obras jornalísticas como precursoras de um movimento próprio da América Latina, em que estão reunidos o jornalismo e a literatura, pude sentir o peso da árdua tarefa de narrar sobre aqueles que são especialistas em contar histórias.

São duas as justificativas centrais que amparam a pesquisa realizada e apresentada aqui. A primeira é a emergência por compreender como esses repórteres exerceram o fazer jornalístico baseado em uma ética do encontro, preocupados com a representação das vozes sociais que mais necessitavam serem ouvidas, tudo isso em meio a períodos políticos obscuros em seus países. Mais de 70 anos separam a publicação de suas obras e o período atual, porém as adversidades que eles destacavam continuam vigentes. O desrespeito à luta indígena, a falta de reconhecimento da mulher, a perseguição política e a corrupção ainda assolam os países de origem desses escritores/jornalistas, com o agravante de que muitos acreditam estar vivendo hoje em um período de democracia e igualdade social consolidadas. O retorno ao passado serve não só para evitar que problemas regressem, mas para buscarmos inspiração naqueles que já atuaram em condições extremas e inauguraram um tipo comprometido de jornalismo, como alguns estudos sobre seus trabalhos indicam.

Para poder compreender a conjuntura em que se encontravam é preciso uma mirada própria sobre a América Latina – o que vem a ser a segunda justificativa – valendo-se de autores e estudiosos latino-americanos, de modo que o processo de caracterização do híbrido jornalismo narrativo possa ser desenvolvido aqui. Uma vez que nossas origens, experiências e as relações com o coletivo, permeiam nossas identidades, de modos distintos para cada indivíduo, mas ainda assim marcas dos ambientes e pessoas de nosso convívio transparecem nas ações de cada um.

Partindo dessa reflexão é que o presente trabalho foi proposto, por considerar que a narrativa jornalística que se originou na América Latina, em seus entrecruzamentos com a

literatura, pode possuir traços únicos que dizem muito sobre o que aqui é produzido e por que assim o produzimos. Pensar nos caminhos que moldaram a identidade do híbrido jornalismo narrativo desta parte do continente, portanto, é o que conduziu o estudo – o qual buscarei dar sequência e aprofundar em pesquisas futuras.

Dois campos que já carregam em si características heterogêneas, que são ainda multiplicadas quando incorporadas questões autóctones de cada região, não podem ser abordados como uma aproximação que desconsidere o local em que se dá a confluência. No cenário latino-americano, parece ser deslocado reproduzir miradas estadunidenses e europeias sob as produções de não ficção, ignorando as especificidades dos contextos sócio-históricos vivenciados por nossos jornalistas. Mesmo que existam semelhanças, ou até mesmo inspirações, há, também, algo que nos diferencia.

Essa proposta levou alguns anos amadurecendo, pois junto com ela a concepção da minha identidade latino-americana também ia se moldando. No início da graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Maria – Campus Frederico Westphalen, tive os primeiros contatos com os chamados livros-reportagem, quando fui apresentada a um jornalismo de fôlego, envolvente e que surpreendeu por abraçar também aspectos de literatura, desestabilizando em mim a máxima de um jornalismo sucinto, moldado na objetividade e pelas cinco perguntas do *lead*. Foi assim que nomes como Truman Capote e Tom Wolfe foram parar em minha estante e na cabeceira da cama, passando a gerar questionamentos sobre o fazer jornalístico ensinado nos manuais de redação e porque ele era tão distinto do que passei a ler em livros escritos por jornalistas.

Com a experiência do intercâmbio na Argentina, quando cursei um semestre de Comunicação Social na Universidad Nacional de Córdoba, a indagação modificou-se: “por que lemos tão pouco jornalismo narrativo latino-americano?”. Nas aulas da disciplina de *Movimientos Estéticos y Cultura Argentina* percebi como meus colegas não só tinham acesso à obras de jornalistas brasileiros e estadunidenses, mas sobretudo colombianos, mexicanos, peruanos e uruguaios, para além dos argentinos. Com essas ponderações, o retorno ao Brasil veio acompanhado da escolha do tema do trabalho de conclusão de curso, no qual atentei para a necessidade de pesquisas que se aprofundem na produção jornalística latino-americana, além de analisar as obras de um dos principais jornalistas argentinos, Rodolfo Walsh, o qual

retomo aqui devido à importância de sua produção para o debate da prática jornalística baseada na ética do encontro ao repercutir problemáticas político-sociais de seu país.

Ao lado de Walsh estão ainda o brasileiro Antônio Callado, o colombiano Gabriel García Márquez e a mexicana Elena Poniatowska. A escolha desses quatro nomes para a pesquisa se deu após o cruzamento de datas em que seus textos foram escritos e publicados, o lançamento das primeiras edições de seus livros e os dados históricos dos fatos narrados na atuação deles enquanto jornalistas. Outras pesquisas já desenvolvidas (ADOUE, 2008; AMAR SANCHEZ, 1986; CARMINATI, 2014; DRAVET, 2013; FERNANDÉS, 2010; KAIMOTI, 2007; MARTINELLI, 2006; MARTINS, 2018; MCCAUGHAN, 2015; PUERTA MOLINA, 2017; SCHERER, 2012; SCHUESSLER, 2003; TIRLONI, 2018), que se debruçam isoladamente sobre cada um desses autores, também auxiliaram na definição do grupo que dá corpo à discussão aqui realizada, por elucidar características sobre a atividade deles enquanto escritores que optaram por atuar na fronteira entre jornalismo e literatura, se valendo de reportagens em livro.

Esse grupo reúne quatro nomes que iniciaram um movimento de reaproximação entre os campos, indo além da ampliação de relatos jornalísticos usando ferramentas literárias de construção textual com intuito estético. Esses jornalistas latino-americanos experimentaram em livros a possibilidade de uma narrativa aprofundada sobre episódios de relevância social, nas quais puderam também desenvolver um texto mais sólido, com informações detalhadas e que contestavam aquelas divulgadas por governos ou instituições de mídia tradicional. Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska transcenderam a prática estética do híbrido ao realizar denúncias e provocar reflexões a partir de seus escritos sobre acontecimentos que se sucederam entre as décadas de 1950 e 1960.

Na revisão do estado da arte a pesquisa foi encontrando seu espaço diante de outras já realizadas sob o prisma da aproximação entre jornalismo e literatura na América Latina. Na Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses (IBICT), a partir das palavras-chave jornalismo literário¹ e América Latina, foram encontrados 403 resultados, divididos entre 267 dissertações e 136 teses, havendo equilíbrio entre o número de produções na área da

¹ A nomenclatura *jornalismo literário* foi escolhida nesta etapa de análise do estado da arte por ser a mais difundida nas pesquisas em comunicação no contexto brasileiro. Cabe ressaltar que ao estender a investigação para o cenário latino-americano o termo mais utilizado é *periodismo narrativo*, ou jornalismo narrativo no português.

Comunicação e no campo das Letras. Foram observadas reflexões acerca do híbrido, apresentando análises de objetos variados, como livros-reportagem ou grandes reportagens publicadas em revistas, sendo a grande maioria voltada para o cenário brasileiro. É evidente a multiplicidade de análises sobre o viés da contraposição entre ficcional e o real nas pesquisas pertencentes aos programas de Pós-Graduação em Letras. Ou seja, tais trabalhos avançam pouco na compreensão do fazer jornalístico e da atuação do repórter.

Destaca-se, contudo, a dissertação “A relação entre jornalismo e literatura em três romances-reportagens”, defendida em 2008 por Cyntia Belgini Andretta no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas. Nela, a pesquisadora elenca os traços literários dentro das obras jornalísticas *Hiroshima*, de John Hersey, *A sangue frio*, de Truman Capote, e *Olga*, de Fernando Morais. Andretta analisa o híbrido, a relação com o real e aplica conceitos teóricos da literatura para debater essas obras jornalísticas.

Ao agrupar o termo jornalismo literário com a palavra-chave América Latina, o número se reduz a 11 resultados, sendo quatro dissertações e sete teses. Uma particularidade é que oito dessas pesquisas datam de 2015 a 2017, indicando o aumento no número de estudos que se inclinam sobre a temática. Somente uma entre as 11 investigações, realiza a comparação entre a produção de dois autores que trabalharam com a convergência jornalística literária. A dissertação intitulada “Mário de Andrade e Roberto Arlt: Visões da Cidade Moderna”, defendida por Bruno Cruz Santana em 2017, na Universidade de São Paulo, no Mestrado em Letras, reflete sobre as características de um texto que mescla a reconstituição de fatos e o uso de recursos de construção literária para o relato da rotina nas cidades de São Paulo e Buenos Aires. Um exercício claro para compreender uma característica particular das produções latino-americanas, priorizando a análise de contos e crônicas.

Em busca pela palavra-chave jornalismo literário no site da Biblioteca da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) foram encontrados 21 resultados. Apenas cinco apresentam aporte teórico sobre pontos de representações narrativas nos campos do jornalismo e da literatura. Entretanto, somente o texto “O jornalismo latino americano de um Nobel da literatura: Gabriel García Márquez e sua Notícia de um sequestro”, de Scherer

(2012), abordou a produção jornalístico-literária na América Latina, ao analisar um livro do escritor colombiano.

No banco de artigos da revista da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), foram encontrados nove resultados que apresentavam a palavra-chave jornalismo literário. Entre eles, os escritos de Monica Martinez se destacam pela proximidade com o tema desta dissertação. No texto “Jornalismo literário: um gênero em expansão” (2009), Martinez apresenta os resultados de uma pesquisa quantitativa na qual observa o aumento da produção científica no campo da Comunicação sobre o tema jornalismo narrativo. Além disso, analisa como é considerado o gênero. Demonstra que esse tema ainda percorre um caminho de consolidação contextual, o que explica a variedade de nomenclaturas utilizadas para o mesmo assunto dentro da Comunicação.

Já em “Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas” (2017), Martinez apresenta uma reflexão sobre as raízes históricas, as definições, as práticas e os processos do jornalismo narrativo. É interessante a colocação da autora, de que o jornalismo narrativo se trata de um campo em construção. Ela ainda destaca o aumento de pesquisas sobre esse tema, bem como a necessidade por estudos que aproximem as produções de diferentes países.

Ainda foram acessados os anais dos encontros da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), nos quais a busca por jornalismo literário localizou 21 resultados entre as edições de 2009 e 2017. O estudo “Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas” de Peres (2014) se distingue por apresentar importantes pontos sobre o testemunho em livros-reportagem e a Alteridade como característica desse modelo de jornalismo narrativo – conceito que é retomado no referencial teórico da presente pesquisa.

Para além dos resultados apresentados cabe ressaltar duas pesquisas estrangeiras que inspiram a presente investigação. A primeira é a tese de Ana María Amar Sánchez (1992) intitulada “*El Relato de los Hechos – Rodolfo Walsh: testimonio y escritura*”, na qual ela analisa o fazer jornalístico de Walsh propondo o conceito de Comprometimento. O que a pesquisadora indica é que o argentino aplicou recursos literários na prática jornalística com o intuito de que seu texto realizasse importantes denúncias e instigasse naqueles que acessam o

trabalho a reflexão sobre as injustiças sociais. A ação comprometida de Walsh seria um exemplo da função do intelectual latino-americano diante das adversidades de nosso continente.

Já a tese de Moisés Limia Fernández (2010), intitulada “*Relaciones entre periodismo y literatura en la obra de Gabriel García Márquez: historia, mito y violencia*” contribui com um importante aporte teórico-metodológico. Ao analisar os escritos do colombiano, o pesquisador espanhol resgata as oscilações no que chama de simbiose entre jornalismo e literatura até a eclosão da pós-ficção. Em sua pesquisa, Limia Fernández se vale do método de análise de Albert Chillón, chamado *Comparatismo periodístico-literario*, que bebe dos estudos de literatura comparada, relacionando-os com a análise narrativa para compreender textos com base na cultura jornalística. Tanto o conceito de Comprometimento, como a metodologia de Chillón, são desdobrados adiante, em um capítulo específico para o desvelamento dos passos metodológicos e a aplicação dos conceitos.

Ao reunir o jornalismo e a literatura em sua expressão enquanto híbrido, portanto, partindo da América Latina como cenário, e considerando o Comprometimento como possível característica potencializadora, foi estabelecido o seguinte problema de pesquisa: Como Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska contribuem para a identificação de um fazer jornalístico narrativo próprio da América Latina? O problema se desdobra em um objetivo geral, que se detém em analisar como Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska desenvolveram a prática do jornalismo e assumiram posturas comprometidas em seus livros-reportagem e discutir semelhanças e particularidades entre eles. Para tanto, analisarei um livro de cada jornalista:

a) ***Esqueleto na lagoa verde (1953)*** – do brasileiro Antônio Callado. Nesta obra o jornalista “viaja no tempo”, até 1925, para contar a história do desaparecimento do coronel britânico Percy Harrison Fawcett, vítima de seu entusiasmo pela busca do Eldorado brasileiro. Em 1952 Callado reconstituiu os caminhos percorridos por Fawcett para indicar esse fascínio europeu pelo Novo Mundo, o trato com os povos indígenas e ainda para reinventar o fazer jornalístico no Brasil. Mas a inquietação diante do Outro - indígena - e a percepção da situação de injustiças sociais na qual se

encontravam, fez com que Callado reunisse, no intervalo entre o jornalismo e a literatura, um modo específico de olhar e relatar sua aproximação.

b) ***Relato de un naufrago (1970)*** – do colombiano Gabriel García Márquez. Na obra – originalmente publicada nas páginas de um jornal colombiano em 1955, como uma série de 14 reportagens – García Márquez denuncia um crime relacionado à história do marinheiro Luis Alejandro Velasco, que sobreviveu dez dias à deriva em uma balsa após o navio em que sua tripulação se encontrava ser “vítima de uma forte tormenta”. Nas páginas, García Márquez indica que não havia tempestade alguma, mas sim uma imensa carga ilegal que estava no navio, contrabandeada, que ocasionou o acidente. Além disso o jornalista relata o interesse do governo da época em silenciar os possíveis desdobramentos dessa história controlando os relatos dados pelo sobrevivente.

c) ***Operación masacre (1956)*** – do argentino Rodolfo Walsh. Em sua primeira obra de não-ficção, Walsh denuncia um fuzilamento ilegal, realizado pelos militares argentinos no dia 10 de junho de 1956, que tirou a vida de civis inocentes. O jornalista defende que mesmo tendo sido anunciada na madrugada do dia 10 de junho de 1956 nas rádios argentinas, a lei marcial ainda não vigorava no país. No livro Walsh reúne entrevistas com as vítimas sobreviventes, documentos oficiais, relatos sobre o ocorrido e depoimentos de processos jurídicos sobre a fatídica noite da ação ilegal dos militares, apuração que durou mais de um ano e meio e incluiu o nome de Walsh na lista de inimigos do governo ditatorial argentino.

d) ***Hasta no verte Jesús mío (1969)*** – da mexicana Elena Poniatowska. Em seu primeiro livro de não-ficção, a jornalista relata a vida de Jesusa Palancares, um pseudônimo para Josefina Bórquez. Em entrevistas realizadas durante o ano de 1964 Poniatowska ouve as memórias de quando a lavadeira ainda era uma menina descobrindo o árduo papel imposto às mulheres, e também as lembranças de uma guerreira lutando, em plena Revolução Mexicana, por sua liberdade feminina. Pelo olhar de uma mulher pobre de bens, mas rica em vivências, a autora optou reconstruir um dos principais fatos da história do México e refletir sobre os transtornos causados pela revolução.

Do objetivo geral são desdobrados três objetivos específicos: (1) Identificar estratégias narrativas em comum, posturas comprometidas e especificidades nas obras dos jornalistas Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska; (2) Discutir a relevância da atuação destes jornalistas para o desenvolvimento da literatura de não-ficção na América Latina; e, (3) Trabalhar os conceitos de Polifonia, Alteridade e Comprometimento associados ao jornalismo narrativo e relacioná-los às obras dos jornalistas aqui analisadas.

A dissertação está dividida em três capítulos para além da introdução e as considerações finais, sendo eles: “Personagens: percursos e entrecruzares metodológicos”; “Contextos: aproximações entre jornalismo e literatura”; E “Clímax: a leitura atenta dos livros-reportagem”. No capítulo relativo à metodologia, foram elencados os conceitos fundamentais para essa pesquisa, sendo Polifonia e Alteridade, de Mikhail Bakhtin (2009), Outridade, a partir da leitura de Freitas e Benetti (2017), e Comprometimento, de Amar Sánchez (1986). Também indiquei como eles foram aplicados partindo da proposta metodológica do *Comparatismo periodístico-literario*, organizada por Albert Chillón (1999).

No capítulo seguinte, resgato os movimentos de aproximação entre jornalismo e literatura, com destaque para a América Latina. Também interpreto a reportagem como principal espaço de execução do híbrido com base em pesquisas sobre esse fenômeno. E, por fim, um breve relato sobre as vidas de Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska, e a dedicação deles ao jornalismo aprofundado, o que é ampliado depois, na análise completa das suas obras de não-ficção escolhidas, no andamento do trabalho.

Antes das considerações finais, está o capítulo destinado ao relato da análise dos quatro livros, que se deu a partir da leitura atenta e exemplificação com recortes dos textos em que se percebem as nuances do Comprometimento – que abarca a Polifonia, Alteridade e Outridade – como elemento pertencente às práticas jornalísticas dos quatro escritores aqui analisados. Suas particularidades foram respeitadas, mas o foco foi compreender suas semelhanças e como elas caracterizam o híbrido latino-americano.

2 PERSONAGENS: PERCURSOS E ENTRECruzARES METODOLÓGICOS

Antes de iniciar a discussão que abrange a convergência entre o jornalismo e a literatura e suas características na América Latina, é preciso um movimento anterior, para estabelecer algumas bases, sendo a primeira delas a narrativa. As narrativas podem ser percebidas como produtos de uma soma entre o ato de narrar algum evento, seja ele factual ou não, e a sua representação a partir da visão daquele que narra. O enfoque perpassa o contar algo para alguém, desenvolvendo uma relação entre o narrador, o fato narrado e o leitor - aqui considerando as narrativas escritas. A partir disso, convém tomá-la como um espaço em que podemos praticar a necessidade humana de compartilhar experiências tornando-as não somente públicas, mas, sobretudo, coletivas.

Segundo Gérard Genette, teórico da literatura, existem três noções de narrativa:

Num primeiro sentido – que é hoje o mais evidente e o mais central no uso comum –, *narrativa* designa o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos. [...] Num segundo sentido, menos difundido, mas hoje corrente entre os analistas e teóricos do conteúdo narrativo, *narrativa* designa a sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios, que constituem o objeto desse discurso, e as suas diversas relações de encadeamento, de oposição, de repetição, etc. "Análise da narrativa" significa, então, estudo de um conjunto de ações e de situações consideradas nelas mesmas, com abstração do *medium*, linguístico ou outro, que dele nos dá conhecimento. [...] Num terceiro sentido, que é aparentemente o mais antigo, narrativa designa, ainda, um acontecimento: já não, todavia, aquele que se conta, mas aquele que consiste em que alguém conte alguma coisa: o ato de narrar tomado em si mesmo. (GENETTE, 1995, p. 21).

Pensar a narrativa no âmbito da literatura pode parecer algo óbvio por ser um ponto recorrente na própria compreensão do que se considera literatura, uma vez que se tem a narrativa como um sinônimo de estória. Desta maneira, estender o conceito de narrativa ao campo do jornalismo, pode causar estranheza por tratar-se de uma esfera em que a priori o factual e a imaginação não se cruzam.

Ao refletir sobre o jornalismo enquanto narrativa, proponho avançar para além do debate técnico que incorpora questões como objetividade, imparcialidade, apuração e entrevista, processos tidos como característicos da produção da informação, para permear

também os encontros provocados pela aplicação dessas técnicas após a consolidação do ato de contar. Isso posto, a narrativa jornalística pode ser compreendida como um meio para se alcançar o conhecimento sobre uma ação ou um acontecimento, partindo de seu princípio, suas causas, mas acolhendo também suas consequências.

O jornalismo em sua expressão narrativa, como prática de relatar acontecimentos, de registrá-los e aprofundá-los, apresenta os intervalos entre o fato e seus desdobramentos, assim como a narrativa histórica e a literária. Desta forma, entendo que considerá-lo como movimento que somente emprega técnicas específicas é limitar o potencial narrativo do jornalismo.

Por isso, escolho interpretá-lo como fenômeno marcado pela pluralidade, imbricado pelas conjunturas sociais e culturais, moldado pelo cenário histórico. Sendo assim, convido você leitora ou leitor, a considerar o jornalismo não apenas como uma narrativa destinada ao repasse da informação, mas também como uma oportunidade de encontro entre os mundos do jornalista, da informação/acontecimento e o mundo daqueles que acessam essa informação. Desta forma, acredito ser possível definir o

jornalismo como um campo de conhecimento que transmite em larga escala conteúdos traduzidos em linguagem democratizante. Torna acessível para a coletividade conhecimentos que provavelmente permaneceriam restritos a nichos sociais particulares, sem os veículos de comunicação jornalística. (LIMA, 2014, p. 9).

Após observar o jornalismo como narrativa, é possível analisar a potencialidade da reunião entre essa prática e as técnicas empregadas na narrativa literária. Essa fusão apresenta duas características centrais referentes à produção: a captação de informações – com apuração dos fatos – e a composição do texto em si, valendo-se de recursos literários. Na apuração é comum a prática de imersão no ambiente no qual se desenrolaram os fatos, além da busca pela aproximação e interação para com as personagens, com o fim de captar gestos, ações e características específicas, garantindo ao texto mais riqueza de detalhes, ou seja, mais informação. Em relação à redação, o foco é a produção de reportagens capazes de apresentar histórias em profundidade, com o uso da licença poética da literatura para deixá-las mais

atraentes ao leitor, como a presença da subjetividade para promover a criatividade no jornalismo.

No que tange ao presente trabalho, me interessa incluir mais uma situação: o contexto social, histórico e político da América Latina. Aqui trago o que chamo de periodismo/jornalismo narrativo, visando incluir diferentes produções latino-americanas que incorporam em si a ideia do jornalismo literário, a denominação de maior visibilidade no Brasil. Para analisar as obras de Antônio Callado, Gabriel García Márquez, Rodolfo Walsh e Elena Poniatowska, fiz uso da proposta metodológica, organizada por Albert Chillón, chamada *comparatismo periodístico-literário* (CPL), um método de conhecimento que se define:

em primeiro lugar, a investigação sistemática de um objeto de conhecimento formado pelas relações diacrônicas e síncronas entre a cultura literária e a cultura jornalística; posteriormente, o estudo desse objeto de conhecimento a partir de uma perspectiva claramente interdisciplinar, que combina *ad hoc* as contribuições teóricas e metodológicas dos estudos jornalísticos e comunicacionais, por um lado, e dos estudos literários e linguísticos, por outro. (CHILLÓN, 1999, p. 400, tradução da autora).²

O pesquisador espanhol divide a proposta em quatro tipologias de estudo:

- I. Histórica, que estuda as aproximações entre literatura e jornalismo ao longo dos tempos, apesar de afastar-se de questões sociais e culturais;
- II. Temática, que se baseia na associação interdisciplinar propondo-se a analisar os temas abordados nas obras mesclando as perspectivas de ambas as áreas;
- III. Morfológica, embasada na narratologia, essa tipologia visa examinar os usos de determinados procedimentos narrativos de composição e estilo, como construção temporal do enredo e caracterização de personagens, para compreender o uso de técnicas literárias em textos informativos;

² En primer lugar, la investigación sistemática de un objeto de conocimiento formado por las relaciones diacrónicas y sincrónicas entre la cultura literaria y la cultura periodística; después, el estudio de tal objeto de conocimiento desde una perspectiva netamente interdisciplinaria, que conjuga *ad hoc* las aportaciones teóricas y metodológicas de los estudios periodísticos y comunicológicos, de un lado, y de los estudios literarios y lingüísticos, de otro.

IV. Gênero, que é orientada pelo estudo sistemático das conexões entre gêneros literários e gêneros jornalísticos, enfatizando influências, empréstimos e contaminações recíprocas de um ponto de vista diacrônico e sincrônico.

Tendo essa divisão em vista, as tipologias metodológicas de Chillón aplicadas no presente trabalho são a CPL Morfológica, uma vez que a partir de recortes das obras aqui analisadas os resultados serão comparados para averiguar a existência de semelhanças da estrutura e construção de enredo entre eles, e a CPL Temática, pois os assuntos trabalhados pelos jornalistas em seus livros-reportagem foram analisados por mim tanto pelo ângulo do fazer jornalístico, quanto pela ótica literária de descrição e ambientação.

A escolha dos recortes será embasada em elementos formalizados pela narratologia, principalmente em escritos do pensador russo Mikhail Bakhtin, trazendo conceitos como a Polifonia e a Alteridade. Esses elementos são reverberados por outros, como a Outridade e o Comprometimento, oriundos de pesquisas em comunicação, que serão explanados mais adiante. Primeiramente, cabe compreender os conceitos de Bakhtin e as possíveis articulações, o que está apresentado na sequência.

2.1 ARTICULAÇÕES A PARTIR DA TEORIA BAKHTINIANA

A narrativa é integrada por vozes, seja do narrador ou dos personagens. São elas que organizam o enredo e que, principalmente, dão a tonalidade do acontecimento narrado. Nas narrativas jornalísticas, as vozes são comumente chamadas de fontes, contudo, aqui, elas vão além, pois abrangem também as vozes do jornalista, das pessoas acessadas na apuração (já que suas informações são incluídas na narrativa mesmo que eles não sejam personagens diretamente participantes do acontecimento), do veículo de comunicação e do leitor, por exemplo.

Essa diversidade de vozes é chamada por Mikhail Bakhtin de Polifonia. O conceito foi proposto pelo pensador russo em suas análises (2009) sobre as obras de Fiodór Dostoiévski, no intuito de demonstrar como a construção das personagens e a atuação dos narradores

eclodem em um contexto com a apresentação de distintas miradas sociais. Cabe ressaltar que para Bakhtin (2006a) a questão central da Polifonia não é somente a quantidade de vozes, mas a origem dessas vozes diversas, suas diferenças sociais e visões de mundo únicas. Segundo Paulo Bezerra,

a polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço do romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plivalentes e consciências equipolentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos. A consciência da personagem é a consciência do outro, não se objetifica, não se torna objeto da consciência do autor, não se fecha, está sempre aberta à interação com a minha e com outras consciências e só nessa interação revela e mantém individualidade. Essas vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com vozes de outras personagens. (BEZERRA, 2010, p. 194).

Polifonia é proposta por Bakhtin como um conceito oposto ao autoritarismo do autor, pois para que existam distintas vozes sociais o autor precisa estar disposto a essa abertura, a esse diálogo entre o que por ele é dito, e o que as vozes dizem. “No enfoque polifônico, a autoconsciência da personagem é o traço dominante na construção de sua imagem, e isso pressupõe uma posição radicalmente nova do autor na representação da personagem”. (BRAIT, 2007, p. 193).

No âmbito do jornalismo convencional³, falar em Polifonia pode ser um equívoco, uma vez que o texto é orientado pelos interesses organizacionais, ou então, o jornalista absorve algumas das vozes acessadas durante o processo de apuração, e faz delas a voz da notícia, silenciando outras. Ou até mesmo o espaço/tempo de uma notícia de jornal impede que mais vozes sejam contempladas. No contexto da literatura, área de análise do estudioso

³ Por jornalismo convencional (e também nas designações mídia tradicional e mídia hegemônica) me refiro à produção cotidiana de notícias e sua veiculação em jornais, revistas e outros formatos de jornalismo diário. Entendo por convencional a prática jornalística de abordar acontecimentos partindo de sua relevância factual, ou seja, de acordo com o imediato, tornando-se obsoleto conforme outros acontecimentos surgem e são destacados pelos jornalistas. Compartilho a colocação de Ferreira (2003, p. 378) acerca das diferenças entre os textos jornalísticos - definidos por mim como - convencional e narrativo: “Além da existências de limites quanto aos próprios interesses e quanto a espaço, tempo de produção e "vida útil" da notícia, por exemplo, censura o conhecimento que poderia ser oferecido ao público que, no caso dos livros, é mais disponível, seja em bibliotecas ou por redes, ou mais denso e permanente, também nesse sentido de capturar as motivações, os envolvimento, a vida por trás das simples notícia”. Portanto, os textos de jornalismo narrativo por ter um tempo de apuração e produção diferenciados, e por abordarem acontecimentos passados partindo de distintas miradas, relatando múltiplas experiências em relação ao acontecimento, não se enquadram, ao meu ver, na definição de convencional.

russo, a Polifonia “se diferencia por apresentar vozes em diálogo, distanciando-se do relativismo (só os heróis teriam a palavra) e do dogmatismo (o autor seria dono da palavra do herói)”. (BRAIT, 2016, p. 8).

Além disso, é importante ressaltar que somente a presença de vozes distintas não garante ao texto a qualidade polifônica. Ao pensar a Polifonia no contexto jornalístico, compreendo que ela ultrapassa a crença comum de que se deve ouvir “os dois lados” da história. Esse entendimento, além de limitante, incorpora a perspectiva falha de que o acontecimento é composto de apenas dois ângulos de mirada, podendo ser narrado a partir de duas vozes distintas. Logo, há a necessidade de observar que algumas situações narradas até envolvam somente duas pessoas, todavia, comumente existem mais do que somente duas vozes envolvidas e implicadas pelo fato. Cada voz pode pertencer a um “lado”, sejam eles dois, três ou mais, e cada uma pode indicar um entendimento diferente e único sobre o acontecimento narrado.

No que diz respeito à Polifonia, durante a análise observei não só a presença – ou a falta – de distintas vozes sociais, mas também se elas são vozes concordantes – encaminhando a narrativa para um sentido em comum – ou discordantes – provocando questionamentos sobre o fato narrado. Sobre a origem dessas vozes foram observados os seguintes fatores: gênero, características ideológicas e sociais, presença – permanência e repetição –, o papel desempenhado – vítima, testemunha, fonte oficial, governo, entre outros – e por fim, sua proximidade – ou não – com o narrador/jornalista.

Alguns desses fatores nem sempre estão explícitos nas páginas dos livros aqui analisados, por isso algumas características, dados específicos e contexto das personagens foram acessadas em conteúdos externos ao livro, como entrevistas dadas pelos jornalistas, pesquisas acadêmicas sobre as obras, e documentários que abordassem a produção dos quatro jornalistas por mim analisados. Com isso posto, é interessante adiantar que nos livros de Gabriel García Márquez – *Relato de un naufrago* – e Elena Poniatowska – *Hasta no verte Jesús mío* –, não há o jornalista como narrador, mas sim as personagens centrais orientando a tessitura do acontecimento. Em um efeito que se move entre a memória desse narrador e as projeções por ele feitas, poderia afirmar que me encontrei em um impasse no que diz respeito à Polifonia. No capítulo “Clímax: a leitura atenta dos livros-reportagem” dedicado a comentar

mais aspectos da análise, trabalho com a compreensão de como, mesmo com uma voz central, ambos alcançam uma diversidade de pontos de vista sobre o mundo social ao perpassar pela historicidade do fato narrado e os conflitos de interpretação indicados.

Por consequência, compreendo a Polifonia mais como uma demanda social ao texto jornalístico, pois quanto mais vozes distintas o jornalista alcança, mais pontos de vista são contemplados, permitindo ao leitor uma visão ampla do acontecimento, podendo desenvolver suas próprias interpretações acerca do fato. Além disso, no que refere-se à literatura, a Polifonia não contempla somente a pluralidade de vozes pela perspectiva estética, de uma história bem contada, com uma gama de personagens, mas, sobretudo, como possibilidade de deslocamento, que, ao meu ver, dificilmente é alcançado no texto jornalístico convencional devido ao espaço limitado da notícia.

Esse deslocamento no jornalismo narrativo, comumente empregado nos escritos literários como uma reviravolta no enredo – atualmente conhecido como *plot twist* – se dá no momento em que o jornalista vai até a realidade, acessa as chamadas fontes, e ao retornar para o texto ele possibilita que essa pessoa que compartilhe sua visão, sua interpretação, sem que o jornalista a molde para que essa fala se encaixe no texto – prática de busca de *aspas* vista recorrentemente em dissertações de veículos de comunicação. Ou seja, o jornalista não detém todo o poder de orientar a narrativa, pois ele ainda a está conhecendo. É na inter-relação entre as vozes - das fontes e do jornalista - que o enredo é construído.

O teórico russo indica que essa inter-relação, que enriquece a trama, só é possível em uma narrativa na qual exista abertura para a existência dessa gama de vozes. Já que é nesse encontro entre as vozes, com suas concepções de mundo singulares, que um percebe o Outro. Bakhtin explica que em um romance é essa presença e relação com o Outro que torna “possível para mim a alegria do encontro, a permanência com ele, a tristeza da separação, a dor da perda, posso me encontrar com ele no tempo e no tempo mesmo separar-me dele, só ele pode ser e não ser para mim”. (BAKHTIN, 2006a, p. 96).

Essa relação entre os sujeitos, essa percepção do Eu, do Outro e da coexistência entre nós no mundo é permeada na narrativa pela interdependência entre as vozes, e é essa

interdependência reconhecida que é chamada de Alteridade. Assim sendo, somente com a Polifonia e o diálogo na narrativa se torna possível pensar e fazer trabalhar a Alteridade.

Alteridade, para Bakhtin, é um movimento dialógico, inter-relacional, em que um ser se reflete no Outro, e assim se constituem mutuamente. “Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro” (BAKHTIN, 2006a, p. 341). Essa percepção do eu, a partir do Outro – e o inverso também – não ocorre só na constituição do quem eu sou é aquilo que o Outro não é, mas provoca alterações, mudanças no eu, ou seja, quem eu posso vir a ser. Em seus escritos (BAKHTIN, 1997), o teórico russo indicou que esse processo de Alteridade se consolida socialmente por meio de interações, com destaque para as verbais. Por isso, a Polifonia é essencial para que se desenvolva a Alteridade, pois em um contexto de autoridade na narrativa, por exemplo, não há presença de outras vozes para que um confronte o eu a partir do Outro, não ocasionando a compreensão identitária desse eu e muito menos sua mudança.

As narrativas podem ser espaços de Alteridade se possibilitarem a aproximação de distintos seres sociais. Bakhtin (2006b, p. 115) explica que é por meio da palavra que um se define em relação ao Outro e, em uma última análise, esse um acaba por se definir em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte que conecta o eu e o Outro, ou seja, um território comum entre aquele que fala/escreve e aquele que escuta/lê.

O jornalismo, entendido como narrativa, é uma forma de expressar pela linguagem as relações sociais diante de um acontecimento. O jornalista, como aquele que apura, interpreta e relata, precisa buscar nos atores sociais as informações para a estruturação da notícia, a qual será acessada por leitores, os quais por sua vez confrontam as informações a partir de suas perspectivas de mundo. O jornalismo pode ser compreendido como uma sequência de encontros entre o eu e o Outro, ou seja, um exemplo de exercício da Alteridade⁴. Cabe ressaltar que

⁴ Me inspiro na aproximação e articulação entre Alteridade e Jornalismo estudadas por pesquisadores como Medina (2006), Künsch (2014) e Marcondes Filho (2008), os quais compreendem, em suas investigações teóricas, a prática comunicacional, e conseqüentemente o jornalismo, como um espaço de encontro com o Outro e compreensão do nós a partir dessa relação. Medina (2006, p. 55) pontua o diálogo como possibilitador de relações sociais efetivas e da mudança na interpretação da realidade pelos jornalistas. Enquanto Künsch (2014, p. 24) propõe a compreensão como método e caminho para a Alteridade na Comunicação. E Marcondes Filho (2008, p.8) explica a comunicação como um encontro com o Outro que provoca transformações em mim.

não é apenas à relação do sujeito-enunciador (jornalista) com o sujeito intérprete (público) que se destina a alteridade no jornalismo. Existe um processo relacional maior que a incorpora e no qual a condição de “outro” é grifada no plural. Nesse caso, os “outros” são as fontes, os leitores reais e os leitores imaginados, os “outros” narrados e idealizados pelo discurso jornalístico, os “outros” membros da comunidade profissional e, numa amplitude organizacional, os “outros” veículos. Afirmamos também que, na projeção de si mesmo no texto, o “autor real” assume a posição do “autor imaginado” ou ideal, passando a ser um “outro” para ele mesmo. (FREITAS, 2017, p. 48).

Esse encontro torna os Outros visíveis para o eu, e assim se colocam duas possibilidades: a assimilação e a diferenciação. Independente do caminho de percepção feito pelo eu, existe uma troca entre os sujeitos. É nessa troca, pela qual nos é possível descrever o mundo, que ocorre a construção do ato comunicacional, e assim sendo, compreendo a Alteridade como fundamental para o jornalismo.

Após o entendimento desses dois conceitos bakhtinianos, os situo como base para a análise via metodologia CPL. Antes, destaco aqui que a Polifonia é compreendida por Bakhtin como uma evolução do texto ficcional, mais especificamente do romance, e é preciso cuidado ao transferir esse conceito para a produção jornalística. No entanto, ao pensarmos o jornalismo narrativo, que tem em sua base a aproximação entre o informativo e o literário, considero não só viável, como prudente, aplicar esse conceito ao analisar as fontes jornalísticas, que nos livros escritos por repórteres também podem ser conhecidas por personagens. A Alteridade, também considerada por Bakhtin a partir da literatura, se expande aos demais modelos de texto por ser um conceito aplicável às narrativas como um todo. O jornalismo narrativo

por ser híbrido, poroso, cheio de alternativas, e mais liberto para ousar, tem nas vozes intervenientes da sociedade, na postura prática de abrir o texto para mais interpretações e na sedução da palavra suas armas no sentido de dar um salto de qualidade, recuperando a narratividade do relato, a prosa de maior fôlego. Os conceitos bakhtinianos referentes ao romance devem ser levados em consideração na análise do jornalismo autoral, que toma emprestadas da ficção diversas posturas de tratamento de texto e de técnicas de apuração. (BORGES, 2013, p. 175).

Para além desses conceitos, existem mais pontos que se originam a partir do pensamento bakhtiniano. Cabe vislumbrar outra expressão da Alteridade, ao pensar na

percepção desse Outro pelo jornalista e na busca por suas semelhanças e diferenças, alcançando assim a Outridade. E adiante da Polifonia, que contempla diversas perspectivas de mundo, o Comprometimento não só apresenta essas perspectivas como as posiciona e busca por disseminá-las a partir de um encontro entre jornalista, personagens e leitores. Esses conceitos, que são possíveis a partir da reflexão proposta por Bakhtin, são trabalhados no item a seguir.

2.2 CONCEITOS OPERACIONAIS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

O conceito de Comprometimento é empregado pela pesquisadora argentina Amar Sánchez (1986) em seus estudos sobre o jornalismo narrativo de Rodolfo Walsh no livro *Operação massacre* (1956). Sánchez indica que Walsh apresenta um jornalismo conectado a uma causa social, e que utiliza a literatura para abordar de forma aprofundada fatos de relevância, exercendo, assim, a ação política via jornalismo narrativo. De acordo com a pesquisadora, a produção de Walsh

[...] está inserida em um projeto muito mais amplo do que o estritamente literário de construir um tipo de romance como uma resposta alternativa a um realismo já desgastado; Envolve planos tão abrangentes como o do papel do intelectual nos países latino-americanos, a relação que une a prática literária com a política. (AMAR SÁNCHEZ, 1986, p. 431, tradução da autora⁵).

Ao pensar essa função do intelectual latino-americano, que assume o espaço de narrador e intérprete de acontecimentos, tomo emprestado o conceito de Comprometimento e o artigo para a produção de Antônio Callado, Gabriel García Márquez e Elena Poniatowska. Assim como Walsh, esses jornalistas se posicionaram em sua obra, viabilizando questionamentos sobre diversas injustiças presentes na realidade de seus países.

Penso, todavia, que o Comprometimento, dentro do híbrido de jornalismo e literatura, vai além de apontar desigualdades, uma vez que avança para tentar compreender os questionamentos que instigam a investigação empreendida e sabem necessária a busca pela

⁵ [...] se inserta en un proyecto mucho más amplio que el estrictamente literario de construir una clase de novela como respuesta alternativa a un realismo ya desgastado; compromete planos tan abarcadores como es el de la función del intelectual en los países latinoamericanos, la relación que une la práctica literaria con la política.

reflexão do público leitor. A compreensão do Comprometimento se estende a três instâncias: (1) a intervenção do intelectual diante do fato, ou seja, a ação do jornalista; (2) a representação da voz dos sujeitos subalternos no texto, visando demonstrar a perspectiva dos setores sociais marginalizados; e por fim, (3) os questionamentos e reflexões que são apontadas pelo jornalista aos leitores, abarcando assim o estímulo à mudança social.

Amar Sánchez (1990, p. 451, tradução da autora)⁶ entende que “o texto funciona como uma instância transformadora que atua entre os eventos e o leitor: longe de ser um relato breve, objetivo, leva-o ao centro do que aconteceu, permite-lhe acompanhar o jornalista, que vê todos de perto e se sente envolvido nos acontecimentos”. Além do posicionamento comprometido, é possível perceber, nos escritos dos jornalistas analisados, a postura que assumem diante do Outro, por meio do acercamento e pela busca da compreensão de quem o Outro é e, assim, como ambos são. A comunhão da experiência, desse modo, remete a um entendimento da Outridade por essa articulação “eu-outro”, abrindo um interessante campo de desafios, mas também de possíveis vias de acesso e ação.

Cremilda Medina (2006) estabelece essa discussão para a reportagem pela proposta interdisciplinar de entender o jornalismo pelo “signo da relação”. Segundo ela, essa sensibilidade da relação é estímulo a uma inteligência plena que organiza a acolhida, as ideias, a expressão para transmutar o estado das coisas do mundo. Nos escritos da pesquisadora brasileira há um esforço em compreender as possibilidades da narrativa alargada e permitir pensar a estética aberta da reportagem, inscrita no contexto social e na riqueza da oratura, ou seja, costurada com os “falares de seus protagonistas”. Assim, inclusive tendo em vista as contribuições do próprio campo do jornalismo narrativo, entende o desafio para o jornalismo não é apenas a experimentação linguística ou imagética: “A linguagem não se entregava à sedução pela forma, mas às necessidades da realidade e do protagonismo social contemporâneos”. (MEDINA, 2014, p. 41).

Na defesa de seu pensamento sobre a narrativa do jornalismo, argumenta: “A ação social se faz presente: a narrativa se cumpre tanto na espiral dos afetos quanto na esfericidade dos argumentos” (MEDINA, 2014, p. 47), defendendo uma produção jornalística que se

⁶ El texto funciona como una instancia transformadora que actua entre los sucesos y el lector: lejos de ser un informe escueto, objetivo, lo lleva al centro de lo ocurrido, le permite acompañar al periodista, que ve de cerca a todos y que se siente implicado en los acontecimientos.

assina na escritura intertextual com a cultura. Ao longo dos diferentes textos da autora pode-se perceber movimentos para dar conta da problemática que ela denomina de déficit de abrangência das narrativas jornalísticas (MEDINA, 2008), o que requisita procurar elementos que permitam novos espaços de entendimento sobre nossos objetos.

Por isso, visando alcançar a noção de Comprometimento no marco do jornalismo narrativo na América Latina, é possível acercar-se dela assumindo a Alteridade como essência do gesto comunicativo. A Alteridade, sem cair em simplificações, uma vez que se trata de um conceito de grande riqueza e potencialidade, pode ser trazida ao contexto aqui pretendido pela ideia de Outridade, como fazem Freitas & Benetti (2017, p. 12). Para pensar o jornalismo, as autoras sintetizam a Outridade como um “modo de existência que resulta da articulação do ‘eu’ com a identidade do outro”. A discussão, sinalizam, abarca o repórter como “um ser no mundo”, sujeito relacional e em coexistência, que se transforma em “um ser no mundo com o outro” (p. 14). Na leitura que empreendem, concluem, o exercício do jornalismo permite uma Outridade relativa, uma vez que a Outridade plena é um terreno praticamente inalcançável. Mesmo em seu estatuto relativo, todavia, defendem que ela é já “um campo aberto de possibilidades para alcançar o conhecimento que se deseja ter sobre ‘o outro’” (FREITAS & BENETTI, 2017, p. 16), pois os sujeitos singulares em relação adentram no complexo das semelhanças e diferenças. O resultado é uma tensão que, postulam, “não resulta em equilíbrio, mas no balanço do que é diferente e semelhante, a cada vez que o ‘eu’ e o ‘outro’ se percebem” (p. 23).

Para auxiliar no entendimento da relação entre os conceitos, proponho uma visão linear, sequencial, para perceber mais nitidamente em que momento eles se encontram. Claro que isso é um exercício para compreender os enlaces conceituais, que não necessariamente ocorrem assim na prática, podendo ser concomitantes. Parto, portanto, de um jornalista que se percebe enquanto um ser social implicado pelos acontecimentos. Após tomar conhecimento sobre uma situação até então silenciada – ou seja, não divulgada pelos veículos hegemônicos de comunicação –, e nesse momento o jornalista se sente na necessidade/obrigação de relatar isso da forma mais completa possível. Esse seria o primeiro ponto do Comprometimento, a ação determinada do intelectual.

Essa percepção, por sua vez, o leva a ouvir as vozes subalternas, as personagens até então ignoradas pelos outros jornalistas que se limitaram a relatar alguma versão dita oficial do acontecimento. É esse encontro que vai orientar o jornalista na construção da narrativa, que funciona como base para a apuração que desmascarará outras versões. Ao longo desse processo – que alguns podem chamar de contar a história dos vencidos - o jornalista questiona o papel de outras personagens – ou os “vitoriosos” – como o governo, a polícia, os investigadores, os políticos e os grandes veículos de comunicação, se perguntando também sobre a sua própria atuação. Aqui se dá a reflexão, provocada pelo diálogo ao acessar diversas vozes (Polifonia).

O jornalista passa a se perceber enquanto alguém que tem o conhecimento e as ferramentas, e logo, a responsabilidade de contar a história por ele acessada a partir do relato dos Outros. Para garantir que esse relato seja interpretado como uma das possíveis realidades, ele se vale de uma gama de informações e dados comprovados que sustentam a versão por ele redigida. Portanto, o jornalista se coloca como aquele que quer contar algo porque esse relato precisa ser revelado, e não apenas pelo interesse em contar o que chamam de “uma boa história”. Por escolher abordar até os mínimos detalhes e valendo-se de uma ambientação e contextualização profundas, ele então opta por um espaço maior. E nesse instante decide escrever um livro-reportagem, ou então, adaptar/ampliar a reportagem antes publicada em revista/jornal ao espaço do livro.

Esse diálogo entre o autor e as vozes das personagens, expressado no livro-reportagem, é possível pela ação comprometida do jornalista que se permite perceber o mundo a partir do olhar desse Outro, o que interfere, por sua vez, na compreensão do eu-jornalista e de sua função. Assim ele desenvolve um caminho que o leva à Outridade relativa. Essa relação conceitual está ilustrada na figura a seguir:

Ilustração 1 - relação conceitual



Fonte: Autora.

Desta forma, neste exercício de se ver no mundo com o outro, e agir para que as denúncias sociais dessas vozes subalternas sejam reverberadas, que o jornalista se dispõe a participar de um processo que olha para além das semelhanças, respeitando sobretudo as diferenças. E, ao revisitar o relato, o jornalista segue com o processo de reflexão, desenvolvendo uma consciência ainda maior de sua ação. Assim, enquanto jornalista e ser social, ele se encaminha para um cenário em que a Alteridade pode ser percebida no horizonte. Mas antes, é preciso compreender os contextos que levaram os jornalistas aqui analisados a optar pelo jornalismo narrativo em seus livros-reportagem.

3 CONTEXTOS: APROXIMAÇÕES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA

O jornalismo narrativo é conhecido por ser um relato aprofundado, pois vai além do *lead* e transcende as fronteiras entre o factual e o criativo. Pode-se afirmar que é a união da produção jornalística com as ferramentas de construção narrativa da literatura, estrutura que visa oferecer ao público fatos bem detalhados. Segundo Lima (2014, p. 16), no jornalismo narrativo

é necessário reunir um elenco de diversos recursos de texto em torno de uma linha condutora, para dar certo a integração da cena – e também do *sumário*, quando é o caso – com as demais ferramentas à disposição do jornalista. A linha condutora, no texto do jornalismo literário, chama-se *contar história*. [...] Enquanto o jornalismo convencional noticioso conta a história de um modo geralmente simplificado, reduzida em relação à realidade que lhe corresponde, o jornalismo literário procura ser mais completo. A informação contida no texto é apenas um ingrediente da receita. O texto tende a ser menos impessoal, não evita a emoção, como acontece muitas vezes no jornalismo convencional.

De antemão, há o pensamento jornalístico visando organizar uma sequência de fatos e informações verificadas, que amparam o relato do acontecimento em si. Não será abordado aqui o debate entre a redação objetiva e/ou subjetiva por considerar que, por se tratar de um tipo de narrativa, o jornalismo é essencialmente subjetivo, sendo o sujeito incapaz de se anular ao longo da disposição daquilo que é narrado. Assim como a reflexão sobre a verdade absoluta no jornalismo, por considerar que a compreensão do mundo e aquilo que nele acontece é interpretado diferentemente por cada sujeito, considerando suas vivências, crenças e consciência.

Vale sempre atentar que “existe um acordo tácito entre o jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador que torna possível dar credibilidade ao jornalismo” (TRAQUINA, 2005, p. 20), e é esse acordo que justifica essa percepção do jornalismo como o detentor da “verdade”. Logo, é mais prudente pressupor o jornalista, que desempenha sua função ética, como aquele que tenta que diferentes visões sejam alcançadas sobre um único episódio, aproximando-se o máximo possível do que realmente se passou.

Já a narrativa literária, que se debruça tanto sobre o ficcional quanto o factual, utiliza a liberdade criativa e estética para preencher lacunas existentes naquilo que chamamos

realidade. Não significa que esse exercício empregue somente ficção para isso, podendo também se valer do verossímil ou até mesmo de verdades expostas de forma lúdica. Essa expressividade característica dos relatos literários que permite que algumas verdades, difíceis de serem verbalizadas, sejam expostas, ou seja, “as fraudes, os enganos e os exageros da literatura narrativa servem para expressar verdades profundas e inquietantes, que somente dessa maneira enviesada vêm à luz” (LLOSA, 2004, p. 24).

Isso não significa que no jornalismo convencional não há aspectos criativos, mas essa criatividade é posta com mais liberdade no jornalismo narrativo. Isso é possível pelo emprego de técnicas textuais e de interpretação que o jornalismo toma emprestado da literatura em narrativas que se dão na fronteira entre eles. Segundo Ferreira (2010, p. 380), o relato pode ser compreendido como resultado do

hibridismo entre as contingências dos fatos noticiosos pertinentes ao jornalismo (com suas técnicas de reportagem e textualização) e a permanência das buscas, inquietações, necessidades que constituem os objetos da literatura (com seu instrumental e liberdade de experimentação).

A vertente mais difundida do híbrido ficou conhecida como *New Journalism*, que buscava suprir a falta de abordagem de temas factuais por parte da literatura nos Estados Unidos, na década de 1960. Nesse contexto, um grupo de jornalistas, pressionados por tecnologias que colocavam à prova o modelo impresso, e com interesse em repensar um jornalismo que há anos se estruturava basicamente no *lead*, se viu envolvido na criação de um movimento ousado, que reunia jornalismo e literatura.

Era a descoberta de que era possível na não ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio aos fluxos de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. (WOLF, 2005, p. 28).

São várias as práticas empregadas na aproximação entre jornalismo e literatura, como a apuração bem fundamentada baseada em entrevistas, coleta de dados sobre os personagens e o(s) fato(s), pesquisa etnográfica e outras, que possibilitam a reconstrução das histórias (que, geralmente, se passam em cenas urbanas, relacionadas ao tempo contemporâneo do autor, com personagens representativos), as quais serão produzidas com intensidade e densidade,

além de mostrar os bastidores da notícia do fato noticioso que deu origem ao produto jornalístico narrativo. Para Pessa (2009, p. 5), é possível elencar as quatro técnicas mais utilizadas nesse modo de exercitar o jornalismo:

1. Ponto de vista: centralização da narrativa sob a perspectiva de um dos personagens, incluindo o narrador, que de forma mais intensa conduz ao fluxo de consciência [...]
2. Símbolos do status de vida ou do cotidiano: elementos como gestos, hábitos, vestuários, pertences, objetos, decorações, ambientes, enfim, tudo que sirva para ajudar a captar a realidade dos personagens e cenários relatados, situando-os junto ao leitor;
3. Diálogos: devem ser soltos, envolventes, de modo mais natural possível [...]
4. Construção cena-a-cena: recurso que dinamiza o acontecimento, [...] numa sequência de ações que permite ao leitor acompanhar o encadeamento dos fatos a medida em que eles se desenvolvem.

Nesse entrecruzar de formas e com a aplicação das técnicas combinadas se fortalece a humanização do texto. Com o aval da literatura o jornalista se permite retratar a essência da ação humana abordando olhares e emoções que contribuem para a ambientação do narrado. É possível que até o próprio jornalista participe da narrativa, enquanto aquele que conta o fato, ou como um personagem que ao acessar distintas pessoas e informações descobre – juntamente com o leitor – dados que moldam o acontecimento.

[...] quando falamos de obras literárias e jornalísticas do passado e daquelas mais recentes como a de John Hersey, Hiroshima (como sabemos, um dos pilares do chamado novo jornalismo), é a utilização de experiências (materializadas via entrevistas) de seres ou grupos humanos normalmente não incluídos nas correntes hegemônicas da discussão pública que estabelece um dos marcos da modalidade textual. E talvez um dos pontos centrais a ser trabalhado por novas pesquisas sobre tais questões pudesse ser aquele estabelecido sobre a relação de aproximação entre os dois campos, ou seja, a "história dos vencidos", dos grupos silenciados ou com percepções diferenciadas sobre os acontecimentos como um dos princípios da história oral que teria sido incorporado pelo novo jornalismo contemporâneo intenção com a noção de que a modalidades textuais literário-jornalísticas seria uma das formas encontradas por grupos sociais para expandir a esfera pública, já a partir do século 18 tratando-se de excluídos desde então. (FERREIRA, 2010, p. 377).

Essa ousadia narrativa – pelo olhar do jornalismo convencional – atribui ao texto não só esteticidade, mas também uma multiplicidade de esclarecimentos e conscientização, proporcionando assim uma visão mais ampla da realidade, em um relato que se fará mais

perene do que uma pequena nota em uma página de jornal ou – no cenário atual – em uma publicação em mídias digitais.

Essas técnicas jornalístico-literárias têm espaço de aplicação em um texto amplo, em vista disso, a reportagem se mostra como recurso ideal para o desenvolvimento da prática jornalístico narrativa. Mas não somente por possibilitar um intervalo maior de páginas, mas sobretudo por permitir que nele o jornalista se expresse em tons particulares que contribuam para singularizar o fato narrado, atribuindo a ele a devida narrativa. No capítulo a seguir são elencadas as características da reportagem enquanto espaço de aproximação entre os dois campos.

3.1 A LITERATURA NA REPORTAGEM COMO PROPOSTA DE RUPTURA

Ao refletir sobre a dicotomia entre o jornalismo convencional e o narrativo, os pontos em destaque frequentemente permeiam a discussão entre factual e o imaginado, objetivo e subjetivo, estético e informativo, como se um anulasse o outro e não pudessem ser empregados concomitantemente. Ao considerar os tipos de texto jornalísticos, como a nota, a notícia, a entrevista, a coluna e tantos mais, é justamente a reportagem aquela que mais se adequou ao híbrido jornalismo narrativo sem afastar-se das características do texto informativo.

A reportagem pode ser tida como uma notícia mais elaborada, se tratando de apuração, extensão e riqueza de detalhes. É como se o texto jornalístico passasse por dois estágios, o primeiro, da notícia, no qual o acontecimento é divulgado dando conta das respostas básicas para compreendê-lo, enquanto a reportagem, como um estágio seguinte dessa notícia, fosse o espaço no qual o jornalista se debruça sobre esse acontecimento refletindo os possíveis desdobramentos e implicações, alcançando interpretações acerca do tema envolvido. Por isso, a reportagem pode ser vista como “uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11).

A notícia tem sua relevância no contexto informativo por representar um fato de interesse social, enquanto a reportagem, para além de sua pertinência, é o texto que possibilita

a humanização no jornalismo. A apresentação das personagens implicadas pelo fato é contextualizada por suas vivências e expectativas em relação ao narrado, o que aproxima aquele que é representado e aquele que acessa informação.

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem (MEDINA, 2003, p. 52-53).

É um entendimento histórico que boas narrativas são aquelas que tratam de uma trama com o uso de recursos que chamam o leitor para “dentro” do relato. A reportagem, seja aquela em espaços de revista, jornal, ou do livro, tem uma liberdade criativa maior, ao propor o narrar valendo-se de recursos literários como o *flashback*⁷, o fluxo de pensamento da personagem, a descrição e ambientação a partir da visão de uma pessoa ou grupo.

Os conceitos de relevância, atualidade e singularidade, essenciais ao jornalismo como instituição de representação, se apresentam remodelados, assim como se ensaia, em raros casos atuais em redações, nas reportagens especiais, ou nas propostas de grandes reportagens multimídia digitais. Relevante não é mais o que aconteceu no plano do imediato, há poucos minutos, horas ou dias. O sentido de instantâneo entra em colapso no livro-reportagem, pois o seu presente é dilatado, estendido. Assim, a cilada do “furo” jornalístico deixa de representar uma ameaça à qualidade do texto. Ao mesmo tempo, o olhar do jornalista passa a abarcar, mais do que o atual, o contemporâneo. Ao reconstituir os discursos e atos de personagens que muitas vezes já morreram e redesenhar os panos de fundo históricos, os cenários onde se desenrolaram os fatos, a intenção é tornar presente para o leitor um passado não muito distante, muitas vezes procurando, pelos caminhos da reportagem, pistas dos acontecimentos contextualizados de outrora para refletir sobre aquelas problemáticas que persistem na atualidade (MACIEL, 2018, p. 62).

Proponho considerar a reportagem, com destaque para as publicações em revista, como uma abertura para as narrativas jornalísticas em profundidade apresentadas em livro. A questão que diferencia a reportagem de um texto literário é que toda essa caracterização não é baseada em processos imaginativos e ficcionais. A reportagem, quando faz uso da literatura, é

⁷ Segundo o Dicionário Online de Português, a palavra *flashback* remete a uma “interrupção de um acontecimento pela interferência de eventos passados; Ação ou efeito de lembrar, de reviver uma sensação anterior ou ter uma recordação de algo passado; lembrança”.

na busca por um texto humanizado, que convite o leitor para adentrar a história e se sentir impactado por ela. É um outro olhar, mais sensível e atento sobre o acontecimento.

Um dos grandes exemplos de aplicação literária no jornalismo, e para muitos considerado o principal, é *Hiroshima*, grande-reportagem escrita por John Hersey em 1946 e publicada na revista estadunidense *The New Yorker*, antes de ser editada em livro. Em sua obra, Hersey relata histórias de sobreviventes da bomba atômica que arrasou a cidade que dá nome ao livro, e o jornalista surpreende ao deixar de lado recursos prontos da escrita informativa para criar e compartilhar os depoimentos de um dos piores episódios da história com sutileza, respeito e emoção.

Para isso o jornalista depende de uma aproximação efetiva aos sujeitos participantes, para acessar o seu olhar sobre o acontecimento, bem como intensa apuração para poder agregar detalhes ao texto, o tornando mais atrativo e completo e menos efêmero também. Porém essa dificilmente é a experiência cotidiana do jornalismo convencional, já que a escassez de tempo e a urgência pela divulgação da informação muitas vezes impedem o jornalista de acessar os sujeitos com tempo para ouvi-los e de desenvolver um texto mais humanizado. Não significa que o jornalismo diário seja insensível ao Outro ou que não seja permeado pela ética, mas sim que a forma de expressar isso nos relatos se torna mais limitada devido ao contexto das redações. É nesse ponto que a literatura adentra a reportagem jornalística como um recurso de ruptura em relação ao convencional. A maior parte do material levantado durante os exaustivos processos de apuração e entrevistas é registrado nas linhas da reportagem via recursos literários. A literatura somada ao espaço-tempo de produção da reportagem é o que permite ao jornalista a prática da humanização em seus escritos.

3.2 ELEMENTOS DA NARRATIVA HÍBRIDA NA AMÉRICA LATINA

Antes de me aprofundar nas particularidades do chamado jornalismo narrativo visto a partir do contexto latinoamericano, cabe explicitar que o intuito deste capítulo não é fazer um resgate histórico completo do híbrido originado nessa parte do continente. Afinal, são vinte territórios que constituem a América Latina e não haveria aqui tempo e espaço suficientes

para tal. Por isso, o enfoque se dá nos países de origem dos jornalistas aqui analisados: Argentina, Brasil, Colômbia e México.

Além disso, apesar de meu grande desejo em contemplar esses quatro lugares minuciosamente, preciso reiterar a dificuldade em acessar, à distância e virtualmente, materiais, como pesquisas, estudos e análises sobre o jornalismo narrativo relativo a eles. A barreira linguística e editorial – nem todos os livros sobre o tema escritos em espanhol são publicados no Brasil – é um dos principais impedimentos.

A Internet nos tornou mais internacionais, mas ainda há um longo caminho a percorrer. Nos países latino-americanos, os clássicos do passado e os indispensáveis do presente de um determinado país são muitas vezes desconhecidos no país vizinho. E na Europa muito mais, porque obras grandes de jornalismo narrativo raramente são traduzidas. (HERRSCHER, 2013, p. 22, tradução da autora⁸).

Existe também o obstáculo conceitual diante das diferentes nomenclaturas utilizadas para se referir ao tema. Borges (2013, p. 197) reverbera a afirmação feita por Chillón (1993) de que dentro do campo da comunicação precisamos “de melhores definições que evitem confusões conceituais” quanto ao jornalismo narrativo. “A falta de teorias sólidas sobre o fenômeno resulta em diferentes designações: fato-ficção, literatura de fatos, literatura testemunhal, literatura documental, documentário poético, pós ficção” (CHILLÓN, 1993, p. 24, apud BORGES, 2013, p. 197), entre outros. Relembrando que, no presente trabalho, optei pelo termo jornalismo narrativo por compreender que ele dá conta de agrupar a produção tanto brasileira como dos demais países de origem dos jornalistas aqui analisados.

Partindo dessa premissa, ao invés de me frustrar pela limitação, tomo isso como um argumento motivador para essa pesquisa, pois reafirma a necessidade por mais trabalhos sobre a temática, desenvolvidos por autores de origens diversas e com distintas miradas. Acredito que esse é um dos caminhos para compreendermos melhor as circunstâncias da produção de nossos jornalistas, para assim agrupar, recuperar e preservar memórias essenciais às culturas latino-americanas.

⁸ Internet nos ha hecho más internacionales, pero todavía hay mucho camino que recorrer. En los países de América Latina, los clásicos del pasado y los imprescindibles del presente en un determinado país son muchas veces desconocidos en el país vecino. Y en Europa mucho más, porque las obras largas de periodismo narrativo raras veces se traducen.

Vários debates se deram sobre a aproximação entre o jornalismo e a literatura na América Latina antes de alcançar o período dos anos 50 e 60 – que é o recorte temporal da presente dissertação. No Brasil, por exemplo, “a discussão sobre se um livro-reportagem tem atrelamento maior à literatura do que ao jornalismo vem desde a publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902” (BORGES, 2013, p. 206). Não penso como certo afirmar que Cunha tenha escrito um livro-reportagem, mas que o texto é resultado de um amplo processo de apuração de dados e fatos, narrados a partir da linguagem literária, isso é inegável. Portanto, esses autores do início do Século 20, movidos pela necessidade crítica, ou pela ambição de criar algo diferente, já anunciavam que o híbrido teria um caminho particular, tanto no Brasil como na América Latina.

Cunha, assim como Graciliano Ramos e João do Rio, entre outros, foram vanguarda e romperam os limites canônicos estabelecidos. Ao romper esses limites tais autores nos disseram sem dizer que comunicação é literatura e vice-versa. Arte menor, factual, o jornalismo não pode querer se igualar à literatura; deve, ao contrário, aprender com ela assim como tem aprendido com a história, a religião, os mitos e a filosofia. Aí está o seu valor de arte e de sabedoria. Quando o jornalismo aproxima-se da literatura, camuflando-se nela, não faz outra coisa senão mostrar todo o seu valor de arte híbrida, mestiça e complexa (CASTRO, 2010, p. 34-35).

Apesar da discussão ter sido realçada a partir de 1902, com diversas obras narrativas sendo publicadas por jornalistas desde então, apenas nos anos 1970 e 1980 que o chamado “jornalismo literário” experimenta grande sucesso no Brasil, inspirado no *New Journalism* de Truman Capote e sua novela de não-ficção, como afirma Borges (2013). Entretanto, não foi somente devido à qualidade narrativa da obra, mas pela oportunidade de esquivar-se da censura.

A chegada desse modelo se deu no Brasil em um contexto de repressão, floresceu estimulado pelo desejo de escapar às arbitrariedades que a ditadura militar brasileira impunha ao trabalho jornalístico. O gênero foi utilizado para fugir à censura nas redações de jornais. Os livros sofriam uma vigilância bem mais amena (BORGES, 2013, p. 260).

Mas antes de serem fenômenos no Brasil, os livros-reportagem já eram praticados em outros países latino-americanos. Jornalistas como Gabriel García Márquez, Rodolfo Walsh, Eduardo Galeano e outros tantos já experimentavam na década de 1950 a aproximação da literatura e do jornalismo em grandes reportagens, inclusive, Rodolfo Walsh é considerado

por muitos pesquisadores latino-americanos como o precursor desse novo movimento que comumente é atribuído ao jornalista estadunidense Truman Capote, com a publicação de seu livro *A Sangue Frio*. A questão aqui não é debater quem teria iniciado o movimento, mas sim demonstrar que também ocorreu um novo encontro entre os campos da Comunicação e da Literatura nas produções de fôlego dos jornalistas latino-americanos nos anos 1950 e 1960, porém ela não é tão valorizada e conhecida quanto as obras participantes do chamado *New Journalism*. Isso teria ocorrido, segundo Jursich (2013, apud Puerta Molina, 2016), devido a grande popularidade das obras de ficção latino-americanas que se destacavam mundialmente, somado às censura aplicada pelos governos de diversos países latino-americanos na época.

Eu acredito que existe um segundo boom, mas não está mais na narrativa, mas em um lugar onde ninguém estava olhando e, neste caso, é no jornalismo narrativo, aquele que por falta de um título melhor chamamos de crônica. O primeiro boom já sabemos tudo o que aconteceu, foi um sucesso planetário, dois autores acabaram ganhando o Prêmio Nobel de literatura; mas com a crônica jornalística uma pergunta diferente está acontecendo. Não tenho dúvidas sobre sua importância em termos narrativos. O que tenho é a dúvida sobre o quão popular é o gênero, há poucas pessoas praticando [...] e eu não vejo tantas pessoas lendo [...] e isso é impressionante porque livros desse estilo em países como os Estados Unidos foram *Best Sellers* (JURSICH, 2013, entrevista apud PUERTA MOLINA, 2016, p. 168, tradução da autora).⁹

Por isso os livros de não ficção escritos por jornalistas latino-americanos passaram a ser mais conhecidos pelo grande público ao longo do processo de enfraquecimento das ditaduras a partir da década de 1970, pois por denunciarem, muitas vezes, crimes cometidos pelos governos eles não foram amplamente divulgados por medo da repressão e perseguição. A mágica atribuída aos escritos ficcionais de nobels da literatura também estaria presente nos livros-reportagem latino-americanos, contudo não pela aplicação de recursos estéticos, mas pelo olhar, de nossos jornalistas sobre os acontecimentos e os sujeitos, ser mais poético, creio que, para poderem falar de assuntos tão delicados com o devido respeito e cuidado que pensavam ser mais adequado, mas sem deixar de realizar as denúncias.

o jornalismo, por mais que se esforcem os aprendizes jornalistas formados segundo as clássicas escolas da Europa e dos Estados Unidos, também há de não ser o

⁹ Yo creo que sí hay un segundo *Boom*, pero ya no está en la narrativa sino en un sitio en el que nadie estaba mirando y en este caso es el periodismo narrativo, eso que a falta de un mejor título llamamos crónica. El primer *Boom* ya sabemos todo lo que pasó, tuvo un éxito planetario, dos autores de esos que terminaron ganando el premio Nobel de literatura; pero con la crónica periodística está pasando una cuestión distinta. A mí no me cabe duda sobre su importancia en términos narrativos. Sí tengo es un interrogante respecto a qué tan popular es el género, hay poca gente practicándolo [...] y no veo a tanta gente leyéndolo [...] y eso llama la atención porque libros de este estilo en países como Estados Unidos a menudo han sido *Best Sellers*.

mesmo. Aqui, a realidade é mais literária, mais mítica, mais mágica; o olhar sobre o mundo é mais poético. Por isso, no Brasil, como na Argentina, no México, na Colômbia e em toda a América Latina, as condições para que floresça um tipo específico de jornalismo literário parecem propícias (DRAVET, 2013, p. 85).

Em diferentes países da América Latina, portanto, alguns marcos da produção híbrida de jornalismo e literatura permitem ver confluências e pensar que o advento dessas narrativas, em suas singularidades e em suas aproximações, abre espaço para uma teoria a ser construída acerca desse jornalismo, em termos de suas sincronias, sua ética, sua poética e sua dimensão estética. Como propõe Osório Vargas (2017, p. 139, tradução da autora)¹⁰,

O nascimento do jornalismo literário latino-americano, nas mãos de intelectuais excepcionais, mostrou o caminho para dignificar essa atividade, que, como prática social e de construção, é o local ou campo intelectual a partir do qual sua teoria é moldada.

O fôlego narrativo e o esforço intelectual empreendido por jornalistas como Antônio Callado, Gabriel García Márquez, Rodolfo Walsh e Elena Poniatowska, compõe uma cartografia do que Herrscher (2013, p. 19, tradução da autora) chama de “histórias verdadeiras” ao nomear o jornalismo narrativo. São histórias que têm a capacidade de nos meter “no coração deste mundo ao nosso redor¹¹”. E esse seria o ponto em que o jornalismo narrativo desenvolvido na América Latina transcende a prática estética do híbrido – aqui entendido como uma mistura, uma conversa entre as técnicas e procedimentos – do jornalismo e da literatura experimentado em outros lugares no mundo. O transcender está no posicionamento do jornalista, na denúncia e na tentativa de provocar reflexão, ou seja, no Comprometimento que só foi instigado pelos contextos social, histórico e político em que esses jornalistas estavam inseridos. Herrscher ainda completa:

É este mundo que nos é mostrado, são pessoas reais que falam. E é o confronto de um escritor-repórter com um mundo externo que não pode mudar nem moldar à vontade ou de acordo com suas idéias. Bem praticado, o jornalismo narrativo é profundamente ético. (HERRSCHER, 2013, p. 20, tradução da autora).¹²

¹⁰ El nacimiento del periodismo literario hispanoamericano, en manos de intelectuales excepcionales, mostró el camino de la dignificación de esta actividad, que, como construcción y práctica social, es el lugar o ámbito intelectual desde donde se conforma su teoría.

¹¹ [...] en el corazón de este mundo que nos rodea.

¹² Es este mundo el que se nos muestra, es gente de verdad que habla. Y es el enfrentamiento de un escritor-reportero con un mundo externo que no puede cambiar ni moldear a su antojo o según sus ideas. Bien practicado, el periodismo narrativo es profundamente ético.

É nessa esteira que se faz possível pensar em termos de uma poética, de uma estética e da ética do jornalismo narrativo, esta última como construto do relato, só possível se puder existir o “momento em que vemos o outro como ser humano¹³”, quando “não há como voltar atrás¹⁴” (HERRSCHER, 2013, p. 31, tradução da autora) e a narrativa se tece como produto da observação atenta, da escuta do jornalista, mas também pelas “vozes, as lógicas, as sensibilidades e os pontos de vista dos outros” (HERRSCHER, 2013, p. 30, tradução da autora).¹⁵ O autor colombiano elenca cinco aspectos que definem um bom jornalista narrativo

a voz, a visão dos “outros”, a maneira como as vozes ganham vida, os detalhes reveladores e a seleção de matérias, cortes e abordagens. Há muito mais, mas acho que são elementos básicos que fazem com que certas histórias verdadeiras nos toquem, nos golpeiem, nos acariciem e assumam nossa memória. (HERRSCHER, 2012, p. 28, tradução da autora).¹⁶

Ao falar em jornalismo narrativo na América Latina considero acrescentar um sexto aspecto na definição apresentada pelo autor argentino: a autorreflexão. A partir do encontro com o Outro, dos detalhes que passam a ser conhecidos sobre o acontecimento e da forma que essas memórias são transmitidas ao leitor, o jornalista vivencia um importante, mas conflituoso, momento de transformação, pois não só questiona o que foi propagado por seus colegas de profissão e como, ele também analisa sua própria atuação e os possíveis efeitos causados pelo fazer jornalístico – ou pela falta dele –, além de ponderar sobre sua relação no mundo com o Outro.

Fazer jornalismo narrativo, defende Herrscher, depende de um jornalista que sabe quem é, que se questiona com humildade e pergunta sobre si e sobre desde onde conta o mundo. Se esse círculo se completa, podem surgir obras como o clássico *Hiroshima*, de John Hersey, sobre a qual se pode afirmar: “é jornalismo narrativo – talvez mais poético do que narrativo – porque encontra a cena real que deixa uma onda de choque dentro do nosso entendimento e da nossa sensibilidade. (HERRSCHER, 2013, p. 34, tradução da autora¹⁷).

¹³ momento en que vemos el otro como ser humano

¹⁴ no hay marcha atrás

¹⁵ voces, las logicas, las sensibilidades y los puntos de vista de los otros

¹⁶ cinco aspectos que definen a un buen periodista narrativo: la voz, la visión de los “outros”, la forma en que las voces cobran vida, los detalles reveladores y la selección de historias, recortes y enfoques. Hay mucho más, pero esto son, creo, elementos básicos que consiguen que ciertas historias verídicas nos toquen, nos golpeen, nos acaricien y se apoderen de nuestra memoria.

¹⁷ Es periodismo narrativo – tal vez más poético que narrativo – porque encuentra la escena real que deja una onda expansiva dentro de nuestra comprensión y nuestra sensibilidad.

Na produção da reportagem ampliada, especialmente no formato de livro, temos demarcada a importância da observação como primeira aproximação da realidade, desencadeando sucessivos gestos para chegar a uma compreensão de acontecimentos e realidades, ingressar nas comunidades, como defende Osorio Vargas (2017, p. 6, tradução da autora)¹⁸, “para conhecer o ponto de vista da própria gente, ou seja, conhecer a leitura que essas pessoas fazem da realidade”. A experiência-vivência do repórter permite alcançar uma complexidade sobre o social, ou seja, relatos que sejam fruto do esforço de compreensão dos sujeitos e pelo gosto emanado de um jornalista que observa seus próprios sentimentos e julgamentos. (OSORIO VARGAS, 2017, p. 12). Ao propor um entendimento do jornalismo narrativo, em especial pelo método que o origina, reflete:

A reportagem literária é uma palavra viva; por isso, quando Tolstói disse: "Pinte sua aldeia e você será universal", ele nos mostrou o caminho da profunda humanização para encontrar o geral no particular e retratar o cotidiano; só que o chamado retrato não pode ser uma mera fotografia, deve ser um retrato brilhante e original do momento histórico em que vivem as pessoas de quem falamos, onde fluem a cultura e as realidades sociais. (OSORIO VARGAS, 2017, p. 22, tradução da autora).¹⁹

Em diálogo com o pesquisador colombiano, nos escritos do autor argentino, encontro uma proposição complementar:

Os grandes textos narrativos do jornalismo têm, penso, uma enorme ambição oculta. Eles não procuram apenas informar, entreter ou ensinar alguma coisa. Eles buscam o maior objetivo ao qual uma escrita pode aspirar: que o leitor mude, cresça, conheça não apenas uma parte do mundo que ele não conhecia, mas acaba conhecendo uma parte de si mesmo que não havia frequentado. (HERRSCHER, 2013, p. 36, tradução da autora²⁰).

¹⁸ para conocer el punto de vista de la propia gente; es decir, conocer la lectura que estas personas hacen de la realidad.

¹⁹ El reportaje literario es palabra viva, por eso cuando Tolstói dijo “Pinta tu aldea y serás universal”, nos mostró el camino de la humanización profunda para encontrar lo general en lo particular y retratar lo cotidiano; solo que el llamado retrato no puede ser una mera fotografía, tiene que ser un retrato luminoso y original del momento histórico en que viven las personas de las que hablamos, donde fluyen la cultura y las realidades sociales.

²⁰ Los grandes textos de periodismo narrativo tienen, creo, una enorme ambición escondida. No buscan solo informar, entretener o enseñar algo. Buscan el mayor objetivo al que puede aspirar un escrito: que el lector cambie, crezca, conozca no solo una parcela del mundo que desconocía, sino que termine conociendo una parcela de sí mismo que no había frecuentado.

Para propor a mudança a partir de um texto, o jornalista provavelmente carrega consigo uma carga cultural e social que o instiga a exercer esse papel de intelectual preocupado com as situações ao seu redor. Sem a intenção de analisar o jornalismo narrativo latino-americano a partir da comparação com o *New Journalism*, ainda assim sinto a importância de pontuar que um dos principais afastamentos entre eles é o contexto social, político, econômico e histórico dos países. Diante das conjunturas nas décadas de 1950 e 1960 na América Latina, os jornalistas optaram por um jornalismo de fôlego que possibilitasse uma denúncia mais perene em relação aos acontecimentos, para que não fossem esquecidos, e principalmente para que não voltassem a se repetir. Por isso, é válido afirmar que para melhor compreender seus textos, precisamos conhecer a esses jornalistas. Nas quatro seções a seguir são apresentadas passagens sobre a vida e obra do grupo que constitui o objeto de análise.

3.3 O BRASIL DE ANTÔNIO CALLADO

O ano de 1917 é lembrado por importantes passagens de revoluções em diferentes lugares no mundo. A Revolução Mexicana alcançou a elaboração e aprovação da nova constituição para o país, já na Rússia o movimento bolchevique derrubou o último Czar e, liderado por Lênin, instituiu o governo socialista, dando início à formação da União Soviética. No jornalismo, 1917 marca a entrega dos primeiros prêmios Pulitzer, a maior honraria que um jornalista pode receber por sua atuação.

Nesse ínterim, para a professora Edith Pitanga e o marido, o médico Dário Callado o ano de 1917 foi a chegada do quarto e último filho, Antônio Callado²¹, na data de 26 de janeiro, na cidade de Niterói, então capital do estado do Rio de Janeiro. Ao lado das irmãs Leda, Jerusa e Magdala, Antônio teve uma infância confortável, garantida pela profissão do pai. Na casa onde moravam também funcionava o consultório de Dário e o Externato Pitanga, colégio em que lecionavam Edith e as irmãs dela, Eloá e Edméa. Na escola da família, Antônio recebeu educação e se aproximou da literatura.

²¹ As informações biográficas de Antônio Callado foram obtidas em distintos acessos. Nas produções acadêmicas de Ana Paula Kaimoti (2007), Fábio Carminati (2014), Lilian Juliana Martins (2018) e Marcos Martinelli (2006), bem como no site da Academia Brasileira de Letras e em matérias publicadas sobre o escritor em jornais como *Folha de São Paulo* e *Nexo*.

Nesse ambiente, o pequeno Antônio também conviveu com um constante esforço por ajudar os desfavorecidos. Seu avô materno, o baiano Antônio Ferreira de Souza Pitanga, era juiz de direito e viajava constantemente pelo país conhecendo suas mazelas sociais. Como presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o jurista se posicionou como abolicionista, agindo constantemente em prol dos negros. Os direitos dos povos indígenas e dos presidiários também era pauta para esse senhor, que escreveu livros – como *A tutela dos Índios*, em 1915 – em que denunciava as condições dessa parcela da sociedade brasileira e ressoava a necessidade por leis que defendessem os indígenas. Seus escritos integraram a atuação de importantes instituições, como o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Em 1918, quando o neto estava para completar um ano, o jurista faleceu vítima de gripe espanhola, por isso foi a mãe do jornalista, Edith quem manteve viva a memória do avô, que anos mais tarde inspiraria as obras do neto.

Além do avô, o pai de Callado também optou por um trabalho de viés altruísta. Apesar de ter sido aprovado para ministrar um curso de livre docência em medicina, Dário seguiu como médico da Casa de Detenção do Rio de Janeiro, que em sua pior epidemia de gripe espanhola, contou com a atuação do médico que transformou o presídio em um verdadeiro hospital, salvando a vida de dezenas de pessoas privadas de liberdade. Por morar perto da praia do Icaraí, o contato com os pescadores era constante, sendo mais um grupo que também recebia o atendimento de Dário. Nesse contexto, o pai do jornalista se interessou pelo estudo da tuberculose, doença que o fez vítima aos 48 anos, quando Antônio tinha apenas 11 anos, marcando o início da instabilidade financeira da família.

Apesar das dificuldades financeiras, e declínio social dos Callado, Antônio conseguiu concluir os estudos e dar início à carreira de escritor. Seu primeiro destaque foi ainda aos 16 anos, quando ganhou um concurso de contos de um jornal de Icaraí. Com esse contato com o diário, o jornalismo passou a ser uma opção na vida de Antônio. Apesar de já ter escrito alguns textos para o periódico, Callado resolveu seguir os passos do avô e cursou Direito naquela que hoje é chamada Universidade Federal Fluminense. Apesar disso, antes mesmo de concluir a graduação, em 1939, Callado buscou emprego em salas de redação no ano de 1937, conquistando uma vaga no *Correio da Manhã*.

Com o primeiro exercício do jornalismo veio também a primeira experiência da censura, uma vez que sua iniciação na profissão coincidiu com a criação do Estado Novo, após o golpe instituído por Getúlio Vargas, que deu início à sua ditadura (1937-1945). Por trabalhar em um jornal que constantemente se posicionava como defensor da causa do povo e por seus escritos já com marcas de militância, Callado teve que conviver com a presença de um censor que lia cada linha por ele escrita antes da publicação. No ano em que se formou na faculdade, Callado decidiu que não usaria o diploma, mas seguiria na prática do jornalismo em busca da mudança social. Desta forma, no mesmo ano de 1939 ele aceitou ser colunista do jornal *O Globo*, onde trabalhou ao lado de Nelson Rodrigues.

Por ter aprendido línguas como Inglês e Francês, ainda na infância na escola de suas tias, e por se interessar pela história, Callado não hesitou ao se oferecer para o serviço brasileiro da rádio estatal inglesa British Broadcasting Corporation (BBC) para, em 1941, ir a Londres realizar a cobertura da Segunda Guerra Mundial – que havia iniciado em 1939 – como correspondente brasileiro. O que era para serem seis meses – em que Callado não só produziu matérias, mas sobretudo contos enviados para *O Globo* e o *Correio da Manhã* – logo tornaram-se anos.

Na Inglaterra, Callado buscou divulgar a cultura da terra natal, participando da criação da Sociedade Brasileira em Londres, e promovendo, em 1943, a primeira Semana do Brasil na capital inglesa, na qual palestrou sobre os escritores brasileiros contemporâneos. Callado continuou também seu trabalho na BBC, onde conheceu a primeira esposa, Jean Maxine-Watson, com quem teve três filhos. Em 1944, o casal se mudou para Paris, para trabalhar na *Radio Diffusion Française*, onde vivenciaram a reestruturação da capital francesa após a saída das tropas nazistas. Retornaram a Londres em 1945, época em que Callado começa a repensar na possibilidade de mudar-se para o Brasil, o que aconteceu em 1947.

Com outras vivências e bagagem cultural, Callado reassumiu sua vaga no *Correio da Manhã*, mas desta vez para um ofício que incluía viajar pelo país para desbravá-lo com seu caderno e caneta. No mesmo ano em que voltou ao seu país de origem, o jornalista realizou sua primeira viagem à Amazônia, onde teve contato com os povos indígenas e a difícil realidade brasileira fora dos eixos Rio-São Paulo. Cinco anos mais tarde, Callado recebeu o convite do jornalista e empresário das comunicações Assis Chateaubriand para acompanhar e

escrever sobre a expedição a ser realizada pelos *Diários Associados* em busca de pistas sobre o paradeiro do coronel inglês Percy Fawcett, que teria desaparecido na região do Xingu em 1925, juntamente com seu filho mais velho Jack Fawcett e o companheiro de viagens Releigh Rimmel, enquanto buscavam o suposto Eldorado brasileiro.

Callado foi o encarregado pelo contar sobre a localização da ossada do inglês desaparecido e a reconstituição de seus últimos momentos, informação repassada a Chateaubriand pelos irmãos Villas Boas após uma conversa com os índios Calapalos. O diretor dos *Diários Associados* logo organizou a viagem que pensava ser início da solução de um dos maiores mistérios do interior do Brasil, o que não se confirmou por falta de indícios que comprovassem que aqueles eram mesmo os ossos de Fawcett, como ele teria morrido ou quem o teria assassinado. Por mais que o mistério permanecesse, Callado aproveitou a circunstâncias para escrever um relato jornalístico profundo sobre seu encontro com os índios Calapalos, a identidade brasileira, o descaso com os povos originários e o desinteresse por essa importante parte da cultura de nosso país.

O livro *Esqueleto na lagoa verde*, publicado em 1953, relata as experiências dessa expedição de 1952, usando o caso Fawcett como pano de fundo para uma intensa reflexão acerca da realidade dos indígenas no Brasil. Essa obra marcou a produção de Callado para sempre, não só pela temática, mas também pelas técnicas empregadas em sua escrita. O jornalista se valeu de recursos literários e ambientações detalhadas para expressar as informações obtidas pelo fazer jornalístico. Essa foi a estreia de Callado no que chamo de jornalismo narrativo. Ademais, esse trabalho ainda viria orientar outras de suas produções, nos romances *Quarup* (1967) e *Expedição Montaigne* (1982).

Os cenários políticos e sociais brasileiros perpassam os escritos de Callado, que fez disso uma de suas marcas, principalmente após a experiência que teve durante a cobertura do Bogotazo²² em 1948. Nessa ocasião, ao lado do também jornalista Joel Silveira, do *Diário de Notícias*, eles vivenciaram as primeiras horas da revolta popular e a forte reação do governo colombiano que gerou mais de cinco mil civis mortos somente naquele dia. Assim, a

²² Uma série de manifestações populares após o assassinato do líder do Partido Liberal Jorge Eliécer Gaitán em 9 de abril de 1948. Gaitán era candidato à presidência da Colômbia com maior apoio da opinião pública que visava o fim do governo conservador. A revolta durou mais cinco anos, totalizando mais de 300 mil mortos em conflitos.

insurgência popular como alternativa para a mudança social se tornou uma constante nas obras de Callado, que adotou uma postura mais engajada a um projeto democrático para o Brasil. Callado pode ser caracterizado como um

intelectual que se move a partir de uma busca pelo entendimento de seu país, esteja ele na posição de romancista, dramaturgo, contista ou cronista. Esse último fragmento evidencia do mesmo modo aquilo que, como já descrito, percebemos como hipótese: a viagem ao encontro da compreensão do Brasil também está em suas reportagens. Ao se dedicar, quase sempre, a pautas nas quais a resistência de um grupo ou comunidade consegue alcançar objetivos notórios em avanços sociais, Callado, igualmente como repórter, dá a seu público caminhos possíveis para entender que uma revolução brasileira do ponto de vista político e social seria urgente. Antônio Callado apresenta-se como jornalista cuja obra é de candente engajamento na transformação político-social do país em determinado momento histórico. (MARTINS, 2018, p. 21).

Callado assumiu o cargo de redator-chefe do *Correio da Manhã* em 1954, após a morte de Paulo da Costa Rego. Nesse período o jornalista também se dedicou à produção de peças de teatro e de romances, publicando o primeiro também em 1954, chamado *Assunção de Salviano*. Em 1960, contudo, Callado é convidado ao papel de editor da primeira versão brasileira da enciclopédia Barsa, retornando ao jornalismo somente em 1963 como repórter especial do *Jornal do Brasil*.

Na sequência, o escritor vivenciou o Golpe de 1964, o qual impôs a ditadura militar no Brasil, que com a oficialização do Ato Institucional Número Um (AI-1) em 9 de abril – que determinava a cassação de mandatos legislativos e a suspensão de direitos políticos – culminou na nomeação do general Humberto de Alencar Castelo Branco para a presidência do país no dia 15 de abril daquele ano. Callado não chegou a ser torturado ou destinado a exílio, mas contabilizou três prisões ao longo do período repressivo. Em 1964, Callado retornou ao *Correio da Manhã*, reassumindo seu posto no diário. Por receio do governo militar, no entanto, a direção do jornal decidiu começar as demissões dos redatores que não se enquadravam na nova “proposta editorial”, entre eles Carlos Heitor Cony, amigo e companheiro de profissão de Antônio. Diante do fato, Callado decidiu sair do jornal em apoio ao colega, retornando ao *Jornal do Brasil*, que já tornava clara sua tensão contrária à ditadura.

Em 1968, o periódico decide enviar Callado para o Vietnã do Norte, país comunista, que estava em guerra direta com os Estados Unidos em pleno auge da Guerra Fria, indicando

uma vez mais sua perspectiva à esquerda. No retorno de sua viagem, com a emissão do Ato Institucional Número Cinco (AI-5) – que resultou na intervenção direta dos militares nos governos estaduais e municipais e na institucionalização da tortura – Callado sofre sua segunda prisão. O que daria início a uma perseguição política mais acentuada por parte dos militares. Callado ainda foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional após a publicação de dois artigos caracterizados como sendo subversivos. Em 30 de abril de 1969, foi publicada no Diário Oficial da União a cassação de todos os direitos políticos de Antônio Callado. Somente após um ano o jornalista foi absolvido e conseguiu retomar suas atividades.

Em 1971, já considerando a revolução democrática uma utopia improvável para o Brasil, o jornalista desabafou nas páginas de seu romance *Bar Don Juan*, que sintetizou a derrota sofrida pela esquerda brasileira pelas mãos pesadas da ditadura. Em sua saída da prisão, onde foi torturada, a jornalista Ana Arruda acessou o livro e chorou ao compartilhar da opinião de Callado. Após a leitura ela ligou para ele, que a convidou para uma conversa. Assim eles começaram a namorar. E em 1977, eles se casaram.

Dois anos antes do matrimônio com Ana, Callado se aposentou da profissão de jornalista, mas seguiu como romancista e tradutor, realizando algumas reportagens especiais ocasionalmente. O escritor deu continuidade a suas viagens Brasil adentro, presenciando as distintas mazelas brasileiras, que retratou em suas obras seguintes. Pessimista, ele não esperava a chegada da mudança político-social no Brasil. Talvez a dor do câncer generalizado – metástase óssea que teria evoluído de um câncer na próstata – que o vitimou não tenha sido um fardo tão pesado quanto sua desilusão com a luta pela democracia. Callado faleceu dois dias após completar 80 anos por complicações da doença.

3.4 A COLÔMBIA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Em uma cidade “de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos” nasceu Gabriel García Márquez²³ em seis de março de 1927. O trecho

²³ A tese de Moisés Limia Fernández (2010) e a autobiografia de Márquez (2003) são as fontes acessadas para a reconstrução desse relato da vida e obra do colombiano.

acima, no qual o jornalista descreveu a cidade fictícia de Macondo – logo no início de seu livro *Cem Anos de Solidão* – pode adequadamente ser utilizado para falar de Aracataca, pequeno povoado colombiano, localizado próximo à costa do oceano Atlântico, na qual o escritor de fato nasceu.

O pequeno Gabriel era o primeiro de doze filhos do casal Gabriel Eligio García e Luisa Santiaga Márquez. Os avós maternos de “Gabito” se mudaram para Aracataca em 1911, quando Luisa tinha apenas cinco anos. A motivação da mudança teria sido uma briga entre o avô materno do jornalista, o coronel Nicolás Ricardo Márquez Meja, e outro homem, o qual ele teria assassinado na ocasião. A vergonha e o arrependimento fez com que ele levasse a família para Aracataca, pouco antes do *boom* da banana, principal produto que gerou renda para inúmeras famílias locais. Já o pai de Gabriel, um telegrafista, teria chegado à cidade por acaso, em função do avanço da produção e venda da banana. Em Aracataca o casal se conheceu e se apaixonou, optando pelo matrimônio logo em seguida, mesmo sem o apoio dos pais de Luisa.

Após nascimento do filho eles se mudaram para uma cidade próxima, chamada Riohacha, enquanto o bebê permaneceu em Aracataca sob os cuidados dos avós maternos. Somente aos oito anos de idade, após o falecimento de Nicolás, Gabo foi morar com os pais. A perda significou muito para o jornalista, que era extremamente apegado ao avô. Tanta era a importância de Nicolás para Gabriel que ele não só inspirou alguns de seus escritos como diversos personagens ao longo de sua carreira.

Contudo a estadia na casa de seus pais, em Sucre, dura pouco, e em 1936 ele é direcionado ao internato San José, colégio dirigido por jesuítas, na cidade de Barranquilla. Quatro anos mais tarde adentrou na escola Liceo Nacional, no município de Zipaquirá, onde se sente enclausurado. Para fugir da sensação de eterno castigo vivenciada entre as paredes do internato, que Gabo se voltou para os livros, que o permitiam sonhar com o mundo para além dos muros da escola.

Em 1947, com 20 anos, García Márquez viajou rumo a Bogotá, capital da Colômbia, onde ingressou no curso de Direito, não por aspiração ou vocação, mas porque seria a única graduação que teria aulas somente pela manhã, possibilitando que fizesse jornada dupla entre

estudos e trabalho. O jornalista nunca chegou a obter o título de bacharel, talvez em função das aulas que tenha perdido para ficar aos arredores da faculdade, em cafés, falando sobre literatura com seus amigos.

Nesse meio tempo Gabo escreveu seus primeiros contos a serem publicados nas páginas de um jornal. *La tercera resignación* marcou a estreia do escritor, no dia 13 de setembro de 1947. Outros seriam publicados nos meses seguintes nos cadernos especiais de final de semana. No ano seguinte seus contos iriam repercutir os acontecimentos que culminaram no Bogotazo, no dia nove de abril. O jornalista se encontrava em meio à multidão enraivecida com o assassinato do líder político Jorge Eliécer Gaitán, participando das manifestações de estudantes. Ao retornar para pensão em que morava Gabriel ficou estarrecido ao vê-la em chamas, um dos reflexos do protesto, com todos seus livros e manuscritos sendo revertidos em cinzas.

O governo fechou a maioria dos centros públicos de Bogotá e cidades maiores para evitar a aglomeração da população, entre esses locais estava a Universidade Nacional, que era frequentada pelo jornalista. Sem ter onde morar, onde estudar ou cafés para ir, Gabo decidiu seguir para Cartagena, onde continuou seus estudos de Direito. A pacífica cidade com ares caribenhos inspirou García Márquez a se aventurar pelo jornalismo, passando a integrar a equipe de redatores do jornal *El Universal*, em maio de 1948. Mas é somente no ano seguinte, durante uma viagem a Barranquilla, ao lado de colegas jornalistas que ele decidiu abandonar de vez o Direito e se dedicar profissionalmente ao jornalismo e à literatura.

No entanto uma pneumonia contraída no final de março de 1949 impediu Gabo de seguir no jornal, obrigando-o a voltar para Sucre e cuidar de sua saúde ao lado da família. No ano seguinte retornou a Barranquilla, onde a qualidade de sua escrita logo chama atenção de outros periódicos, sendo chamado para integrar a equipe de *El Herald*, no qual tinha uma coluna própria, chamada *Punto y aparte*. Seus textos começaram a ser publicados ainda em janeiro de 1950 assinando-os com o pseudônimo de *Septimus*. Contudo, uma vez mais ele deixou de lado a profissão que ama para viver com a família, desta vez para ajudar economicamente seus pais entre 1951 e 1952.

Em fevereiro de 1952 ele sai em viagem pelas regiões de Magdalena, Cesar e Guajira, acompanhado dos amigos Rafael Escalona e Manuel Zapata Olivella. A jornada deixou o jornalista empolgado para escrever *La Hojarasca*, mas o fracasso editorial fez com que em ele abandonasse a escrita em 1953 para dedicar-se a viagens, atuando como vendedor de livros pelos povos de Guajira. Não era um exímio vendedor, mas a experiência possibilitou que Gabo acessasse a cultura e as histórias por trás dos povoados mantidos pela produção bananeira.

Convencido por amigos, García Márquez retornou a capital, em 1954, onde foi trabalhar no jornal *El Espectador*, voltando-se mais para a prática jornalística, mas sem deixar de escrever crônicas, colunas e críticas de cinema. Porém a vida de Gabo tem mais uma reviravolta em 1955. Enviado à Europa como correspondente internacional do *El Espectador* o jornalista foi impedido de retornar à Colômbia por motivações políticas.

O governo ditatorial de Rojas Pinilla (1953-1957) estava observando Gabo desde abril de 1955, época da publicação de uma série de 14 reportagens chamada *La verdad sobre mi aventura*, em que conta como o marinheiro Luis Alejandro Velasco sobreviveu dez dias à deriva no mar do Caribe após a embarcação da Armada da República Colombiana, ARC Caldas, sofrer um naufrágio na noite de 28 de fevereiro de 1955 por conta do excesso de peso do contrabando trazido desde os Estados Unidos com o aval do ditador Rojas. O conjunto de reportagens mais tarde viria a se tornar seu primeiro livro-reportagem: *Relato de um naufrago* (1970). Essa foi a principal causa de seu exílio, que durou cerca de quatro anos, nos quais viveu entre Genebra, Roma e Paris.

Em seu período na Europa Gabo não deixou de escrever, e fez das cidades onde passou palco para algumas de suas histórias. Em 1957, ao lado do amigo Plinio Apuleyo Mendoza, o jornalista visitou alguns países, então socialistas: Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Polônia e Rússia. Viagem que rendeu mais uma série de reportagens, intitulada *90 días en la Cortina de Hierro*, publicada somente em 1959 pela revista colombiana *Cromos*. Nesse período a informação sobre o fechamento do jornal *El Espectador* pela ditadura de Rojas já havia alcançado a Gabo.

Com 30 anos, dois romances e uma variedade de contos, García Márquez decidiu retornar para a América Latina. Passou a morar na Venezuela, onde Apuleyo Mendoza conseguiu um posto de jornalista para Gabo na revista *Momento*. Assim que chegou em Caracas testemunhou um bombardeio e uma invasão ao palácio presidencial de Miraflores. O jornalista não hesitou e decidiu escrever como se constrói um ditador, se valendo de inúmeras entrevistas, principalmente com um mordomo que trabalhou na casa de diferentes ditadores e pesquisas biográficas onde apurou várias informações. A publicação da obra *El otoño del patriarca* se deu somente em 1975.

A publicação das iniciais do diretor da revista *Momento*, Carlos Ramírez MacGregor, ao final de uma nota foi o estopim para a demissão de Gabo. Por não concordarem com as palavras do diretor – que queria se desculpar ao governo estadunidense de Richard Nixon pelas manifestações populares contrárias a sua visita na Venezuela – García Márquez e Apuleyo Mendoza inseriram, sem permissão, as iniciais do diretor, com o intuito de deixar claro que os redatores não compartilhavam da mesma opinião de MacGregor. Logo após, em 1958, novamente com a ajuda de Plínio, Gabriel conseguiu outro emprego, desta vez como chefe de redação da revista *Venezuela Gráfica*. Com o fazer jornalístico tomando grande parte de sua rotina, restavam somente os domingos para dedicar-se a literatura, ação que Gabo fez ritualmente.

Em janeiro de 1959, com o êxito da Revolução Cubana liderada por Fidel Castro, García Márquez se mudou para o país insular para assumir um posto na *Prensa Latina*, órgão de imprensa estatal desenvolvido por Che Guevara para combater a onda de campanha anti Cuba que se arrastava pela América continental. Nesse grupo ainda trabalharam Plínio Apuleyo Mendoza, Juan Carlos Onetti e o argentino Rodolfo Walsh. Com o objetivo de ampliar a atuação da *Prensa Latina*, Gabo e Plínio retornaram à Venezuela para estabelecer a ação de introduzir nos veículos tradicionais de comunicação as notícias vindas de Cuba.

Já em 1961 o colombiano se arriscou ao mudar-se para Nova Iorque, nos Estados Unidos, onde atuou como correspondente da agência Cubana. Tinha como destino final a cidade de Montreal, no Canadá, mas por não obter a liberação do visto acabou por permanecer em solo estadunidense. Nessa época já estava acompanhado da esposa Mercedes Bercha, com quem teve dois filhos, Rodrigo e Gonzalo, que eram constantemente ameaçados em função da

profissão de Gabriel. Após constantes perigos e dificuldades vivenciadas nos Estados Unidos, o jornalista decidiu mudar-se para a Cidade do México, onde se dedicou ao cinema, além de trabalhar em duas revistas: *La Familia* – voltada para o público feminino – e *Sucesos para Todos*. Apesar desses periódicos, o jornalista vivenciou nesse período um bloqueio de criação literária, voltando a escrever literatura somente em 1965.

Foi durante uma viagem a Acapulco que lhe surgiu a ideia de escrever *Cem anos de Solidão*, publicado em maio de 1967, pela editora argentina *Editorial Sudamericana*, com uma tiragem inicial de oito mil cópias que se esgotou em menos de duas semanas. A obra ganhou o mundo, sendo traduzida para 35 idiomas e ultrapassando os 50 milhões de exemplares vendidos. O livro da vida de Gabo lhe rendeu o Nobel de Literatura em 1982.

Assustado com a fama repentina o escritor mudou-se para Barcelona, na Espanha, onde residiu com sua família entre 1968 e 1975. Após esse período ele dedicou-se a uma carreira política comprometida, sem ligações partidárias, tornando-se embaixador extraoficial da América Latina, lutando pelos direitos humanos e pela paz.

Eternamente consciente de sua responsabilidade sociopolítica – como escritor e jornalista – ele aproveita seus estreitos laços de amizade com líderes progressistas como Carlos Andrés Pérez, Omar Torrijos, Fidel Castro ou alguns líderes sandinistas para intervir na política internacional do continente. Durante esses anos, pratica jornalismo denunciando ditaduras, sendo especialmente severo e insistente com o ditador chileno Augusto Pinochet. (LIMIA FERNÁNDEZ, 2010, p. 446, tradução da autora).²⁴

Nos anos 1980 voltou a afirmar-se enquanto jornalista reassumindo sua vaga no jornal *El Espectador*. Sua coluna semanal era difundida por toda a América Latina e encantava por misturar a narrativa jornalística com recursos de escrita literária, que Gabo realizava com maestria. Nessa época já estava de volta à Colômbia, onde conviveu com ameaças do governo militar de Turbay Ayala, sendo quase preso, conseguindo escapar para a Cidade do México em 26 de março de 1981 com a ajuda da Embaixada mexicana. Nesse mesmo ano publicou *Crónica de una muerte anunciada*, relato inspirado em sua juventude na cidade de Sucre. Em

²⁴ Eternamente consciente de su responsabilidad sociopolítica – como escritor y como periodista –, aprovecha sus estrechos lazos de amistad con mandatarios de tendencia progresista como Carlos Andrés Pérez, Omar Torrijos, Fidel Castro o algunos dirigentes sandinistas para intervenir en la política internacional del continente. Durante estos años practica un periodismo de denuncia de las dictaduras, siendo especialmente duro y contumaz con el dictador chileno Augusto Pinochet.

1985 foi editado *El amor en los tiempos del cólera*, em que recria a história de amor de seus pais, e logo o romance se tornou mais um sucesso na carreira de Gabo.

Até os anos 1990 seguiu conciliando o jornalismo, a prática literária e o cinema – assumindo inclusive a presidência da Fundação do Cinema Novo Latinoamericano. Em 1994 publicou aquele que seria a seu último romance, *Del amor y otros demonios*. Nesse mesmo ano criou, com o apoio do amigo Tomás Eloy Martínez, a fundação *Nuevo Periodismo Iberoamericano*, escola que recebe até hoje estudantes de jornalismo de diversos lugares do mundo para aprofundar o conhecimento sobre o fazer jornalístico e provocar a reflexão do papel do repórter na sociedade.

Gabo seguiu com o jornalismo até 2004 quando decidiu se aposentar, mas antes publicou seu último livro, *Memoria de mis putas tristes*, uma espécie de despedida. Em 2012 o irmão mais novo de Gabriel, Jaime García Márquez, revelou que o escritor sofria de demência em função da idade avançada, convivendo com a constante perda de memória, além do câncer linfático, contra o qual lutava desde 2009. Gabo faleceu aos 87 anos, na Cidade do México, no dia 17 de abril de 2014, vítima de pneumonia.

3.5 A ARGENTINA DE RODOLFO WALSH

O jornalista Rodolfo Walsh nasceu²⁵ em 9 de janeiro de 1927, em Choele-Choel, cidade argentina conhecida também por ser palco de um dos mais sangrentos extermínios indígenas durante a colonização espanhola. Descendente de irlandeses – seus bisavós fugiram de uma realidade de fome e miséria – a família de Walsh experimentou altos e baixos ao longo de sua estabilização em terras argentinas. Os imigrantes em busca um futuro melhor logo se tornaram estancieiros, mas a fartura foi consumida pela crise e por dívidas.

Miguel Estaban Walsh, pai do jornalista, não chegou a vivenciar os anos dourados da família, restando a ele trabalhar em um frigorífico na capital Buenos Aires, local em que conheceu Dora Gill, que viria a ser a mãe de Rodolfo. Visando uma vida melhor o casal se

²⁵ As informações sobre a biografia de Walsh foram reunidas a partir da leitura dos textos de Michael McCaughan (2015) e Ana María Amar Sánchez (1992).

mudou para Choele-Choel onde se dedicaram à agricultura e tiveram seus primeiros filhos: Miguel e Carlos. Porém uma inundação do Rio Negro arrastou não só a colheita, mas a casa e as esperanças da família.

Apesar da dificuldade logo conseguiram trabalho em uma estância de um ministro do governo, para cuidar da criação das ovelhas. Nesse local nasceram Rodolfo, Hector e Kitty, a única menina. A fazenda garantiu o acesso a livros além do trabalho. Foi Dora quem compartilhou com os filhos o amor pela literatura, e logo Walsh se apaixonou também.

Em 1936 com a morte de Víctor Molina, dono da estância, a família ficou novamente sem um lar. Assim começou o declive econômico, que fez com que os pais decidissem dividir a família. Kitty foi a única a permanecer ao lado dos pais. Miguel e Carlos foram morar com a avó, enquanto Rodolfo e Hector foram enviados ao internato Fahy, mantido por freiras irlandesas, no qual tiveram acesso à educação.

Com as freiras, Walsh aprendeu inglês e literatura, apesar de todas as dificuldades vivenciadas em um ambiente dominado pelo rigor religioso. Sempre ávido por leituras Walsh conseguiu até adiantar os estudos e obter notas exemplares, exceto na disciplina de desenho, na qual não conseguia notas maiores que nove. Contudo as más experiências no internato o fizeram abandonar a escola, um ano antes de completar o ensino médio.

Assim Walsh aceitou o trabalho temporário em uma granja, mas como nunca foi pago por seus serviços ele decidiu mudar-se para Buenos Aires, onde vivenciou experiências como lavador de louça e limpador de janelas. O argentino, que sempre gostou de ler e escrever, não demorou muito para conseguir um emprego na revista *Hachette*. Na época, com 17 anos, entrou como revisor, e quando tinha oportunidade publicava alguns textos, o que serviu como espaço para aprimorar sua escrita.

O início da jornada de Walsh pelo jornalismo coincidiu com um longo período militar, que havia iniciado ainda em 1930, quando o general José Uriburu, com um golpe, tomou o poder do governo argentino. Foi numa Argentina que vislumbrava uma disputa entre militares pelo poder e dominada pelo sentimento populista promovido pelo jovem coronel Juan Domingo Perón, que Walsh se aproximou da luta social contra os governos ditatoriais e pró-direitos trabalhistas.

Em 1946 Perón foi eleito presidente e isso mudou os rumos da história argentina. Famoso por uma política voltada ao setor popular, o militar foi idolatrado por diversas camadas da sociedade, principalmente pelos sindicalistas, por ter criado vários benefícios para os trabalhadores até então ignorados pelos outros governantes. Em meio a esse contexto, em 1949 Walsh conheceu a estudante de literatura Elina María Tejerina, em um evento literário na casa do escritor Jorge Luiz Borges. No ano seguinte, sem apoio de suas famílias, Rodolfo e Elina se casaram, já aguardando sua primeira filha, María Victoria.

Nesse mesmo período Walsh decidiu terminar o ensino médio, e ingressar no curso de Letras, da Universidade de La Plata, cidade onde foram morar após Elina receber a oferta de dirigir uma escola especializada no ensino para cegos. O jornalista seguiu seu trabalho de tradução e revisão para a revista *Hachette*, mas passou a dedicar-se também aos contos, em que mesclava a literatura e o jornalismo. Seu primeiro conto foi publicado em 17 de agosto de 1950, na revista *Vea y Lea*. Walsh seguiu equilibrando os estudos, o jornalismo e os trabalhos com tradução mesmo com a chegada de sua segunda filha, Patricia, em 1952, e com a publicação de seu primeiro livro, *Variaciones en rojo*, em 1953.

Entretanto a vida de Walsh tomaria um rumo tão inesperado quanto o de seu país a partir de 1955. O primeiro ataque contra Perón foi em junho daquele ano, no qual as forças aéreas, apoiadoras do então presidente, responderam aos manifestantes com bombas que assassinaram centenas de pessoas, bem em frente ao palácio presidencial. Em setembro de 1955, no terceiro ano de seu segundo mandato, as próprias forças armadas, sob o comando do general Pedro Aramburu²⁶, realizaram um golpe, tomando o poder da Argentina²⁷ e obrigando Perón a exilar-se.

Nesse momento o jornalista passou a integrar as Fuerzas Armadas Peronistas, uma organização guerrilheira sem ligação ao sindicalismo e ao partido peronista, e outra organização conhecida como Montoneros, que lutava pela retomada da democracia e da liberdade na Argentina.

²⁶ Militar que assumiu a presidência da Argentina após o militar Eduardo Lonardi, que governou o país por apenas dois meses após o golpe que derrubou Perón e instituiu a ditadura no país, a qual durou de 1955 a 1958.

²⁷ Informações extraídas da biografia do ex-presidente argentino Juan Domingo Perón, realizada pelo Instituto Nacional Juan Domingo Perón, disponível no site: <http://www.jdperon.gov.ar/material/biografiaperon.html>

Como resposta ao afastamento do presidente, os movimentos pró-Perón começaram a se organizar e formular possíveis revoltas contra o governo militar que havia deposto seu líder. Até que em nove de junho de 1956 um grupo armado realizou um levante, mas logo após o início do movimento os militares controlaram a situação²⁸. Naquela noite, todavia, um grupo de civis foi capturado e condenado ao fuzilamento, sob a justificativa de que estariam envolvidos no levante.

Meses depois desse fato, chegou até Rodolfo Walsh a seguinte informação: “há um fuzilado que vive!”. Tal afirmação mudaria a produção literária de Rodolfo Walsh para sempre. Logo após tomar conhecimento do fato, o jornalista descobriu que o tal sobrevivente era Juan Carlos Livraga, e além dele, outros haviam sobrevivido. Foi assim que Walsh iniciou seu primeiro livro nos moldes de jornalismo narrativo, *Operação massacre* (1957), que antes de editado no formato de livro, foi publicado como uma matéria em um pequeno jornal sindical, enquanto os grandes jornais ignoravam o fato, ou nas palavras do jornalista “tiravam o corpo fora”.

Não foi por acaso que *Operação Massacre* se tornou sua obra mais famosa²⁹, pois traz como um dos personagens principais um “morto” que fala, ou seja, um homem considerado morto pelos militares que o fuzilaram, mas que por sorte sobreviveu. No livro, Walsh (2010) indica que o fuzilamento ocorreu de forma ilegal, pois a lei marcial ainda não vigorava no país, mesmo tendo sido anunciada na madrugada do dia 10 de junho de 1956 nas rádios argentinas, ela só entraria em vigor 24 horas após o anúncio. Sendo assim, a ação dos militares naquela madrugada se enquadraria como crime. Esse seria um dos primeiros relatos de Walsh nos moldes do jornalismo narrativo comprometido, conceito atribuído à obra do autor pela pesquisadora argentina Amar Sánchez.

Depois de *Operação massacre* Rodolfo Walsh escreveu mais dois livros-reportagem, sendo eles, *¿Quién mató a Rosendo?* (1968) e *O caso Satanowsky* (1973). O primeiro relata a história por trás do assassinato do sindicalista Rosendo García por dirigentes da *Unión Obrera Metalúrgica*, um sindicato peronista. Fato superficial que Walsh utiliza para analisar o

²⁸ Os dados sobre a noite do levante, e a obra de Walsh que se deu na sequência, foram extraídos da tese da pesquisadora argentina Adoue (2008).

²⁹ O livro inclusive foi adaptado para cinema em 1972. A produção ocorreu na clandestinidade durante o governo ditatorial de Alejandro Agustín Lanusse. O filme foi dirigido por um dos maiores cineastas argentinos, Jorge Cedrón, e estreou no dia 27 de setembro de 1973 para o público em geral. Hoje o filme já pode ser encontrado na íntegra em sites como o Youtube.

drama pelo qual passava o sindicalismo peronista na Argentina a partir da queda de Perón em 1955. Rodolfo Walsh baseia a reconstrução dos fatos nos relatos daqueles que sobreviveram ao tiroteio que tirou a vida de Rosendo e nos documentos oficiais relacionados ao que aconteceu.

No livro *Caso Satanowsky* (1973), Walsh investiga o assassinato de Marcos Satanowsky, ocorrido em Buenos Aires em 13 de Junho de 1957, durante o processo iniciado pelos militares em que Satanowsky defendia Peralta Ramos, acusado de vender as ações do jornal *La Razón* que teriam sido repassadas posteriormente a Eva Perón (a primeira mulher de Juan Perón). Nesta produção, assim como em *¿Quién mató a Rosendo?*, o jornalista se vale de um fato primeiro e menor para explorar um tema muito mais complexo, o interesse do governo de Aramburu em controlar os grandes jornais argentinos.

O jornalista escreveu sobre Satanowsky antes da obra *¿Quién mató a Rosendo?* e foi na revista argentina *Mayoría* que Walsh publicou as notas sobre o caso, entre junho e dezembro de 1958. As vinte e oito notas deram origem ao livro em 1973, reeditado posteriormente na década de 1980.

O conjunto formado por essas três obras contribuem para o estudo da atuação do jornalista no desvendamento da história, além de fomentar a discussão sobre o jornalismo narrativo comprometido, ou seja, aquele jornalismo que utiliza da estrutura narrativa literária para explorar temas de relevância social e política, trazendo uma representação narrativa que não pode ser vista como “espelhamento, reflexo, mas um gesto criador de realidades, de mundos, de entendimentos” (LEAL, 2013, p. 35).

Além da Argentina, Walsh viveu em outro país latino-americano, onde se deparou com lutas sociais e históricas políticas. Em 1959, viajou a Cuba e lá se envolveu com um projeto jornalístico vinculado à Revolução Cubana: a *Prensa Latina*. A agência de notícias dirigida por Jorge Masetti fazia parte do *Operativo Verdad*, idealizado por Che Guevara, que visava contrastar com as produções jornalísticas de países estrangeiros³⁰.

³⁰ Informações retiradas do programa especial sobre Rodolfo Walsh do *Canal Encuentro*, uma produção do Governo Argentino. Disponível em: http://www.encuentro.gov.ar/sitios/encuentro/Programas/ver?rec_id=100685.

Uma das principais funções de Walsh na agência era criptografar, talento que descobriu por acaso, quando um telex da CIA informando em mensagem criptografada o dia e o lugar que o comando estadunidense desembarcaria na Bahia dos Porcos (Cuba) em 1961 chegou até o jornalista, que o decifrou. Walsh conseguiu interpretar a mensagem “com a ajuda de um livro sobre escrita cifrada, comprado num sebo” (ADOUE, 2008, p. 13).

O escritor foi um dos principais jornalistas a divulgar as atrocidades cometidas pelos militares, principalmente após a queda de Perón em 1956 e depois do golpe que afastou a presidente Isabel Perón (a segunda esposa de Juan Perón) em 1976 e instalou a pior ditadura militar que a Argentina já teve.

Foi após esse golpe que Rodolfo Walsh criou a *Agencia de Noticias Clandestinas* (ANCLA), a qual foi desenvolvida para suprir a necessidade de um meio eficaz para a circulação de informação em um momento que a ditadura tinha total controle sobre a mídia na Argentina. Ou seja, a ANCLA possuía uma estrutura comunicacional de representação social por meio da ação política, principalmente por participar ativamente na luta de resistência ao regime.

Por lutar contra os governos ditatoriais e por escrever sobre os crimes hediondos cometidos nas ditaduras argentinas é que Rodolfo Walsh desapareceu no dia 25 de março de 1977, ou seja, um dia após publicar uma Carta Aberta em que registrava seu repúdio à Junta Militar e a todos os horrores que os militares haviam cometido contra o povo argentino.

Somente em sete de julho de 2015, na cidade brasileira de Viamão, no Rio Grande do Sul, o ex-militar Roberto Oscar González, acusado de participar da morte do jornalista Rodolfo Walsh, foi detido. O policial aposentado era procurado pela Interpol e está respondendo por processo no Supremo Tribunal Federal do Brasil, uma vez que uma lei o protege da extradição para a Argentina. Em entrevista³¹ ao jornal Zero Hora ele confessou ter participado da morte de mais de cem pessoas durante a ditadura no país vizinho e lamentou não ter sido o autor dos disparos que tiraram a vida de Walsh.

³¹A entrevista se encontra no site da Zero Hora. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/04/repressor-argentino-confessa-a-morte-de-mais-de-um-a-centena-de-pessoas-em-confrontos-5784433.html>> . Acesso em: 3 de julho de 2019.

3.6 O MÉXICO DE ELENA PONIATOWSKA

No dia 19 de maio de 1932 em Paris³², na França, nasceu a princesa Hélène Elizabeth Louise Amélie Paula Dolores Poniatowska Amor, filha do príncipe polonês Jean Joseph Evremond Sperry Poniatowsky e da francesa-mexicana María de los Dolores Paula Amor Escandón. A história da jornalista Elena Poniatowska³³ poderia ser definida como uma mescla entre um conto de fadas europeu e uma emocionante novela mexicana, só que baseada em fatos reais.

A mãe da escritora, que também nasceu em Paris, pertencia à família de José de la Cruz Porfirio Díaz, ex-presidente mexicano que assumiu o cargo em 1876, amparado pela admiração social por sua atuação na Guerra da Reforma – revolta pública que visava desvencilhar o México de qualquer resquício colonialista para assumir uma postura liberal – em 1867, quando derrotou as tropas imperiais. Com a queda do apoio popular, insatisfeito com seu governo ditatorial – período político conhecido por Porfirisismo –, e com o avanço da Revolução Mexicana liderada por Francisco Madero o militar renunciou no dia 25 de maio de 1911 e exilou-se com a família na França.

Já o pai de Elena descendia do general polonês Poniatowsky – que teria atuado ao lado de Napoleão Bonaparte em suas conquistas em busca do Império Francês – sendo sobrinho do último rei da Polônia, Estanislau II Augusto Poniatowski. O rei Estanislau abdicou ao trono em 1785 após as chamadas Partições da Polônia – divisão do território da então República das Duas nações, que consistia no território atual da Polônia e da Lituânia –, processo liderado pelo Reino da Prússia, o Império Russo e a Monarquia Austríaca. Em meio a tantas histórias entrecruzadas Jean Joseph e Paula se conheceram, casando-se e em seguida tendo duas filhas, primeiro Elena e, na sequência, Kitzia – mais conhecida no México como Sofia.

³² De modo distinto aos outros jornalistas que integram o objeto desta presente pesquisa, Elena Poniatowska não nasceu na América Latina, mas afirma constantemente que sua identidade é mexicana pois viveu no país a maior parte de sua vida.

³³ O relato sobre a vida Elena Poniatowska, a única mulher dentre os jornalistas aqui analisados, é baseado em escritos encontrados em teses, principalmente as de Larissa Paula Tirloni (2018) e Michael K. Schuessler (2003), bem como informações extraídas da bio-bibliografia escrita por Marta Herrero Gil e Isabel Díez Ménguez (2008).

A infância da escritora foi na Europa, seguindo o padrão francês de ensino da época. Todavia com dez anos de idade Elena mudou-se para a capital do México ao lado de sua mãe e irmã para fugir da Segunda Guerra Mundial. A família não foi acompanhada do pai, que obrigado a se alistar no exército, acabou por combater na guerra. Eles só voltaram a reunir-se com o fim do conflito em 1945.

Já em terras latino-americanas Paula matriculou as filhas na Windsor School, instituição particular onde aprenderam inglês. Em sua residência seguiram falando o francês como língua principal fazendo sua manutenção também com aulas particulares. Desta forma o espanhol lhes foi ensinado no convívio com os empregados da casa, principalmente de Magdalena Castillo. A babá teria sido a responsável não só por ensinar o castelhano, mas também a língua maya, a história do México e suas lutas sociais, o que fascinou a pequena Elena.

Após a chegada de seu pai, em 1947 nasceu o irmão mais novo, chamado Jan. Dois anos mais tarde a família decidiu enviar as duas meninas a um internato religioso, em Torredale, região próxima de Filadélfia, nos Estados Unidos. No Convento do Sagrado Coração de Eden Hall, Elena deu início à sua dedicação à literatura, quando escreveu seu primeiro texto, *On Nothing*, publicado em 1950 na revista *The Current Literary Coin*.

Em 1952, com 20 anos, Elena decidiu retornar ao México e dar continuidade à sua paixão pela escrita. É assim que no ano seguinte ela conquistou uma vaga de redatora no jornal *Excélsior*, onde sua rotina consistia na publicação de entrevistas, notas e algumas crônicas. Incansável, a jornalista publicou uma entrevista por dia, ao longo de um ano, priorizando aquelas feitas com mulheres. Assim a jovem Elena começou a se aproximar de questões sociais, principalmente do feminismo.

Dois anos após estrear no periódico, Elena aceitou a proposta de Alejandro Quijano e passou a integrar a equipe do jornal *Novedades*, colaboração que manteve ao longo de sua vida. Ainda em 1955, a jornalista publicou seu primeiro livro, um conjunto de contos chamado *Lilus Kikus*. No mesmo ano, em sete de julho, nasceu seu primeiro filho, Emmanuel.

Elena seguiu escrevendo e em 1956 publicou sua primeira obra teatral *Melés y Teléo*. A soma e qualidade da produção de Elena garantiram a ela uma bolsa de estudos do Centro

Mexicano de Escritores que ajudou a alçar ainda mais sua carreira. Nesse período Elena vivenciou um México em pleno processo de transição entre o passado amplamente rural, para a modernização e globalização que alcançariam o seu auge em 1990. A industrialização, a miscigenação, as mazelas sociais e a exclusão das mulheres em diversos contextos foram alguns dos pontos observados por Elena em suas obras.

Em 1959 a jornalista realizou uma entrevista com o astrofísico mexicano Guillermo Haro, com quem se casou nove anos depois e teve dois filhos, Felipe, nascido em 1968, e Paula, de 1970. Nesse período Elena lançou seu terceiro livro, em 1963, intitulado *Todo empezó el domingo*, em que registrou as atividades que integravam os domingos do povo mexicano.

Mas é somente em 1969 que Elena começou a ganhar visibilidade internacional, a partir da publicação de seu livro *Hasta no verte Jesús mío*, produção que se destaca pela utilização conjunta de técnicas de literatura e jornalismo, mistura nunca antes experimentada por Elena. A oportunidade de contar a história relatada nas páginas do livro surgiu após a jornalista ouvir uma mulher gritar do alto de um edifício na Cidade do México. Era Josefina Bórquez³⁴, uma lavadora que se depara com a vida na cidade após a Revolução (1910-1920). Desde esse dia Elena passou a se encontrar com Josefina todas as quartas-feiras, das 16h às 18h, ao longo de um ano, para entrevistá-la e conhecer a história por trás do olhar sofrido daquela mulher. Após cada encontro a jornalista transcrevia todas as palavras, gestos, silêncios e ambientação, buscando não esquecer nenhum detalhe e cruzando o relato de Josefina e os dados históricos da Revolução Mexicana que coincidiam cada vez mais.

Esse relato caminha entre as fronteiras das duas profissões de Elena, literata e jornalista. Em um texto profundo a princesa garantiu à lavadora um espaço único de reverberação de sua voz, que a usa para contar suas lutas tanto políticas quanto femininas, tudo permeado por sua própria compreensão do que é ser mexicana e qual o significado de México para ela.

Por intermédio de suas obras, Elena demonstra a total incompreensão que acompanha a sociedade a partir de olhares individuais e coletivos que buscam representar o oprimido sem considerar sua multiplicidade e complexidade. Em tal

³⁴ No livro atende pelo pseudônimo de Jesusa Palancares.

contexto, essa transitoriedade de existências impossibilita o acesso à consciência de indivíduos subalternos a fim de dar-lhes voz. Logo, o leitor vê-se diante de forças sociais em conflito que provocam constantes tentativas de territorializar o sujeito a partir de sua cosmovisão. (TIRLONI, 2018, p. 26).

Assim Elena passou a ser vislumbrada internacionalmente por suas produções voltadas para denúncias e reflexões sociais. Em 1971 publicou sua obra mais famosa, *La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral*, em que relatou a trágica morte e detenção de centenas de estudantes mexicanos no dia 2 de outubro de 1968, na Praça das Três Culturas. Elena chegou ao local do acontecimento logo após ser informada por amigas sobre o massacre. Com rapidez começou a anotar testemunhos e reconstituir os fatos. Esse livro foi seguido por inúmeras obras que se dividem entre entrevistas de profundidade, contos, romances e até adaptações para o cinema.

O reconhecimento chegou com a virada do século, com o Prêmio Alfaguara em 2001. Três anos depois foi condecorada com a ordem nacional da *Légion d'honneur* da França. Entre os 34 prêmios já recebidos por ela até 2019, um dos mais importantes é o Miguel de Cervantes, a maior honraria da literatura em língua espanhola, conquistado em abril de 2014. Atualmente, com 88 anos, Elena segue vivendo no México e dá continuidade à sua escrita como colunista no jornal *La Jornada*.

4 CLÍMAX: A LEITURA ATENTA DOS LIVROS-REPORTAGEM

Este capítulo está centrado nas análises de recortes dos quatro livros-reportagem que constituem o objeto empírico da pesquisa: *Esqueleto na lagoa verde* (1953), do brasileiro Antônio Callado, *Relato de un naufrago* (1970), do colombiano Gabriel García Márquez, *Operación masacre* (1956), do argentino Rodolfo Walsh e *Hasta no verte Jesús mío* (1969), da mexicana Elena Poniatowska.

Relembro que entre parênteses estão os anos das primeiras edições em livro. Os textos de García Márquez e Walsh, entretanto, foram publicados inicialmente como uma série de reportagens, o primeiro em 1955 no periódico *El Espectador*, e o segundo em 1956 no jornal *Revolución Nacional*. Já as entrevistas que deram origem à obra de Poniatowska, editada em livro somente em 1969, foram realizadas no ano de 1965. No período entre o encontro com a fonte e a publicação da obra, a jornalista dedicou-se a estudar a história da Revolução Mexicana mais a fundo para o desenvolvimento do livro.

A seguir interpreto como os conceitos de Comprometimento, de Polifonia e de Outridade podem ser trabalhados em relação às obras desses jornalistas. Mas antes convém apresentar um panorama dos elementos jornalísticos que fazem parte da construção dos livros.

4.1 CONTEXTURA JORNALÍSTICA NAS OBRAS

Entre os elementos da prática jornalística a entrevista em profundidade é um dos pontos mais semelhantes entre as produções de Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska, já que os quatro efetivaram diversas sessões para tomar conhecimento da mirada do Outro sobre os eventos ocorridos e o mundo no qual esse Outro está inserido. Esse recurso não foi utilizado por eles apenas como caminho para acessar as informações da fonte, mas sobretudo para checá-las.

García Márquez se valeu de perguntas ambíguas para conferir a consistência da narrativa da fonte, enquanto estruturava o desenrolar dos fatos. Um ponto de distinção entre o colombiano é que ele não utilizava gravador durante as entrevistas, fazendo as anotações em cadernos de escola (HERRSCHER, 2012, p. 290), pois acreditava que isso podia intimidar os entrevistados, prejudicando o compartilhamento das informações.

Os dois primeiros dias foram difíceis, porque o náufrago queria contar tudo ao mesmo tempo. No entanto, ele aprendeu muito cedo por causa da ordem e do escopo de minhas perguntas e, sobretudo, por causa de seu próprio instinto de narrador e sua facilidade congênita de entender a carpintaria do comércio. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, apud HERRSCHER, 2012, p. 290, tradução da autora).³⁵

A “interferência” do jornalista no relato se deu somente na organização das informações em uma linearidade cronológica, para um melhor entendimento da sequência dos acontecimentos pelos leitores. O mesmo é praticado pelos outros três jornalistas, que em alguns momentos até fazem uso do recurso literário de *flashback*, mas na maior parte o texto se mantém na cronologia natural dos fatos.

Assim como García Márquez, Callado também não usou gravador em sua viagem ao Xingu e realizava suas anotações em um diário – que foi anexado à obra na edição publicada pela Companhia das Letras em 20 de maio de 2010, a mais recente. Já Poniatowska e Walsh mantinham o gravador constantemente ligado – conforme ela explica em uma entrevista³⁶ e ele indica em seus livros, ao afirmar que tem as gravações que podem servir como prova –, mas penso que não só pela preocupação de manter a fidelidade ao relato, mas sobretudo pelo interesse em captar marcas fonéticas de identidade dessas fontes, que são destacadas em seus livros. Elena mantém na versão escrita as falhas gramaticais cometidas pela personagem e expressões características da região em que nasceu a fonte, enquanto Walsh se preocupa com o uso dos termos e expressões, para evidenciar as marcas ideológicas nas falas dos entrevistados.

³⁵ Los dos primeros días fueron difíciles, porque el náufrago quería contar todo al mismo tiempo, sin embargo, aprendió muy pronto por el orden y el alcance de mis preguntas, y sobre todo por su propio instinto de narrador y su facilidad congénita para entender la carpintería del oficio.

³⁶ Entrevista concedida por Elena Poniatowska ao canal da CNN no México em 2013 após a conquista do prêmio Cervantes pela escritora, na qual ela comenta algumas das experiências no jornalismo narrativo que mais a marcaram. O vídeo está disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Bx1gG7dKaqM>.

Outra situação comum aos quatro, e que costuma ser distinta no jornalismo convencional, é não pautar a notícia – ou seja, definir o tema anteriormente com base em alguma possível situação futura para chamar atenção dos leitores. Para todos, foram ocasiões inesperadas que possibilitaram que eles tomassem conhecimento acerca da fonte e do fato, e diante de sua inquietude enquanto intelectuais comprometidos, e por entender que era responsabilidade deles divulgar aquelas injustiças, decidiram por seguir com a realização do relato. Logo, o que leva um jornalista a sair do espaço da reportagem no veículo convencional, e partir para o livro é uma variável que depende exclusivamente do próprio jornalista e do contexto em que ele se encontra.

García Márquez, por exemplo, tomou conhecimento do ponto de vista do naufrago porque o próprio adentrou a redação e solicitou que alguém o ajudasse a divulgar sua versão, e o jornalista só optou por reeditar o *Relato de um naufrago* em formato de livro a convite de uma editora espanhola que teve interesse em publicar o texto no país, e por considerar uma oportunidade de revisitar sua obra e repensar o fazer jornalístico desenvolvido por ele –, mais detalhes são apresentados adiante na parte destinada à análise do livro do colombiano. Ao passo que Walsh ficou sabendo do fuzilamento e da existência de um sobrevivente enquanto jogava xadrez. O jornalista foi para o livro por perceber que nenhum jornal convencional publicaria o fato que ele narra em suas reportagens, e suas interpretações, que deram origem ao *Operação massacre*. O argentino também tomou para si a responsabilidade de construir um relato que tinha um pouco mais de condições de ser relido, para que o crime não fosse esquecido, pois suas reportagens só haviam sido publicadas em uma revista sindical de circulação limitada.

Essa é a história que escrevo no calor do momento e de uma tirada, para que não me tomem a dianteira, mas que depois se vai amarrotando em meu bolso a cada dia que passa, porque passeio com ela em toda Buenos Aires e ninguém quer publicá-la, quase nem mesmo tomar conhecimento dela. [...] pensamos que estávamos correndo contra o tempo, que a qualquer momento um grande jornal mandará uma dúzia de repórteres e fotógrafos, como nos filmes. Em vez disso, descobrimos que todo mundo tira o corpo fora (WALSH, 2010, p. 16).

Já Elena Poniatowska, enquanto percorria as ruas da Cidade do México, se deparou com uma mulher gritando a todos pulmões. E assim a jornalista conheceu Josefina Bórquez,

que compartilhou os detalhes de sua trajetória de vida – que se mesclavam com a própria história do México – em uma série de entrevistas que depois virariam livro. Callado, por sua vez, teve seu livro originado de uma reportagem fracassada, pois ao viajar ao Xingu tinha como pauta uma história cheia de mistério sobre um possível assassinato e seus inéditos desvelamentos, mas ao chegar no local o jornalista soube que não existiam provas que confirmassem aquela versão. Antônio só percebeu a oportunidade de escrever um livro ao conviver com os indígenas e acessar os estudos dos irmãos Villas Boas, foi assim que compreendeu a necessidade de compartilhar sua experiência e reflexões sobre seus diálogos com os indígenas e suas culturas.

Cabe destacar que não há um padrão acerca da adaptação para livro, ou seja, nem todo jornalista antes de publicar sua obra precisa haver relatado o ocorrido em formato de reportagem. Mas, creio eu, que o imaginário da reportagem está presente na origem de todo o livro de não-ficção. García Márquez e Walsh publicaram uma série de reportagens e depois as editaram em livros, mas assim o fizeram com o intuito de se aprofundarem ainda mais, com a inclusão de mais detalhes, como as reações após as publicações, dados que antes não puderam ser acessados e até mesmo comentários do que poderiam ter feito diferente. Uma espécie de crítica e revisitação do próprio trabalho. Essa autorreflexão pode ser percebida de maneira distinta por Callado e Poniatowska, que publicaram diretamente o texto em livro. Eles revisitam a obra em entrevistas, palestras e até mesmo em outros livros escritos por eles após suas primeiras obras de não-ficção.

A seguir, apresento os recortes e as análises desenvolvidas sobre cada um dos livros, com o cuidado de observar tanto do ponto de vista jornalístico quanto pelo viés da literatura e compará-los. A viagem começa pelo interior do Brasil, segue para a costa colombiana, percorre ruas e alguns esconderijos argentinos e encerra com uma jornada pelo México adentro. Ao final do percurso analítico pelas quatro obras, retomo a aproximação entre eles para responder à pergunta – Como Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska contribuem para a identificação de um fazer jornalístico narrativo próprio da América Latina? – que vem a ser o problema de pesquisa.

4.2 VISITA AO XINGU E O DESCASO COM OS INDÍGENAS BRASILEIROS

Em meio a uma floresta no interior do Mato Grosso, no ano de 1952, o que chamou a atenção do jornalista brasileiro Antônio Callado não foram os ossos ou os relatos de um assassinato, mas sim aqueles homens, mulheres e crianças que ele tanto desconhecia, ao mesmo tempo em que percebia semelhanças que o aproximavam deles. Esse encontro entre o jornalista e os indígenas Calapalos ocorreu após Callado aceitar o convite de Assis Chateaubriand, para escrever, pelos Diários Associados, a história do coronel inglês Percy Fawcett – conforme já citado na breve biografia do autor presente no item 3.3 – “O Brasil de Antônio Callado”.

Empenhado em comprovar a existência de uma cidade perdida no sertão brasileiro, apelidada de Atlântida Tropical, Percy Fawcett deu início a uma expedição em 1925, acompanhado do filho Jack Fawcett e do companheiro de viagens Raleigh Rimmell. Não obstante, nesta viagem, a obsessão do inglês os levou para um caminho sem volta. O desaparecimento dos estrangeiros parecia não ter solução até que Orlando Villas Boas e os índios Calapalos encontraram a possível cova dos ingleses, desvendando o motivo do desaparecimento: um assassinato.

O sumiço de Fawcett e o descobrimento da possível ossada do coronel, que teria sido assassinado por nativos em sua última expedição à região do Xingu, foi o fato propulsor da reportagem de Callado. A inquietação diante do outro – indígena – e a percepção da situação de injustiças sociais na qual se encontravam, sem embargo, fez com que Callado reunisse, no intervalo entre o jornalismo e a literatura, um modo específico de olhar e relatar o que toma forma em *Esqueleto na lagoa verde*, publicado em 1953.

Alguns recortes do livro ilustram aqui o que visualizo entre as percepções de Callado e seu gesto de narrar a partir da relação com os indígenas, bem como a partir do compromisso que o jornalista vai construir e explicitar ao longo do texto. Logo nas páginas iniciais da obra o jornalista compreende que num primeiro contato, do mesmo modo que ele tem dificuldade em compreender o Outro, o indígena também experimenta esse impasse em relação a ele:

Ao cabo de duas horas não estamos mais empenhados a fingir que não reparamos na nudez dos índios. Passamos, ao contrário, a encará-la com naturalidade. [...] De toda nossa indumentária – das botas ao chapéu – os índios e as índias só prezam uma coisa: a camisa, que protege dos mosquitos. Tudo mais que usamos é, portanto, incompreensível pra eles. Mas por “incompreensível” dizemos mal. Por que haveriam eles de tentar compreender a razão de andarmos com tantos panos em cima da pele? [...] O que não lhes ocorrerá jamais é que tenhamos motivos psicológicos para usar roupa, ou que, por um dia termos começado a usar roupa, não a possamos mais abandonar por motivos psicológicos (CALLADO, 2010, p. 13).

Após Orlando Villas Boas ouvir dos Calapalos sobre a existência da cova de Fawcett e de seus companheiros de viagem, bem como o relato do assassinato, muitos acreditaram que o mistério estava solucionado. Apesar disso não foi possível indicar se os ossos pertenciam ou não aos ingleses desaparecidos, mas isso não foi um impasse para Callado. O jornalista se apressa a indicar ao leitor que o fato relacionado ao coronel Fawcett, sobre a tentativa de elucidar o que teria acontecido com o inglês, vira pano de fundo para um assunto que ele percebe como sendo muito mais urgente: a importância de conhecer os índios.

Fique desde já sabendo o leitor que neste romance policial a falta de ortodoxia é insuportável: não conseguimos identificar o cadáver encontrado nem conseguimos apontar o assassino ou os motivos do crime. Achamos que a história valia a pena porque o nosso tipo de colonização do interior merece algumas observações, principalmente ao vermos que lida com homens que ainda desconhecemos profundamente, os índios. (CALLADO, 2010, p. 17).

Callado quer marcar no texto que assume um compromisso com o povo indígena ao se propor conhecê-lo e retratá-lo. O movimento de compreensão do Outro, porém, não é um processo fácil. O jornalista indica seus impasses:

Como entender o processo intelectual daqueles bugres simpáticos, que nos pedem a camisa o tempo todo, que nos oferecem beiju e peixe assado, e que com o mesmo sorriso levantam a mão para apontar um pássaro ou para explicar como aniquilaram um inglês com um golpe de tacape na nuca? (CALLADO, 2010, p.72).

Enquanto Callado busca entendê-los, ele observa as situações provocadas por aqueles que não se dispõem a acolher as particularidades dos indígenas. Essa falta de um exercício de Alteridade é percebida, por exemplo, no seguinte recorte:

Começou naquele instante o interrogatório do cacique Cumatsi, conduzido por um repórter carioca. O repórter, à beira da cova, quis fazer aquilo que em reportagem policial se chama de “reconstituição do crime”. Interrogou Cumatsi, Cravi e Bororo,

fez os gestos de quem derruba um homem a tacape, repetiu inúmeras vezes cada pergunta – tudo isso num diapasão muito agudo da voz. Os índios estavam meio alarmados ou um pouco encolerizados com a gritaria do repórter. Villas Boas adiantou-se, meio ríspido:

- A morte de quinze Fawcetts me interessa menos do que a amizade desses índios – disse ele ao repórter. – Eles estão se sentindo inquietos e talvez ofendidos.

O intérprete Naho entrou também na brecha:

- Calapalo não está mentindo e índio não gosta que branco grite com ele! (CALLADO, 2010, p. 80).

Aos poucos o jornalista vai assimilando as informações, aprendendo mais sobre esse Outro e contemplando a relação entre eles, mesmo com a dificuldade dos diálogos. O que diferencia Callado do repórter carioca é que ele parece estar aberto, pelos indícios que aponta a narrativa, a perceber uma existência diferente da dele e respeitá-la. Exemplifico essa pista com a passagem que deixa ver a tentativa de Callado em destacar o personagem Anta, não se limitando apenas a descrevê-lo, mas tentando não silenciá-lo:

Um dos únicos calapalos que sabia algumas palavras de português era o rapazola Anta. Quando íamos a caminho da cova de George e a sede me apertava a garganta, vi no chão umas frutinhas amarelas. Tinham um bom cheirinho ácido. Perguntei ao Anta:

- Essa frutinha: bom? bonito?

- Bom, bonito – replicou Anta sorrindo

- Come uma. Toma.

- Não.

- Por quê, Anta?

- Não presta.

[...] imagino que o Anta quisesse apenas dizer, com suas respostas aparentemente desconexas, que a fruta era boa para quem gostasse dela. Ele, por exemplo, não gostava. (CALLADO, 2010, p. 76).

Callado passa a identificar alguns traços de Anta na sequência da narrativa e verbaliza mais adiante: “O Anta, em suma, em toda a tribo, parecia o mais próximo de ser aquilo que damos o nome de artista” (CALLADO, 2010, p. 103). A passagem do texto indica um jornalista que reconhece semelhanças na diferença, procurando, pelos paralelos, também oferecer a possibilidade de identificação social e imaginária de quem lê. Esse indígena, em especial, reaparece depois em outra produção narrativa do jornalista, a ficção Quarup. Para mim, é possível aqui também entender mais sobre o impacto do encontro com o Outro para o escritor-jornalista, inclusive de ver a si mesmo como Outro, a ponto de a temática, personagens e diferentes elementos culturais postos em contato terem a força de apontar rumos narrativos em produções subsequentes do autor. Pensando em Anta e nos demais

indígenas que o marcaram na viagem ao Xingu, Callado assume um viés do Comprometimento a que fiz referência anteriormente e, ao final do livro em análise aqui, escreve em apelo ao respeito aos povos indígenas:

O fato é que, de acordo com os cálculos mais otimistas acerca da população indígena do Brasil, nossos silvícolas não passarão de meio milhão. Na realidade não passarão talvez de 250 mil. Para que esses últimos representantes da raça que habitava o Brasil não se diluam e se dizimem sem deixar rastro, precisam antes de mais nada ser preservados em grandes grupos. O ideal será a fundação do grande Parque Nacional Indígena, da reserva de terras ora em estudo. Tomadas, assim, medidas básicas que impeçam a veloz extinção do silvícola [...]. Alguém poderá perguntar: Mas pra quê? Para que educar esses índios que mal sabem trabalhar, que não nos trazem nenhuma cultura útil? A escassa cultura que tínhamos já foi aguada, já a dividimos com o preto, já a repartimos como um pobre pedaço de pão. Se continuarmos a cortá-la em fatias não ficaremos todos, afinal, com um punhado de migalhas entre nós? (CALLADO, 2010, p. 87).

A criação do Parque Nacional Indígena do Xingu ocorreu somente em 1961, oito anos após a publicação do livro de Callado. O apelo do jornalista é resultado de um compromisso que ele assume ao longo da aproximação que teve com esse Outro, e na compreensão que a identidade indígena integra a identidade brasileira, e, portanto, a própria identidade do jornalista. É um posicionamento necessário, que visa diminuir desigualdades, respeitar as culturas e as diversidades no Brasil.

4.3 O NAUFRÁGIO QUE EMERGE A FARSA DO GOVERNO COLOMBIANO

Mais um dia na redação do *El Espectador*, em que García Márquez e seus colegas de profissão, todos jovens com menos de 30 anos, conversavam sobre possíveis pautas que chamassem a atenção dos leitores bogotanos, já que estavam a mercê do acompanhamento censorador da ditadura do general Gustavo Rojas Pinilla. Eles buscavam evitar assuntos políticos para fugir da mira do militar, entretanto algo inesperado abala a rotina do periódico, mudando o rumo daquela reunião de pauta, o futuro dos envolvidos e a interpretação de um acontecimento que chocou o país.

Quando Luís Alexandre Velasco chegou, sem ser solicitado, para nos perguntar quanto pagávamos por sua história, nós o recebemos pelo que ele então era, uma notícia velha. As forças armadas o haviam mantido várias semanas em um hospital

naval, e só pudera falar com os jornalistas do regime (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 8).

Aqui, o jornalista indica como, nas redações de jornais, essa notícia não teria espaço justamente por se enquadrar no que os jornalistas costumam chamar de “notícia velha”, já que os veículos tendem a priorizar, em função dos valores notícia, informações factuais³⁷ e inéditas. Cabe destacar que, no âmbito do jornalismo diário, um acontecimento se torna obsoleto muito rapidamente.

Retorno para a questão da “chegada” da notícia até o jornalista. O tema não foi pautado pelo editor, ou em uma reunião de pauta. O que ocorreu foi alguém que se sentiu lesado pela forma como o acontecimento havia sido noticiado até então, e que buscou um ouvinte disposto a divulgar o que ele sabia. O que deve ser destacado é que os integrantes da equipe do *El Espectador* optaram por ouvi-lo, não foi uma decisão única de García Márquez. Na conversa com Velasco eles tomaram conhecimento de elementos não divulgados, como a existência de uma carga ilegal no navio, e o próprio ponto de vista daquele que foi mais impactado pelo fato. Portanto, é a partir do diálogo, da escuta atenta, que o jornalista reconhece a importância de insistir nessa história.

O que não sabíamos, nem o naufrago nem eu, quando tentávamos reconstituir minuto a minuto sua aventura, era que aquele rastrear esgotante havia de nos conduzir a uma nova aventura, que causou certa agitação no país, que custou sua glória e sua carreira e que a mim poderia ter custado a pele (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 8).

E também:

A ditadura acusou o golpe com uma série de represálias drásticas que haviam de culminar, meses depois, no fechamento do jornal (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 11).

Nesses exemplos observo que tanto o jornalista como a sua principal fonte, não tinham percepção, em um primeiro momento, do impacto que a história teria, a ponto de permanecer no imaginário social colombiano por anos após sua publicação. Inclusive, eles desconheciam

³⁷ “Estábamos en manos de maestros en el arte oficial de enfriar la noticia, y por primera vez me conmocionó la idea de que estaban ocultando a la opinión pública algo muy grave sobre la catástrofe, más que una sospecha, hoy lo recuerdo como un vago presagio” (GARCÍA MÁRQUEZ, apud HERRSCHER, 2013, p. 290).

os riscos de abordar um acontecimento o qual envolve diretamente os interesses da ditadura da época. O texto gerou reações dos militares, o que abalou as carreiras de ambos – jornalista e fonte – e posteriormente sua liberdade e existência – obrigando García Márquez a se exilar na Europa e Velasco a se esconder por um período – e a continuidade do próprio jornal. Porém, isso não os impediu de seguir com o relato e a decisão de tornar pública a versão até então silenciada pelo governo colombiano.

García Márquez destaca em seus escritos duas preocupações jornalísticas em referência ao relato. A primeira é sobre o modo de narrar escolhido para o texto, já que apesar de ele ter sido escrito pelo jornalista, quem assinou as publicações foi a fonte, ou seja, Velasco. Essa escolha se deu em função de García Márquez compreender que ao ser narrada pelo próprio naufrago a história seria recebida com mais confiança, mas sobretudo, por considerar que Velasco tinha o direito de contar sua própria história³⁸ após ela já ter sido apropriada e alterada pela ditadura.

Em 20 sessões de seis horas diárias, durante as quais eu tomava notas e fazia perguntas traiçoeiras para detectar suas contradições, conseguimos reconstruir o relato compacto e verídico de seus dez dias no mar. Era tão minucioso e apaixonante, que meu único problema literário seria conseguir que o leitor acreditasse nele. Não foi só por isso, mas também porque nos pareceu justo, que resolvemos escrevê-lo na primeira pessoa e assinado por ele (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 8).

[...] minha primeira surpresa foi que aquele moço de 20 anos, sólido, mais com cara de trompetista que de herói da pátria, tinha um instinto excepcional da arte de narrar (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 9).

Compreendo o uso do próprio naufrago enquanto narrador como algo que somente se faz possível através da literatura. Uma vez que, no jornalismo dificilmente a notícia seria toda apresentada na voz da fonte, isso porque no jornalismo convencional cabe ao jornalista o papel de narrador³⁹, por ser aquele que já apurou a informação e teria acessado as versões mais variadas sobre o acontecimento. García Márquez (2016, p. 9) só teve seu nome

³⁸ “O que García Márquez cria é um narrador que o personagem central da história não é. O naufrago existe e ele viveu tudo o que está na matéria, mas sua enunciação é uma criação de García Márquez, uma licença poética que o autor se permite dar ao transferir, na íntegra, o foco narrativo ao seu entrevistado” (BORGES, 2013, p. 285).

³⁹ “... lo que hizo con Velasco no fue entrevistarlo: fue enseñarle a ser periodista de sí mismo. Lo convirtió en un socio, un aliado y entre los dos sacaron a flote la historia” (HERRSCHER, 2013, p. 290).

vinculado diretamente ao texto no momento em que o reeditou no formato de livro-reportagem.⁴⁰

A segunda preocupação é a respeito da credibilidade, afinal García Márquez tinha o receio de que o texto fosse tratado como algo fantasioso, inventado por Velasco e divulgado após a versão oficial do governo já ter sido recebida pelo público como a “realidade”. Assim ele organiza uma série de formas para acessar dados que embasassem os fatos contados por Velasco, começando com diversas sessões de entrevista em profundidade – já citadas anteriormente –, seguidas por um amplo exercício de apuração desenvolvido pelo jornalista e sua equipe.

... pedimos a Luís Alexandre Velasco uma lista dos seus companheiros de tripulação que tivessem máquinas fotográficas. Embora muitos estivessem passando férias em diferentes lugares do país, conseguimos encontrá-los para comprar as fotos que tiraram durante a viagem [...] Ao fundo dos amigos em alto-mar, via-se, sem a menor possibilidade de engano, inclusive com suas marcas de fábrica, as caixas de mercadoria de contrabando (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, pg. 11).

Além de acessar outras fontes e conhecer seus pontos de vista acerca da história de Velasco, o jornalista ainda procurou indícios técnicos, como informações meteorológicas do dia do “acidente” e os registros de partida, permanência nos Estados Unidos, e o horário em que o navio atracou na cidade de Cartagena, na Colômbia, após sua viagem.

Os serviços meteorológicos nos confirmaram que aquele tinha sido mais um dos fevereiro mansos e diáfanos do Caribe (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 9).

Às três horas comecei a me desesperar. Sabia que a essa hora o destróier estava nos molhes de Cartagena. Meus companheiros, felizes pelo regresso, se dispersariam dentro de pouco tempo pela cidade. Tive a sensação de que todos estavam pensando em mim (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 44).

Esse vem a ser o principal argumento de que não havia sido um acidente provocado pelas intempéries climáticas, mas sim resultado de uma grande quantidade de carga ilegal que

⁴⁰ Cabe expor que García Márquez somente publica o relato como livro-reportagem muitos anos depois de sua veiculação no jornal enquanto uma série de reportagens. O jornalista faz essa adaptação a pedido de uma editora espanhola, em função do sucesso alcançado pelo jornalista. “En Barcelona, Beatriz de Moura, fundadora de la editorial Tusquets, convenció a García Márquez de publicar su relato como libro. El autor accedió a regañadientes, pero la obra ya supera las 50 ediciones, y lleva incontables en otras editoriales” (HERRSCHER, 2013, p. 292). Na ocasião, conforme destaca Herrscher, o jornalista não fica contente, mas aceita revisar o relato para desenvolver uma reflexão acerca do próprio trabalho.

era insuportável para o navio. Portanto, é a denúncia de que em função do peso da carga, o navio não se manteve estável, provocando a queda de homens ao mar, diferentemente do que foi anunciado oficialmente pelos canais do governo. A decisão de realizar essa denúncia é um dos pontos de Comprometimento do jornalista.

O modo como o jornalista encontrou para mencionar essas informações apuradas e as descobertas em entrevistas, sem interferir na narração em primeira pessoa, foi de incluí-las enquanto sensações, ou até imaginação, da personagem central. Esse recurso é mais um dos exemplos de técnicas literárias sendo aplicadas no texto não com intuito estético, mas sim como uma estratégia jornalística de amparar o relato. Por exemplo, no trecho “a proximidade do meio-dia me fez pensar outra vez em Cartagena. Era impossível que não tivessem notado o meu desaparecimento” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 51), o que é expresso como um pensamento e uma convicção de Velasco, se trata do emprego da Polifonia – pois é a inclusão da ação do jornalista que conversando com os demais marinheiros descobre que eles tinham conhecimento do sumiço de Velasco e seus companheiros. Mais um exemplo de Polifonia pode ser observado no trecho:

Não me sentia sozinho em meio àquela quantidade de gaivotas que voava em torno de minha cabeça. Lembrei-me, então, de Mary Address. “Que teria sido feito dela?”, me perguntava, lembrando de sua voz quando me ajudava a traduzir os diálogos dos filmes. Exatamente nesse dia – o único que me lembrei de Mary Address sem motivo especial, apenas porque o céu estava cheio de gaivotas – Mary estava na igreja católica de Mobile, encomendando missa pelo descanso de minha alma (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 99).

O que está entre aspas se trata de uma pergunta do próprio jornalista que, após as entrevistas com Velasco, entrou em contato com Mary – a namorada estadunidense do naufrago – e descobriu que ela também foi informada do desaparecimento do marinheiro e de seu provável falecimento. A dúvida nesse fragmento é sobre a coincidência de Velasco lembrar da moça no momento em que ela agendava a missa. Talvez isso possa ter ocorrido, ou foi algo posto pela fonte por intenções estéticas, ou até mesmo por sua confusão após tantos dias à deriva, ou uma decisão do jornalista para inserir a informação. Isso, infelizmente, não há como ser averiguado.

Era minha nona noite no mar. “Nove noites de morto”, pensei com terror, na certeza de que, a essa hora, minha casa do bairro Olaya, em Bogotá, estava cheia de amigos

da família. Era a última noite do meu velório. Amanhã desmontariam o altar e, pouco a pouco, iriam se acostumando à minha morte (GARCÍA MÁRQUEZ, 2016, p. 108).

Outro exemplo de algo que não havia como o naufrago ter conhecimento enquanto estava sozinho no mar. Onde está escrito “pensei com terror” entendo como a reação do personagem ao descobrir, posteriormente, que sua família não só teria realizado um velório como teria desistido das buscas. Na expressão “na certeza” compreendo como o jornalista citando algo que foi checado em sua apuração. E outra vez, o uso das aspas para indicar um comentário de García Márquez, e não uma fala de Velasco.

Vários recursos literários são acionados, para que ocorra o diálogo e a apresentação de outras vozes, conferindo assim a Polifonia, resultante de conversas dedicadas, que podem ser interpretadas como uma abertura do jornalista para a compreensão do mundo e do acontecimento a partir do olhar do Outro. O que diferencia García Márquez dos outros jornalistas da época não foi somente sua escrita mágica, mas o fato de estar disposto a ouvir, investigar e persistir em uma história que precisava ser contada.

4.4 FUZILAMENTO DE CIVIS POR ALGOZES DA DITADURA ARGENTINA

Juan Domingo Perón foi um dos mais estimados presidentes argentinos, mas ele não contava com o apoio de uma considerável parcela entre os militares, e em setembro de 1955, no terceiro ano do segundo mandato de Perón, esse grupo realizou um golpe, tomando o poder da Argentina. Movimentos pró-Perón organizaram uma série de atos contra aqueles que haviam deposto seu líder, e em 9 de junho de 1956 um grupo armado realiza um levante. Contudo, apesar dos manifestantes serem maioria, os militares conseguem controlá-los e reprimir a divulgação do acontecido.

Segundo estimativas oficiais, teriam sido disparados cerca de 100 mil tiros. Houve meia dúzia de mortos e uns vinte feridos. Contudo, as forças rebeldes, cuja superioridade material é à primeira vista esmagadora nesse momento, não conseguiriam nem mesmo uma vantagem passageira. Noventa e nove de cada cem habitantes do país ignoram o que está se passando (WALSH, 2010, p. 73).

Naquela noite, todavia, um grupo de civis foi capturado e condenado ao fuzilamento, sob a justificativa de que estariam envolvidos no levante. Walsh recebe a informação que um dos fuzilados havia sobrevivido meses após a noite da revolta, e em um primeiro instante ele teria ignorado a relevância disso – voltando-se para uma atrativa partida de xadrez. Somente após entrevistar Juan Carlos Livraga, o jornalista descobre que além dele, mais homens haviam sobrevivido. E assim começa a ser elaborado o texto que culminaria na publicação de *Operação Massacre*⁴¹ em 1957.

A matança de junho exemplifica, mas não esgota a perversidade desse regime. O governo de Aramburu prendeu milhares de trabalhadores, reprimiu toda e qualquer greve, arrasou a organização sindical. A tortura se massificou e se estendeu a todo o país (WALSH, 2010, p. 196).

Uma de minhas preocupações ao descobrir e relatar tal matança quando seus autores ainda estavam no poder foi mantê-la apartada, tanto quanto possível, de outros fuzilamentos cujas vítimas foram em sua maioria militares. Aí estava um episódio a que a Revolução Libertadora não podia responder nem mesmo com sofismas. Esse método me obrigou a renunciar à contextualização histórica em favor do caso particular. (WALSH, 2010, p. 191).

O livro reúne entrevistas com as vítimas, documentos oficiais, relatos sobre o ocorrido e depoimentos de processos jurídicos sobre a fatídica noite do levante e da ação ilegal dos militares, essa apuração durou mais de um ano e meio. Nesse agrupamento de informações o jornalista buscou apresentar as distintas vozes que o ajudaram a reconstituir o acontecimento, se valendo dos relatos das vítimas – silenciadas pelo medo – para contrastar a versão oficial orquestrada e divulgada pelas fontes oficiais.

[...] a versão de Rodríguez Moreno difere daquela que dou no texto, baseada no testemunho de seis dos sete sobreviventes” (WALSH, 2010, p. 168).

Na primeira edição deste livro, eu afirmei – sem que tivesse ocorrido a ninguém me processar por desacato – que o parecer do procurador e a sentença da Corte constituíam numa sinistra corrupção da norma jurídica. (WALSH, 2010, p. 187).

Não há um só dado relevante no texto de *Operação massacre* que não esteja baseado nos depoimentos coincidentes e cruzados de três ou quatro pessoas, se não mais. Quanto aos fatos essenciais, descartei implacavelmente toda informação unilateral, por mais sensacional que fosse. É possível que um ou outro detalhe errôneo e irrelevante tenha passado despercebido, mas o relato é essencialmente exato e posso provar sua autenticidade. (WALSH, 2010, p. 228).

⁴¹ “Operación masacre cambió mi vida”, explica en el mismo texto autobiográfico, “ haciéndola, comprendí que además de mis perplejidades íntimas, existía un amenazante mundo exterior” (WALSH apud HERRSCHER 2013, p. 255).

Por mais que o jornalista se baseie principalmente no relato de Livraga, ele tem o cuidado de reverberar as vozes dos outros sobreviventes, e também das vítimas fatais, valendo-se de entrevistas com as famílias para a elaboração dos perfis e na reconstrução dos momentos anteriores ao acontecimento. No que diz respeito ao que se deu após o ocorrido – principalmente depois da publicação da reportagem – Walsh incorporou nas edições seguintes novos elementos que foram aparecendo sobre o fato, como pode ser observado no seguinte trecho: “O doutor Hueyo compreendeu de saída que esse seria o ponto crucial da investigação: a hora que foi promulgada a lei. Não teve tempo de obter a prova, que meses depois eu conseguiria, ao fotocopiar e publicar o livro de locutores da Rádio do Estado” (WALSH, 2010, p. 183).

Além dos novos dados e evidências, uma ação relevante do jornalista nas reedições dos livros – que pode ser observado na mudança dos prólogos e epílogos ao longo das novas publicações⁴² – é a postura reflexiva sobre sua própria atuação na época em que buscava recursos para embasar a narrativa. Walsh, que já havia se posicionado contra, passou a analisar em suas obras a importância dos movimentos – peronistas e sindicalistas, sobretudo – nos âmbitos sociais, políticos e ideológicos da Argentina. E qual o papel dele diante dos acontecimentos enquanto jornalista.

Quando escrevi esta história, eu tinha trinta anos. Fazia dez que estava no jornalismo. De repente, pensei compreender que tudo o que eu fizera antes não tinha nenhuma relação com certa ideia do jornalismo que fui formando nesse meio-tempo, e que isto sim – esta busca a todo risco, este testemunho do mais escondido e doloroso –, tinha a ver, encaixava naquela ideia. (WALSH, 2010, p. 243).

Ele provoca ainda a reflexão sobre o controle das instituições - como o governo e as mídias hegemônicas – sobre o que é divulgado, e ao fazer isso ele convida o leitor a se perguntar também sobre a sua responsabilidade de revelar o que pode estar sendo escondido. Ele defende que a denúncia social precisa ser feita, mesmo que riscos sejam corridos, pois ao apontar situações nebulosas o sujeito cria condições para que o Outro mostre ao mundo o seu ponto de vista.

⁴² Elementos pré e pós textuais anexados ao relato na edição lançada pela Companhia das Letras.

Sei perfeitamente que nesse país um chefe de polícia é poderoso, enquanto um jornalista – obscuro ainda por cima – é quase nada. Mas acontece que acredito com toda ingenuidade e firmeza no direito que assiste qualquer cidadão de divulgar a verdade que conhece, por mais perigosa que seja. E acredito nesse livro, nos seus efeitos. (WALSH, 2010, p. 216).

Meus colegas jornalistas dos grandes diários poderiam se dar o trabalho que eu me dei – agora que já não há perigo –, em vez de copiar o que dita o tenente-coronel fuzilador (WALSH, 2010, p. 223).

...tanto naquela época como agora, acredito que o jornalismo ou é livre, ou é uma farsa, sem meio-termos (WALSH, 2010, p. 237).

O jornalista também destaca algumas limitações que interferiram na apuração e checagem das informações, e conseqüentemente na construção da narrativa. Mas o ponto a destacar está relacionado à postura do jornalista de deixar isso claro para o leitor, de não esconder suas estratégias e dificuldades jornalísticas, para que aquele que lê o livro possa ter ciência de que por mais amplo que o relato seja ele não consegue abordar todas as interpretações, e além disso, ele é guiado pela própria interpretação feita pelo jornalista.

Como escapou o sargento Díaz? Só podemos fazer conjecturas. O certo é que estava vivo dois meses após o massacre, escondido numa casa em Munro. Ali, foi preso pelo delegado de Boulogne. Mandaram-no para Olmos. É o único sobrevivente com quem nunca pude me comunicar (WALSH, 2010, p. 118).

Neste ponto, gostaria de pedir ao leitor que não creia naquilo que relatei, que desconfie do som das palavras, dos possíveis truques verbais que todo jornalista recorre quando quer provar algo, e acredite somente naquilo que Fernández Suárez, concordando comigo, afirmou. (WALSH, 2010, p. 151).

Uma especificidade na produção walshiana, um recurso “extra”, que também afeta a leitura e compreensão da obra por parte do leitor, são as notas de rodapé adicionadas pelo jornalista no momento que ele reuniu as publicações sobre os crimes e as editou no formato de livro. As notas servem para explicar algo que possa não ter ficado tão claro no texto, apresentar um fato novo e outras funções. Elas foram inseridas de forma a não alterar o que o jornalista havia originalmente escrito e publicado.

Outra particularidade na obra de Walsh – em relação aos outros três jornalistas – é a atuação do narrador como repórter e investigador. Observo esse narrador investigador ou detetive como uma herança dos tempos que o argentino escrevia literatura policial. E o narrador repórter aparece nessa obra – e inclusive nas outras que ele escreveu nos moldes do

jornalismo narrativo⁴³ – como um intermediador entre os fatos pouco esclarecidos e o público. É dessa forma que ao se inserir no texto, como narrador, que o jornalista Walsh descreve o passo a passo da apuração, entrevistas e publicação das informações, processos característicos da produção jornalística. Cabe esclarecer, porém, que Walsh muda o tipo de narrador no decorrer da narrativa. Nos primeiros capítulos, nos quais ele apresenta o fato e os personagens, o jornalista assume a posição de observador, ou seja, aquele que narra o fato, mas não interfere no enredo. Já na segunda parte dos livros, na qual é apresentado o processo investigativo realizado pelo jornalista, ele assume a posição de personagem e participa. Por fim, na última parte, quando Walsh traz uma reflexão própria, o narrador assume uma posição comprometida, interpretativa e realiza um julgamento.

Ao escrever e publicar Operação Massacre o jornalista não apresentou somente a ação desumana de uma ditadura, mas a falta de humanidade no jornalismo que não é livre. Walsh usa suas palavras não só como meios para narrar, mas como armas para uma luta que segue até hoje, que busca a liberdade de imprensa e democratização das mídias.

4.5 O OLHAR DE UMA MULHER SOBRE A REVOLUÇÃO MEXICANA

Em 1962, Elena Poniatowska talvez nem imaginasse que sua experiência como assistente do antropólogo Oscar Lewis a inspiraria a criar um relato profundo sobre a Revolução Mexicana. E que, ao destacar o olhar feminino sobre o acontecimento, romperia com o oficialismo que cerca esse momento histórico. Outra vivência que a prepararia para jornalismo narrativo era o fato de, por ser mulher, não ter espaço para atuar como jornalista – enquanto profissional que trabalha efetivamente com notícias – nos periódicos, cabendo a ela o papel de entrevistadora para a construção de perfis biográficos.

A experiência de criação de um livro-reportagem se concretizou após ouvir uma senhora lavadeira que reclamava em alto e bom som por sua indignação com algo. O encontro, que daria origem a uma grande amizade, entre a jornalista e a entrevistada foi definido por Poniatowska como uma “revelação do que o povo mexicano é”, e Josefina foi

⁴³ Conforme pude averiguar em minha pesquisa de conclusão de curso na graduação.

quem “abriu a porta para o México” (PONIATOWSKA, 2019, tradução da autora)⁴⁴ e guiou Elena com seu olhar sobre o país e sua gente.

Jesusa Palancares, que era uma mulher chamada Josefina Bórquez, me deixou muitas marcas, porque eu a vi, conversei com ela [...] e ela me dizia: você está roubando minha luz, vai me pagar! - Porque eu carregava um grande gravador [...] Ela me marcou para a vida toda por ser uma pessoa de tanto caráter, de tanta dignidade. E a língua dela era maravilhosa... Ninguém falava como ela, e ela era tão corajosa que ficou gravada em mim, e eu digo que se todos os mexicanos fossem como essa mulher, de verdade, estaríamos salvos. (PONIATOWSKA, 2013, tradução da autora).⁴⁵

É por meio do diálogo que os mundos de Josefina e Elena se cruzam, possibilitando, para além das diferenças, a percepção de semelhanças. Não foi só pelas palavras que a jornalista se atraiu, mas pelo som da voz de Josefina Bórquez, que a fez lembrar da babá que a ensinou espanhol, a de todas as garotas que passavam pela casa da pequena Elena (PONIATOWSKA, 2018, tradução da autora).⁴⁶

No livro *Hasta no verte Jesús mío*, Elena se vale de diversificadas ferramentas narrativas para contar as vivências de Josefina, sob o pseudônimo de Jesusa Palancares. Entendo como principal movimento literário dentro do relato baseado em experiências reais a decisão de desenvolver a narração pela voz da própria personagem. Todas as descrições dos outros integrantes da narrativa foram apresentadas por Josefina, e confirmadas pela jornalista. Inclusive a caracterização da própria Josefina: “eu sou assim, não gosto de falar com as pessoas. Sou muito estranha, e vão dizer que estou furiosa, mas não, é que me criaram assim” (PONIATOWSKA, 2013, cap. 4, p. 2, tradução da autora).^{47 48}

A jornalista, todavia, não se afasta completamente da narração, ela se faz presente em algumas explicações sobre questões culturais e de eventos históricos. Nesse recorte, por

⁴⁴ Para mí era como la revelación de lo que es el pueblo mexicano. Me abrió la puerta a México.

⁴⁵ Jesusa Palancares, que era una mujer que se llamaba Josefina Bórquez, “me dejó muchísima huella, porque la vi, platique con ella [...] y ella me decía: ¡me está usted robando la luz, usted me lo vá a pagar! - Porque llevé una gran grabadora [...] Ella me marcó para toda la vida porque una gente de tanto carácter, de tanta dignidad. Y como platicaba, su lenguaje era maravilloso [...] Nadie habló como ella, y era tan valiente que se quedó grabada, y digo si todos los mexicanos son como esa mujer verdaderas estamos salvados.

⁴⁶ En su voz oía la voz de la nana que me enseñó español, la de todas las muchachas que pasaron por la casa

⁴⁷ Indico os capítulos em que os trechos se encontram devido ao fato de que o livro de Poniatowska que utilizo é em formato ebook Kobo, que contém uma paginação irregular, já que em cada novo capítulo recomeça a contagem de páginas a partir do número um. Assim indico os capítulos para facilitar a localização da citação.

⁴⁸ Así soy, no me gusta hablarle a la gente. Soy muy rara, han decir que estoy enojada, pero no, es que me criaron así.

exemplo, a jornalista explica um prato típico da culinária mexicana mas que tem diferentes denominações: “Também lhes dávamos *gina do shuba*, que em outras partes se chama *cuachala*, um molho de milho torrado”. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 4, p. 4, tradução da autora).

A jornalista também insere algumas informações com o intuito de localizar o leitor no espaço temporal no qual a narrativa é baseada. Ela usa como ponte um elemento da natureza para conectar dois acontecimentos geograficamente distantes, mas que um implicará no futuro do outro, sendo o primeiro da esfera pública, relacionado à história do México, e o outro particular, da vida da personagem: “Em 1911, Madero tomou a capital do México e foi então que o tremor ocorreu e muitos edifícios caíram. Ele tremia às quatro da manhã. Eu estava sozinha [...] (PONIATOWSKA, 2013, cap. 4, p. 9, tradução da autora).⁴⁹

Uma postura da jornalista é o destaque de citações feitas por Josefina sobre a situação social e econômica da personagem e sua família. Neste trecho a jornalista evidencia a escassez de recursos financeiros que influenciaram a personalidade da personagem, para isso ela faz uso de uma memória da infância: “como meu pai não tinha como me comprar nada, meus brinquedos eram pedras, uma flecha, um estilingue para atirar pedras e bolinhas de gude que ele mesmo polia. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 2, p. 6, tradução da autora).⁵⁰

Em outro trecho a jornalista denuncia a diferença entre as classes sociais, que provoca o sentimento de superioridade de um sob o outro.

Eu dormia no quarto da minha madrinha, mas com o cachorro, na varanda. No quarto dela havia uma daquelas varandas com grades de ferro. Eu não sentia frio porque lá fazia calor. Eu tinha um saco de dormir e meu travesseiro era um tijolo. Isso foi mais difícil do que as tropas. Mas eu era jovem, e como alguém jovem suporta! Não que minha madrinha fosse má, não, porque todos que têm dinheiro são assim. Pelo menos era assim naquela época, não sei se está diferente agora. Acredito que, desde que o mundo é mundo, as pessoas ricas permaneceram iguais, iguaizinhas, isso não vai mudar. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 5, p. 11, tradução da autora).⁵¹

⁴⁹ En 1911, Madero tomó la ciudad capital de México y fue entonces cuando ocurrió el temblor y se cayeron muchos edificios. Tembló a las cuatro de la mañana. Yo estaba solita [...].

⁵⁰ Como mi papá no tenía miedo de comprarme nada, mis juguetes eran unas piedras, una flecha, una honda para aventar pedradas y canicas que él mismo pulía.

⁵¹ Dormía en la recámara de mi madrina pero con el perro, en el balcón. En el cuarto de mi madrina había uno de esos balcones que tienen barandales de hierro. No me daba frío porque allá es tierra caliente. Tenía un petate y mi almohada era un ladrillo. Eso sí fue más duro que la tropa. Pero estaba joven y ¡que no aguanta una de joven! No es que mi madrina fuera mala, no, pues toda la gente de dinero es así. Al menos así era en aquellos tiempos, no sé si será distinta ahora. Yo creo que desde que el mundo es mundo, la gente rica se ha quedado igual, igualita, como quien oye llover.

Destaco também a existência de elementos históricos que a jornalista aborda na narrativa, mesmo que a personagem não apresente uma percepção clara dos impactos desses elementos para sua vida. É o caso da disputa entre o Catolicismo – fortemente disseminado no México durante a colonização espanhola – e o Protestantismo – que fazia parte da agenda estadunidense que buscava fazer imposições ao país latino-americano e contava com o apoio de um dos grupos envolvidos na Revolução.

Minha madrasta queria me mandar para a escola do governo, mas meu pai era muito... bem, muito bobo, ou melhor, muito ignorante porque ele nunca soube ler. [...] Mas meu pai disse que na escola do governo eu não iria mesmo que ensinassem melhor que as freiras, porque ele não era protestante. O que o protestantismo tinha a ver com o que me ensinavam a ler? [...] por causa do maldito protestantismo eles não me mandaram para a escola do governo, mas sim para as freiras que nunca me ensinaram a escrever ou ler. Apenas a rezar. [...] Minha madrasta era outro tipo de pessoa. Ela tinha estudo. Sua mãe, a senhora Fortunata, era tão ignorante quanto meu pai, falava a língua indígena zapoteca, mas minha madrasta conhecia a língua indígena e o espanhol porque, apesar de tudo, a senhora Fortunata a mandou para a escola. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 5, p. 16 - 18, tradução da autora).⁵²

O diálogo, enquanto meio para compreender o Outro se dá na obra com a descrição de distintas mulheres e sua interação com a personagem central. Em entrevista, Poniatowska (2018) lembrou seu compromisso com o resgate da memória feminina de momentos passados do México. Essa postura de destacar a visão das mulheres fica evidente em diversos trechos da obra, como:

As mulheres de Tehuantepec têm seu caráter, não são como as dos Defe que têm *atole*⁵³ nas veias. A senhora Felisa era de temperamento forte. Ela dava suas ordens e não me olhava mais. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 5, p. 6, tradução da autora).⁵⁴

⁵² Mi madrasta quería mandarme a la escuela del gobierno Pero mi papá era muy... pues muy tonto, para qué es más que la verdad, muy ignorante porque nunca supo leer. [...] Pero mi papá dijo que a la escuela del gobierno no iba aunque enseñaban mejor que las monjas, porque él no era protestante. ¿Qué tenía que ver el protestantismo con que me enseñaban a leer? [...] por culpa del maldito protestantismo no me mandaran a la escuela, sino con las monjas que no me enseñaron nunca a escribir ni a leer. Nomás a rezar. [...] Mi madrasta era otra clase de persona. Tenía estudio. Su mamá, la señora Fortunata, era tan ignorante como mi papá, indita de idioma zapoteca, pero mi madrasta sabía la idioma y el castilla porque con todo y todo la señora Fortunata la mandó a la escuela.

⁵³ Bebida doce, consumida quente, de origem mexicana feita à base de milho.

⁵⁴ Las mujeres de Tehuantepec tienen su carácter, no son como las del Defe que tienen atole en las venas. La señora Felisa era de nervios fuertes. Daba sus órdenes y no me volvía a echar el ojo.

Desde pequena falei espanhol. Com minha madrastra, aprendi a língua indígena zapoteca porque ela era tehuana, mas sabia as duas línguas. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 6, p. 14, tradução da autora).⁵⁵

Lúcia, a filha do general, estava empolgada com tudo. Quando eles ordenaram: "Peito no chão!", Ela se jogava como todos no chão e, assim, avançava e disparava com seu rifle. Ela nunca ficou com a impedimenta. [...] Todos a obedeciam. Ela verificava o pontaria dos homens. Treinava a cavalaria. Conhecía o calibre das balas e, com o pai, planejava ataques e defesas. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 8, p. 1 -2, tradução da autora).⁵⁶

Denúncias constantes na obra são feitas sobre as violências contra a mulher, trechos indicam desde agressões físicas e psicológicas – principalmente por parte do irmão mais velho e do marido da personagem – até abusos sexuais sofridos pela protagonista - cabe indicar que ela foi obrigada a casar – , para além da presença constante do machismo – inclusive entre as próprias mulheres. Isso reforça os diversos níveis de desigualdades experimentados pelas mexicanas citadas na obra e que reflete a realidade de um país inteiro, e porque não dizer, de todo um continente.

Uma noite em que ele chegou, e meu pai não estava, eu saltei como uma mola:

- Venha em mim, vá em frente, mas você não vai bater nela de novo!

Ele deu um tapa nela, mas não deu dois. Peguei um tronco tão grosso e, mesmo que eu mal pudesse lidar com ele, eu a defendi. [...] e isso que minha cunhada me batia também porque eu nunca aprendi a fazer tortilhas. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 3, p. 11, tradução da autora).⁵⁷

O que interessa aos soldados o consentimento de uma mulher? [...] Quando o general ordenou que ele entrasse em combate, ele o avisou: Por Jesusa não se apresse, ela fica com minha filha. Pedro respondeu: - Sinto muito, meu general, você manda em mim mim porque sou de sua tropa, mas na minha esposa você não manda; Em minha mulher mando eu e ela vai aonde eu a levar. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 8, p. 11, tradução da autora).⁵⁸

Eu andei com ele atrás do cavalo, para cima e para baixo. Pedro disse que quando visse [a Revolução] perdida, primeiro mataria a mim e, desde então, não me soltou

⁵⁵ Desde chiquilla hablaba yo castilla. Con mi madrastra aprendí la idioma zapoteca porque ella era tehuana, pero sabía las dos. Hasta la fecha entiendo el japonés, el catalán, el francés, el inglés porque trabajé con gringos. Como quién dice, trabaje con puros extranjeros y los de aquí siempre me han tratado como extraña

⁵⁶ La hija del general, la señorita Lucía, jalaba parejo con todo. Cuando ordenaban: “¡Pecho a tierra!”, ella se tiraba como todos los demás al suelo y así iba avanzando y disparaba su fusil. Nunca se quedó con la impedimenta. [...] Todos la obedecían. Revisaba la puntería de los hombres. Entrenaba la caballería. Conocía el calibre de las balas y con su papá planeaba ataques y defensas.

⁵⁷ Una noche que llegó y no estaba mi papá, salté como un resorte: - ¡Ponte conmigo, ándale, pero a ella no le vuelves a pegar! Le dio una cachetada pero no le dio dos. Agarré un leño así de grueso y aunque apenas podía con él, la defendí. [...] Y eso que mi cuñada me pegaba también porque nunca pude aprender a hacer tortillas.

⁵⁸ Qué les interesa a los soldados el consentimiento de una mujer? [...] Cuando el general le ordenó que saliera a combate, le avisó: Por Jesusa no te apures, ella se queda con mi hija. Pedro le contestó: - Lo siento mucho, mi general, usted mandará en mí porque soy de su tropa, pero en mi mujer no manda; en mi mujer mando yo y va donde yo la lleve.

e nunca mais me senti livre. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 8, p. 24-25, tradução da autora).⁵⁹

Ele me batia, batia em minha cabeça e eu ficava com as feridas e até mesmo o sangue e assim perdi meu cabelo que era longo e encaracolado. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 9, p. 7, tradução da autora).⁶⁰

Todas essas vivências levaram Josefina/Jesusa a tornar-se uma guerreira na Revolução Mexicana, não por escolha, mas para sobreviver e realizar o sonho de um dia voltar para sua casa e ser livre. Um dos pontos mais marcantes da obra é a descrição da participação de mulheres nas lutas armadas e na organização das tropas. A seguir alguns trechos que trazem essa descrição da Revolução por um ângulo distinto do comumente registrado em livros de História:

Nós, mulheres, nos mandavam na frente. Usávamos longas saias e todas, menos eu, um chapéu, um chapéu de petate [...] Se por acaso nos deparássemos com o inimigo e eles perguntasse quantas pessoas vinham no grupo carrancistas e se traziam armas suficientes, dizíamos que não, que eram poucos e com poucos recursos; se haviam dois mil ou três mil homens, dizíamos que eram apenas mil. Dizíamos tudo ao contrário e eles não percebiam. Então eles nos avisavam: sigam em frente, porque aqui vamos atacá-los. Na chegada, procurávamos preparar a comida para eles. Éramos cerca de dez ou quinze mulheres, à frente, depois vinha a vanguarda que é a que recebe os primeiros tiros. Então a retaguarda se preparava para atacar e se dispersava para cercar o inimigo. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 7, p. 3-4, tradução da autora).⁶¹

Chegávamos a um povoado e, se por acaso encontrávamos um cristão, eles mal queriam ver nossos rostos. Todas as pessoas estavam fugindo para as montanhas. Se vinham os zapatistas, eles os roubaram, se vinham os carrancistas, eles os roubaram, então? Para que lado os pobres iriam? Eles tinham medo de todos. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 7, p. 5, tradução da autora).⁶²

Assim foi a revolução, agora eu sou um desses [carrancistas], mas amanhã eu serei dos outros [zapatistas], com um vira casaco, a questão é estar com o mais forte,

⁵⁹ Andaba yo con él trás de su caballo, para arriba y para abajo. Dijo Pedro que cuando él la viera perdida, primero me mataba a mí, y desde entonces ya no me soltó y nunca me volví a sentir libre.

⁶⁰ Él me pegaba, me descalabraba y con las heridas y la misma sangre me enlagué y se me acabó el pelo que era largo y rizado.

⁶¹ A nosotras las mujeres nos mandaban de avanzada. Llevábamos enaguas largas y todas, menos yo, sombrero de petate. [...] Si por casualidad nos encontrábamos con el enemigo y nos preguntaba que qué cantidad de gente vendría de los carrancistas y si traían armamento suficiente, nosotros decíamos que no, que eran poquitos y con poquito parque; si eran dos mil o tres mil hombres, decíamos que eran mil nomás. Decíamos todo al revés y ellos no se daban cuenta. Luego nos avisaban: Adelántese porque aquí los vamos a atacar.

Al llegar procurábamos prepararles la comida. Veníamos como diez o quince mujeres, adelante, luego seguía la vanguardia que es la que recibe los primeros balazos. Luego la retaguarda se preparaba para atacar y se dispersaba para rodear al enemigo.

⁶² Llegábamos a un pueblo y si de casualidad encontrábamos a algún cristiano, no nos querían ni ver la cara. Todos los del pueblo jalaban pa'l monte. Si venían los zapatistas los robaban, si venían los carrancistas los robaban, entonces ? Pa' que lado se hacían los pobres? A todos les tenían miedo.

aquele tem mais recursos... Também é assim hoje em dia. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 7, p. 15, tradução da autora).⁶³

Haviam muitas criaturas de cinco, seis, sete anos que ficavam com as mães na impedimenta. Quase não haviam mulheres na campanha; Pedro me levou sem a ordem do general Espinosa y Córdoba; é por isso que eu me vestia como homem, para que fizessem vista grossa [...] eu sempre usei a arma no cinto; pistola e rifle porque a cavalaria carrega o rifle ao lado do cavalo. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 10, p. 16 - 17, tradução da autora).⁶⁴

O combate começou às três da manhã no escuro e tivemos muitas perdas [...] Amanheceu. Lutamos o dia todo; Eu estava com Pedro carregando o rifle. [...] quando lhe entreguei o rifle carregado não recebi o outro, me virei para ver e Pedro não estava mais no cavalo [...] mas ele já estava bem morto. (PONIATOWSKA, 2013, cap. 12, p. 3 - 4, tradução da autora).⁶⁵

Poniatowska assume para si a responsabilidade de relatar com profundidade e respeito a história e a identidade de Josefina, destacando a coragem, as marcas fonéticas, as crenças, opiniões e lembranças da personagem. E pelas experiências dessa mulher percorrer por diversos locais do México e revisitar uma série de acontecimentos marcantes da Revolução, bem como os bastidores das batalhas pelo olhar das mulheres. Por vias do Comprometimento que Poniatowska alcança um relato ímpar sobre o sofrimento das mulheres mexicanas, ao mesmo tempo em que se coloca em um processo de autoanálise das próprias origens e o contraste com as novas realidades com as quais se deparou ao longo do processo jornalístico.

Com uma “visão abarcadora de seu país, denuncia os estereótipos excludentes de uma sociedade eminentemente patriarcal, assim como as desigualdades sociais e a marginalização sociopolítica da mulher” (TIRLONI, 2018, p. 15), Elena demarca e compartilha algumas características do jornalismo narrativo latino-americano, ou seja, ela se mostra como “portadora de uma consciência artística-política e de gênero, caracterizada por uma escrita que propõe diálogo constante com o leitor” (TIRLONI, 2018, p. 14). Assim, o intuito da jornalista, para além da abordagem sobre a violência e as desigualdades sofridas por Josefina,

⁶³ Así fue la revolución, que ahora soy de éstos, pero mañana seré de los otros, a chaquetazo limpio, el caso es estar con el más fuerte, el que tiene más parque... También ahora es así.

⁶⁴ Había muchas las criaturas de cinco, seis, siete, años que se quedaban con la mamá en la impedimenta. Casi no iban mujeres en campaña; a mí me llevaba Pedro sin orden del general Espinosa y Córdoba; por eso me vestía de hombre para que se hicieran de la vista gorda. [...] Yo siempre usé pistola al cincho; pistola y rifle porque la caballería lleva el rifle a un costado del caballo.

⁶⁵ El combate comenzó a las tres de la mañana, en lo oscuro, y tuvimos muchas bajas. [...] Amaneció. Combatimos todo el día; yo iba junto a Pedro cargándole el máuser. [...] Yo todavía le tendí el máuser cargado, y como no lo recibía, volví a ver y Pedro ya no estaba en el caballo. [...] Pero ya estaba bien muerto.

era de apresentar, para mais pessoas, um perfil um tanto desconhecido: da mulher mexicana, pobre e que guerreou na Revolução.

4.6 O ANÚNCIO DE UM MOVIMENTO LATINO-AMERICANO

Após o relato das análises específicas das obras, proponho algumas aproximações entre as atuações de Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska. Primeiramente, com base no que pude observar nos livros – e com o auxílio de entrevistas, textos biográficos e documentários –, cabe compreender o jornalismo praticado por eles enquanto uma narrativa que pode provocar e ser provocada pelo exercício de Alteridade, do reconhecimento do Outro, da busca por identificá-lo e identificar-se. A participação do Outro marginalizado, nos relatos aprofundados desses quatro jornalistas, se mostra fundamental para garantia da Polifonia mesclada com o Comprometimento assumido por esses profissionais, para assim desenvolver uma narrativa com mais de uma perspectiva ou leitura. As vozes reverberam muitos questionamentos e reflexões, retrabalhadas pelo jornalista, para que os leitores acessem situações que antes desconheciam, e se sintam implicados por elas.

Uma preocupação em comum de Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska, que percebo ao longo da leitura e releitura analítica dos livros, é a de que esses relatos aprofundados, informativos e interpretativos, fazem com que suas narrativas de fôlego, em livro, perdurem ao longo dos anos, no sentido de não caírem no esquecimento, pois isso significaria, aos olhos desses jornalistas, o risco de reviver as injustiças – ou de fortalecer as que aos poucos vem sendo superadas – que escolhem e denunciar em suas obras.

Os livros de não ficção, como os de ficção, devem ser inscritos na honrosa tradição das letras e durar ou pelo menos ter a vocação de resistir. Eles são chamados de "periodismo" por falta de uma palavra melhor, mas não têm nada a ver com a periodicidade da mídia, o que os torna tão perecíveis quanto leite ou carne. Pelo menos em espanhol, não usamos a palavra em inglês ou francês, que especifica ainda mais o período das notícias: elas duram um dia, o *jour* de *journalisme* ou *journalism*. (HERRSCHER, 2013, p. 83, tradução da autora).⁶⁶

⁶⁶ A los libros de no ficción, como a los de ficción, se les debe exigir que se inscriban en la honorable tradición de las letras y que duren o que al menos tengan la vocación de perdurar. Se los llama "periodismo" por falta de una palabra mejor, pero no tienen nada que ver con la periodicidad de los medios, que los hace tan perecederos como la leche o la carne. Al menos en castellano no usamos la palabra inglesa o francesa, que precisa aún más el período de las noticias: duran un día, el *jour* de *journalisme* o *journalism*.

Outra característica agregadora é a de que os quatro, além da profissão no jornalismo, também atuaram com escrita fictícia, em forma de contos, crônicas, peças de teatro, roteiros de filmes e livros. Esse contato com a literatura, conforme meu entendimento, serviu como uma ponte entre o texto jornalístico e as técnicas literárias que eles já aplicavam em outras produções.

Muitos escritores começam suas carreiras como jornalistas, mas desde o início eles sentiram que o romance era para eles, o conto, talvez o teatro. Mas, em alguns casos, a principal vocação é contar histórias verdadeiras, e o desenvolvimento da ambição deveria levá-los a escrever histórias reais mais longas, mais complexas e mais profundas. Deveria, eu digo, porque no mundo editorial eles encontram agentes, editores, professores e amigos que os pressionam a entrar no romance. (HERRSCHER, 2013, p. 84, tradução da autora).⁶⁷

Todos os quatro, além de publicarem obras ficcionais, dedicaram-se ao jornalismo diário para experimentar sua escrita. Walsh encontrou no ofício informativo a possibilidade de permanecer escrevendo seus contos policiais, uma vez que, pela situação econômica da época ele não teria como se manter enquanto escritor, e como um espaço ideal para a realização de denúncias. Já García Márquez fez uso do jornalismo para manter constantemente ativo seu processo de escrita criativa, em alguns momentos ele até se afastou dos jornais para dedicar-se exclusivamente às ficções, mas sempre com um retorno garantido às redações, inclusive após ter recebido prêmios literários.

Callado e Poniatowska, já têm uma vivência diferente, pois eles partiram do jornalismo para experimentar a prática de um relato de fôlego, e isso acabou servindo como um trampolim para uma sólida carreira literária. Callado, apesar de ter atuado por muito tempo enquanto jornalista, se tornou mais conhecido por suas obras de ficção, e muitas vezes nem chega a ser citado como exemplo de jornalismo narrativo. Talvez isso se deu em função do brasileiro ter se afastado do jornalismo em um determinado momento de sua carreira, se voltando exclusivamente para a literatura.

⁶⁷ Muchos escritores comienzan su carrera como periodistas pero desde el principio sintieron que lo suyo era la novela, el cuento, tal vez el teatro. Pero en algunos casos la vocación principal es del contar historias reales, y el desarrollo de la ambición los debería llevar a escribir relatos reales más largos, más complejos, más profundos. Debería, digo, porque en el mundo editorial se encuentran con agentes, editores, maestros y amigos que los empujarán a saltar a la novela.

E a mexicana, que sonhava em ser jornalista, fez uso de sua notoriedade literária para garantir seu espaço nas redações de jornais. Poniatowska nunca deixou de exercer o jornalismo, e mantém isso até hoje, escrevendo para jornais mexicanos. Concomitantemente, segue se dedicando aos escritos literários, pois ela mesma diz que escreve para externar suas dúvidas, angústias, questionamentos e realizar denúncias (PONIATOWSKA, 2018).

Quanto à estrutura de seus livros-reportagem, os quatro jornalistas seguem uma ordem cronológica em que eles mesmos, juntamente com o leitor, descobrem os acontecimentos aos poucos. Ou seja, eles não se mostram no livro como oniscientes – já que confirmam as informações ao longo do relato – e nem como onipresentes – nos casos em que o jornalista é também narrador, ele somente se coloca em cena após o ocorrido, como aquele que investiga, já que não estava presente no momento do acontecimento. Além disso os autores optam por capítulos curtos, uma média de dez páginas cada, isso pode se dar por duas motivações, a primeira por terem sido publicadas – no caso de García Márquez e Walsh – no formato de reportagens em um espaço limitado de jornal/revista, e a segunda por interesse em promover uma dinâmica de leitura atrativa e instigante, pois ganchos são construídos entre um capítulo e outro, convidando a seguir com a leitura.

As obras também são divididas em partes, a apresentação dos personagens – com uma ampla caracterização física, psicológica e ideológica e uma ambientação detalhada de suas vivências – e os contextos antes do acontecimento; o ocorrido em si – indicando os momentos relativos a sua ocorrência, bem como seus detalhes e desdobramentos –; e por fim uma parte destinada à reflexão, que se coloca após a percepção da história e que convida a compreender o Outro com uma mirada mais acolhedora. Inclusive, nos primeiros capítulos em que se apresentam as personagens principais, os jornalistas tomam cuidado para fazer uma devida homenagem aos que não seguem ao longo da narrativa por terem sido vítimas do contexto – para exemplificar: outros investigadores que buscaram desvendar o mistério de Fawcett, os amigos de Livraga que não sobreviveram ao fuzilamento, os colegas marinheiros de Velasco que não alcançaram a balsa e a família de Jesusa, com destaque para a mãe que não pode preparar a filha para os desafios que viriam. Com isso, cabe destacar o uso de recursos literários para auxiliar nos processos descritivos e de contextualização das fontes e do fato, e não somente como uma escolha estética para tornar o texto mais atrativo.

Os jornalistas ainda dão a entender, com algumas marcas textuais, sua aproximação com os personagens centrais – a relação de Callado com Anta e os irmãos Villas Boas, a admiração de García Márquez pela capacidade narrativa de Velasco, o apoio de Walsh à Livraga para denunciar o fuzilamento e uma amizade duradoura entre Josefina – Jesusa – e Poniatowska. Entendo essa atitude dos jornalistas como um movimento importante e esclarecedor, pois não escondem sua relação com as fontes, deixando claro seus envolvimento e empatias, para que o leitor tenha certeza de que as narrativas apresentadas pelos jornalistas sofrem interferência por essa aproximação e são atravessadas por suas experiências nessas relações, ao invés de esconder suas afinidades.

E por fim, a opção de relatar o acontecimento de modo aprofundado em livro não é somente uma relação conteúdo-forma – ou seja, enquanto espaço maior para incluir mais detalhes e informação – mas também como uma relação contexto-fórmula - pois as circunstâncias em que esses jornalistas se encontravam em seus países os submeteu a uma necessidade de mudar suas estratégias de construção do texto informativo para poderem apresentar as denúncias e explicá-las. “O jornalismo narrativo parte de um diálogo entre uma sociedade, com suas lógicas, suas lutas de poder, sua maneira de se olhar e discutir seus problemas e a mídia que serve de fórum, farol e espelho” (HERRSCHER, 2013, p. 75, tradução da autora).⁶⁸ O contexto interferiu tanto quanto – ou mais que – a questão estética, portanto. Vejo isso como resultado de um processo de adaptação e transformação do próprio jornalista, ao se ver como um intelectual latino-americano que deve apontar as injustiças – e também como a proposta de um modelo de jornalismo que permita o diálogo com a sociedade e instigue a reflexão do eu diante do Outro e de nossa relação.

⁶⁸ El periodismo narrativo parte de un diálogo entre una sociedad, con sus lógicas, sus luchas de poder, su forma de mirarse a sí misma y discutir sus problemas, y los medios de comunicación que le sirve de foro, faro y espejo.

EPÍLOGO: ESTÍMULOS PARA UMA CONTINUAÇÃO

Ao longo do desenvolvimento desta dissertação, assumi o desafio de compreender o jornalismo narrativo desde uma mirada latinoamericana. A pesquisa congregou esforços pela reflexão acerca de momentos históricos e produções textuais paradigmáticas da aproximação entre o jornalismo e a literatura na América Latina. Retomo as duas justificativas que me levaram a prosseguir com meus estudos sobre o jornalismo narrativo – iniciados ainda na graduação – e que deram origem à pesquisa e análise que apresento nesta dissertação: a necessidade por um retorno ao passado para compreender como esses repórteres, mesmo em contextos político-sociais tão complexos e ameaçadores, posicionaram-se e realizaram um fazer jornalístico baseado na ética para a realização de denúncias e para a reverberação de vozes constantemente silenciadas em nossas histórias latino-americanas, e por considerar impreterível a aplicação de reflexões originalmente latino-americanas sobre o modo de narrar apresentado nos livros-reportagem escritos por jornalistas na América Latina.

A partir disso, no terreno conceitual, considereei a ideia de Comprometimento, uma discussão da pesquisadora argentina Ana Maria Amar Sánchez, como matiz importante para o esforço reflexivo que foi realizado. Uma perspectiva pouco visível em pesquisas sobre a prática do jornalismo narrativo e que reforço ao longo da dissertação como um ótica de enorme potencial para compreendermos não só as obras de não-ficção em livros na América Latina, mas inclusive, outras produções jornalísticas características dessa parte do continente. Deixo aqui um convite para que mais pesquisas se sirvam dessa rica concepção pensada e trabalhada por uma investigadora latino americana, para fortalecermos assim uma mirada própria da América Latina sobre as produções que nela se originam, para desvencilharmos e pararmos de moldar nossas produções para que se encaixem em perspectivas que surgiram e se embasam em contextos não latino-americanos.

No capítulo “Personagens: percursos e entrecruzares metodológicos”, propus o aprofundamento sobre o uso das narrativas como espaço para o desenvolvimento da Alteridade – explicada a partir de Mikhail Bakhtin e relacionada à Comunicação e ao Jornalismo via Cremilda Medina, Dimas Künsch e Ciro Marcondes Filho – enquanto um caminho para a relação com Outro, a aproximação do nós, e a reflexão sobre o “eu”. Essa relação se dá a partir do diálogo, em que o “eu” e o Outro se percebem, ou seja, a palavra

funciona como ponte que conecta ambos os mundos e permite que eles transitem entre si. E essa conversa só é possível na existência da Polifonia na narrativa, pois somente com a presença de distintas vozes sociais é que se torna possível que interpretações particulares atravessem a percepção coletiva.

No jornalismo, a Alteridade é explicada pela ideia da Outridade – trazida a partir dos escritos de Camilla Freitas e Marcia Benetti –, a qual indica o repórter enquanto um ser que convive com o Outro no mundo, e a partir de encontros e diálogos, percebe e interpreta semelhanças e diferenças entre eles. O exercício do jornalismo, como gesto comunicativo e relacional, possibilita a Outridade, e quando praticado de uma maneira ética, torna possível caminhos para a compreensão, que culminam com o compartilhamento da voz do Outro, promovendo o respeito entre os atores sociais.

E a proposição do Comprometimento, visto por mim, como uma característica que potencializa o fazer jornalístico, pois possibilita que o jornalista represente em seus escritos a perspectiva do acontecimento a partir do ponto de vista de sujeitos marginalizados, ecoando suas vozes. Ao fazer isso, o repórter/intelectual assume para si a responsabilidade de denunciar injustiças e promover questionamento e reflexões visando estimular a mudança social. Conceitos que ao serem aproximados me permitem trabalhar a complexidade do meu objeto empírico.

Desse modo, a categoria de Comprometimento, pensada sob a luz da Outridade, num horizonte amplo da Alteridade – estabelecida no diálogo polifônico de distintas vozes sociais – como projeto – articulação desenvolvida por mim com base na proposta metodológica interdisciplinar organizada por Albert Chillón, chamada de *Comparatismo periodístico-literario* que é pouco usada em trabalhos brasileiros –, e do reconhecimento como gesto gerador de toda situação comunicacional plena, remetem a um fazer que mescla arte, na expressão de uma forma, de uma estética e de uma poética, com um dizer ao lado do outro – ao menos como intencionalidade/tentativa – e ao ofício, no sentido de uma expressão que ao meu ver desenha, conceitual e operativamente, traços próprios do jornalismo narrativo desenvolvido por Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska, ou de permitir identificar narrativas que, em seu interior, guardam uma chave interpretativa sobre os tons comuns da

prática jornalística e de uma ética de narrar que venha a caracterizar nossa constituição conjunta ao campo de saberes sobre o jornalismo.

É importante chamar atenção para a centralidade do encontro entre o jornalismo e a literatura no espaço dos livros, que inaugura um modo de ver e dizer que impacta a atuação dos quatro escritores como um todo. Sua faceta jornalística, no entanto, merece atenção devido a práticas específicas de narrar esse tempo e esse espaço. Ainda assim, como modo de também compreender vias do fazer jornalístico, está presente um interessante movimento por abrir aspectos que poderiam ser classificados como intervenções da subjetividade dos repórteres, ao mesmo tempo em que a complexidade que se descortina vem clamar por um relato alargado, aberto e, conforme interpreto, posicionado.

No capítulo “Contextos: aproximações entre jornalismo e literatura”, me dediquei ao resgate de períodos e ocasiões que teriam estimulado a aproximação entre o jornalismo e a literatura, alcançando a expressão do híbrido primeiro via reportagem e em sua expressão máxima em relatos profundos apresentados em livros de não-ficção. Além de elencar algumas práticas comuns no exercício do jornalismo narrativo, destaquei características particulares já indicadas por outros pesquisadores latino-americanos acerca do jornalismo narrativo próprio da América Latina, sendo elas a Polifonia, com a expressão das mais variadas vozes sociais de sujeitos subalternos, a escolha por assuntos de interesse social e seus recortes e abordagens partindo de denúncias e a riqueza de detalhes com que as vozes, os contextos e ambientações são apresentadas nas narrativas escritas por jornalistas latino-americanos. Também inclui outra característica, a autorreflexão praticada por esses jornalistas em seus escritos, uma vez que ele levantam questionamentos sobre sua própria função enquanto jornalista, sobre a interferência dos veículos de comunicação nos relatos, sobre o silenciamento imposto a diversos grupos e as possibilidades de mudança social.

Na sequência, ao conhecer mais sobre a vida de Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska e olhar suas obras mais atentamente, pude concluir que, para além da qualidade textual desses jornalistas, suas produções merecem um reconhecimento maior por proporcionar aos leitores a possibilidade de reflexão. Os livros-reportagem publicados entre as décadas de 1950 e 1960 se fazem relevantes para o cenário atual por servirem como exemplo de uma análise necessária sobre os momentos históricos e suas facetas

político-sociais que deixam marcas profundas na América Latina, como as ditaduras, os movimentos sociais, os líderes populistas, os meios de comunicação submissos e outros exemplos.

Os quatro demonstram, com sua caminhada pelo jornalismo, que a função do jornalista pode e deve ir além do informar, pois em um contexto de injustiças sociais, não tomar a posição da denúncia e da busca pela justiça é o mesmo que posicionar-se a favor de tiranos, opressores e as desigualdades impostas por eles. Compreendo o jornalista comprometido como aquele que interpreta o acontecimento, observa seus desdobramentos e percebe que as consequências do silêncio são tão ameaçadoras quanto o fato em si. O compromisso não se dá ao dizer o que já sabemos, mas sim ao questionar, ao provocar a inquietude, ao nos fazer pensar nossas ações e posições diante desses Outros, indicando um importante traço nas produções latino-americanas.

Conforme apresentado no capítulo “Clímax: a leitura atenta dos livros-reportagem”, encontrei nas obras *Esqueleto na lagoa verde*, *Relato de un naufrago*, *Operación masacre* e *Hasta no verte Jesús mío* marcas que me possibilitaram responder o problema de pesquisa ao concluir que Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska contribuem para a identificação de um fazer jornalístico narrativo próprio da América Latina por terem assumido o compromisso de denunciar injustiças sociais, reverberando vozes de sujeitos postos à margem, em uma narrativa jornalística de fôlego em livro, atrativa, empática e, ainda, perene.

Com a análise narrativa, valendo-se dos conceitos de Polifonia, Alteridade/Outridade e Comprometimento, baseada no método comparativo de Chillón, foi possível alcançar o terceiro objetivo específico, ao estudar a utilização da literatura como uma ferramenta amplificadora do narrar jornalístico, por possibilitar que mais detalhes sejam adicionados ao relato do acontecimento e à descrição das fontes/personagens, e, conseqüentemente, que mais informações sejam apresentadas aos leitores. Assim, dando conta do objetivo geral, encontrei pontos de semelhança entre a atuação desses jornalistas, como: a entrevista em profundidade, a organização das informações em linearidade cronológica, desenvolvimento de uma narrativa permeada pela Outridade, a presença de vozes sociais variadas garantindo mais pontos de vista sobre o acontecimento, a busca pela realização de uma denúncia que permaneça ao longo dos anos e a provocação para que o leitor reflita sobre o narrado.

Para concluir, a pesquisa dá indícios da existência de um paradigma no híbrido jornalismo narrativo latino-americano – abrangendo o primeiro objetivo específico – que necessita de mais estudos para ampliar o desenvolvimento dessa perspectiva. Também foi possível compreender que os contextos políticos, sociais e econômicos da época desses jornalistas instigaram a busca de novas estratégias para a apresentação de denúncias relacionadas aos acontecimentos narrados - resolvendo o objetivo específico de número dois. Por isso, é importante reiterar, o fazer jornalístico e narrativo de Callado, García Márquez, Walsh e Poniatowska não se limita a uma relação estética entre conteúdo e forma.

Para além de representar uma contribuição conceitual, do ponto de vista operacional, para os estudos sobre o jornalismo narrativo, acredito que a presente investigação possa reverberar em reflexões futuras acerca das formas narrativas e modos de expressão de posicionamentos dos jornalistas, que se fazem possíveis no encontro entre o jornalismo e a literatura. Essa pesquisa não esgota as possibilidades de investigação desta temática nem dos jornalistas aqui trabalhados. Ao contrário, abre espaço para mais questionamentos e estudos que buscam aproximar os países latino americanos pelo reconhecimento de práticas, de linguagens e de características em comum nas produções de não-ficção desenvolvidas por nossos jornalistas.

Deixo por fim um apelo, pois com os contextos preocupantes que vem se colocando – ou seria viável dizer reassumindo – ao longo dos últimos anos na América Latina, com o crescimento da violência contra jornalistas, da perseguição política, de ações brutais baseadas no racismo e no machismo, de governos que se sentem confortáveis para flertar com o fascismo e de medidas que provocam a desigualdade social já tão latente nos países latino americanos, se torna ainda mais urgente a necessidade por pesquisas que se debrucem sobre o papel social do jornalista, sobre a importância do seu encontro respeitoso com o Outro e sobre o jornalismo como espaço de denúncias.

REFERÊNCIAS

ADOUE, S. B. **Rodolfo Walsh, o criptógrafo**. 2008. 210 p. (Tese – Doutorado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, 2008. In: Biblioteca Digital da USP – Teses. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-20032009-170439/pt-br.php>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

AMAR SANCHEZ, Ana Maria. **El relato de los hechos – Rodolfo Walsh: testimonio y escritura**. 1ª ed. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1992.

AMAR SANCHEZ, Ana Maria. La Propuesta de una escritura. **Revista Iberoamericana**, vol. LII, nº 135-136, Ed. Abril-Setembro de 1986. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/4213/4381>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

AMAR SANCHEZ, Ana Maria. La ficción del testimonio. **Revista Iberoamericana**, vol. LVI, nº 15, abr – Jun. 1990. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/4724/4886>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

ANDRETTA, Cyntia Belgini. **A relação entre jornalismo e literatura em três romances-reportagens**. 2008. 126 p. (Dissertação – Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270252>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Ed. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Ed. 12ª. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski e estudos de linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BEZERRA, Paulo. Prefácio: uma obra à prova do tempo. In: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário - análise do discurso**. Série Jornalismo a Rigor. Vol. 7. Florianópolis: Insular, 2013.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. Ed. 4. São Paulo: Contexto, 2007.

BRAIT, Beth. **Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo** (dez obras fundamentais). In: Guia bibliográfico da FFLCH. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/002783877>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

CALLADO, Antônio. **Esqueleto na Lagoa Verde**: ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARMINATI, Fábio. **A utopia perdida**: Literatura e revolução no Brasil de Antônio Callado. 2014. 190 p. (Tese – Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CHILLÓN, Albert. **Literatura y Periodismo**: Una tradición de relaciones promiscuas. Barcelona: Bellaterra, 1999.

DRAVET, Florence Marie. Por um jornalismo latino-americano realista, literário e mágico: uma leitura das crônicas de Gabriel García Márquez. **Logos**: Dossiê Realidade e Ficção. Edição 38, vol. 20, n. 1, p. 73 - 85 , 1º semestre. UERJ: Rio de Janeiro, 2013.

FERNÁNDES, Moisés Limia. **Relaciones entre periodismo y literatura en la obra de Gabriel García Márquez**: historia, mito y violencia. 2010. 788 p. (Tese – Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2010.

FERREIRA JUNIOR, Carlos Rogé. **Literatura e jornalismo, Práticas Políticas**: Discursos e Contradiscursos, O Novo Jornalismo, O Romance-reportagem e os Livros-reportagem. São Paulo: Edusp, 2003.

FLASHBACK. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em:

<<https://www.dicio.com.br/flashback/#:~:text=Significado%20de%20Flashback,recorda%C3%A7%C3%A3o%20de%20algo%20passado%3B%20lembra%C3%A7a>>. Acesso em: 30 mai. 2020.

FREITAS, Camila. Alteridade e Jornalismo: a Outridade na editoria Mundo da Folha de S. Paulo. 2017. 124 p. (Dissertação - Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FREITAS, Camila; BENETTI, Marcia. Alteridade, Outridade e Jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. **Brazilian Journalism Research**, v. 13, n. 2, p. 10-29, ago. 2017. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/989/930>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Relato de um naufrago**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Viver para Contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.

HERRERO GIL, Marta; DÍEZ MÉNGUEZ, Isabel. Bio-bibliografia de y sobre Elena Poniatowska Amor. **Revista América sin nombre**, 2008. ISSN 1577-3442, p. 166-183. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/10592/1/ASN_11-12_26.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2019.

HERRSCHER, Roberto. **Periodismo narrativo: cómo contar la realidad con las armas de la literatura**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2013.

KAIMOTI, Ana Paula Macedo Cartapatti. **Ossos e espelhos mortos - Uma leitura de Reflexos do Baile e Esqueleto na lagoa verde, de Antônio Callado**. 2007. 185 p. (Tese – Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

LEAL, B.Carvalho, C. (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

KÜNSCH, Dimas A.; AZEVEDO, G. F., BRITO, P. D., MANSI, V. R. (Org.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/04/E-book-Comunica%C3%A7%C3%A3o-Di%C3%A1logo-Compreens%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a Comunicação: contatos antecipados com a Nova Teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTINELLI, Marcos. **Antônio Callado, um sermonário à brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: um gênero em expansão. In: Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.32, n.2, p. 199-215, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/267/260>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. In: Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, vol.40, n.3, p. 21-36. Set. – dez. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v40n3/1809-5844-interc-40-3-0021.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

MARTINS, Lilian Juliana. **Antonio Callado jornalista: A narrativa da grande reportagem e o ideal do Brasil possível**. 2018. 327 f. (Tese – Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru, 2018.

MCCAUGHAN, Michael. **Rodolfo Walsh – Periodista, escritor, revolucionario, 1927 – 1977**. Bogotá: LOM Ediciones, 2015.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem: reflexos e reflexões na memória do repórter**. São Paulo: Summus, 2014.

MEDINA, Cremilda. Deficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. **Matrizes**, ano 2, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/181/303>. Acesso em: 11 mai. 2019.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

OSORIO VARGAS, Raúl Hernando. **El reportaje como metodología del periodismo - Una polifonia de saberes**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2017.

PERES, Ana Cláudia. **Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas**. São Paulo: Galáxia, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/n31/1982-2553-gal-31-0092.pdf> Acesso em: 03 jun. 2019.

PESSA, B. R. Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações. In: **14º Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**, 2009. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20C3%A9_%20para%20qu%203%AA%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf. Acesso em: 21 de jul. de 2019.

PONIATOWSKA, Elena. **Hasta no verte Jesús mío**. Cidade do México: Ediciones Era, 2013. Kobo e-book. eISBN 978-607-445-220-4. Paginação irregular.

PONIATOWSKA, Elena. **Ese sí fue amor del bueno**. [Entrevista concedida a] Virginia Bautista. Excelsior, México, on-line, 21 jul. 2019. Disponível em: <https://www.excelsior.com.mx/expresiones/ese-si-fue-amor-del-bueno-poniatowska-recuerd-a-amistad-con-josefina-borquez/1325686>> Acesso em: 15 abr. 2020

PONIATOWSKA, Elena. **¿Qué personajes dejaron huella en Poniatowska?** [Entrevista concedida a] Carmen Aristegui. CNN México, on-line, vídeo, 20 nov. 2013. Disponível em: <https://youtu.be/Bx1gG7dKaqM>>. Acesso em: 15 abr. 2020

PONIATOWSKA, Elena. **La tradición indómita de Elena Poniatowska**. [Entrevista concedida a] Jorge Carrión. The New York Times - América Latina, on-line, 27 mai. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2018/05/27/espanol/america-latina/elena-poniatowska-indomitas.html>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PUERTA MOLINA, Andrés Alexander. Crónica latinoamericana: ¿Existe un *Boom* de la no ficción? **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, vol. 23, n. 1, p. 165 - 178, 2017. ISSN-e: 1988-2696. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5209/ESMP.55589>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

SANTANA, Bruno Cruz. **Mario de Andrade e Roberto Arlt: visões da cidade moderna**. 2017. 112f. (Dissertação – Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

SCHERER, Marta. O jornalismo latino americano de um Nobel da literatura: Gabriel García Márquez e sua notícia de um sequestro. In: **10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, nov. 2012.

SCHUESSLER, Michael K. **Elenísima**: Ingenio y figura de Elena Poniatowska. México: Editorial Planeta Mexicana, 2003.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TIRLONI, Larissa Paula. **Lilus Kikus, de Elena Poniatowska**: estrangeiridades, multiplicidade linguístico-cultural e tradução. 2018. 218 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.

WALSH, Rodolfo. **Operação massacre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.